



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA
AMAZÔNIA

ALINE LUIZA FERNANDES GOMES

A GUERRA TÃO PERTO DE NÓS: A I GUERRA MUNDIAL EM
JORNAIS DE BELÉM-PA (1914-1918).

Belém

2021

ALINE LUIZA FERNANDES GOMES

A Guerra tão Perto de Nós: A I Guerra Mundial em Jornais de Belém-Pa (1914-1918).

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (PPHIST), da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito para a obtenção do título de Mestre em História Social da Amazônia.

Orientadora: Prof. Dr. Franciane Gama Lacerda.

Belém

2021

A guerra tão perto de nós: a I Guerra Mundial em Jornais de Belém-Pa (1914-1918).

Aline Luiza Fernandes Gomes

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (PPHIST), da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito para a obtenção do título de Mestre em História Social da Amazônia.

Orientadora: Prof. Dr. Franciane Gama Lacerda.

Aprovada em: 20 de agosto de 2021

Banca examinadora:

Franciane Gama Lacerda (Orientadora – UFPA)

William Gaia Farias – (Avaliador Interno – UFPA/PPHIST)

Eva Dayna Felix Carneiro (Avaliador Externo – IFMA)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com
ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos
pelo(a) autor(a)**

G633g Gomes, Aline Luiza Fernandes.

A Guerra tão Perto de Nós: a I Guerra Mundial em jornais de Belém-Pa (1914-1918) / Aline Luiza Fernandes Gomes. – 2021.

148 f. :il.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Franciane Gama Lacerda

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Belém, 2021.

1. Primeira Guerra Mundial. 2. Jornais. 3. Belém-Pa. 4. Cidade. 5. Cotidiano. I. Título.

CDD 940.3

RESUMO

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918), se desenvolveu na Europa, marcada por disputas imperialistas entre nações do século XX. Foi um conflito essencialmente europeu, mas acabou por envolver vários países do mundo, como por exemplo, o Brasil, e até mesmo, o espaço alvo desta pesquisa, a cidade de Belém no estado do Pará. Essa cidade amazônica, mesmo estando tão distante do *front* não deixou de expressar em seu cotidiano, marcado pela chamada crise da borracha, reflexos desse conflito. Nesse contexto, a mobilização da imprensa foi significativa no processo de difusão das mais variadas notícias, das tomadas de decisão e posicionamentos sobre a guerra, e igualmente sobre vida em Belém. A presente dissertação investiga assim, de que forma esta Guerra foi representada nas páginas de jornais e igualmente analisa como esse evento expressou-se no cotidiano da capital paraense.

Palavras-chave: I Guerra Mundial, Jornais, Belém-PA, Crise da Borracha

ABSTRACT

The First World War (1914-1918) developed in Europe, marked by imperialist disputes between 20th century nations. It was an essentially European conflict, but it ended up involving several countries in the world, such as Brazil, and even the target space of this research, the city of Belém in the state of Pará. This Amazon city, even though it is so far from front did not fail to express in its daily life, marked by the so-called rubber crisis, reflections of this conflict. In this context, the mobilization of the press was significant in the process of disseminating the most varied news, decision-making and positions on the war and also on life in Belém. This dissertation thus investigates how this War was represented in the pages of newspapers, and also analyzes how this event expressed itself in the daily life of the capital of Pará.

Keywords: World War I, Newspapers, Belém-PA, Rubber Crisis.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	7
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I - REPRESENTAÇÕES DOS PRIMEIROS ANOS DE GUERRA EM JORNAIS DA CIDADE DE BELÉM-PA (1914-1916)	11
1.1. O que estava por vir: A eclosão da guerra na Europa e nos jornais de Belém.....	11
1.2. Notas sobre leitores	17
1.3. Como a guerra foi representada nos jornais de Belém no início do conflito	25
1.4. Os dois anos seguintes à eclosão do conflito	37
1.5. As imagens da guerra, presentes nos jornais de Belém	49
CAPÍTULO 2 - O BRASIL ENTRA NA GUERRA: A MUDANÇA NAS REPRESENTAÇÕES ACERCA DO CONFLITO	55
2.1. A neutralidade ainda presente	55
2.2. Os primeiros momentos de 1917	59
2.3. O torpedeamento de navios brasileiros e a revogação da neutralidade	67
2.4. A mudança no discurso sobre a Guerra	80
2.5. Da revogação da neutralidade ao reconhecimento do estado de guerra	82
2.6. O início da Mobilização Brasileira para a I Guerra Mundial	84
2.7. A participação brasileira ao lado das forças aliadas	88
2.8. O armistício	91
CAPÍTULO 3 - REFLEXOS DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL EM BELÉM DO PARÁ: CIDADE E COTIDIANO	99
3.1 O contexto da cidade de Belém durante a Primeira Guerra Mundial.....	99
3.2. Consumo cotidiano: alimentos, e outros produtos.....	107
3.3. A guerra nos cinemas de Belém	117
3.4. Festas em tempo de guerra: As comemorações na cidade de Belém, durante a I Guerra Mundial	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
FONTES	142
REFERÊNCIAS	143

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, que sempre me incentivou aos estudos, e me possibilitou meios para uma boa educação. Minha mãe é sinônimo de muitas coisas, dentre elas, garra, dedicação e determinação. Sem ela, nada teria sido possível.

Ao meu pai, que é um exemplo de ser-humano honesto e trabalhador, e que também contribuiu para a minha educação.

Agradeço às minhas tias e tios, por torcerem pelo meu sucesso, em especial a tia Ester, que já não está mais presente fisicamente, mas continua em nossa memória, e em nossos corações. Lembro como se fosse hoje, sua vibração, quando passei no vestibular.

Agradeço à Profa. Franciane, minha orientadora desde os tempos da graduação, quando fui bolsista do PIBID/História. Franciane é uma das pessoas que eu mais gosto nessa vida. A ela, toda minha admiração, por todo o seu empenho, dedicação e paciência. É minha fonte de inspiração no meio acadêmico.

Agradeço à minha amiga Ramayana, que também contribuiu para que eu pudesse dar continuidade a produção desta dissertação, sempre me incentivando e sendo meu porto seguro em muitos momentos.

Agradeço aos amigos e amigas que a História me deu; Jessica Pastana, Renata Machado, Jessica Maria e João Victor Furtado.

Agradeço aos professores que estiveram na minha qualificação; William Gaia Farias, que vem tecendo considerações muito importantes para o aprimoramento do meu trabalho desde a graduação, e a Sidiana Macêdo, que também muito contribuiu para a escrita desta dissertação.

À professora Eva Dayana que de forma muito educada, esteve presente na defesa desta dissertação, também contribuindo significativamente para esta produção.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História da UFPA e igualmente pela bolsa de Mestrado que recebi.

INTRODUÇÃO

A ideia de estudar a I Guerra Mundial, surgiu ainda no Curso de Licenciatura em História, para o desenvolvimento da monografia. No entanto, os estudos e o interesse pelo tema, vêm desde a época da escola, quando tive contato, pela primeira vez, com a temática das guerras mundiais, que era o assunto que mais prendia minha atenção, e o que eu mais gostava de estudar. Meus filmes preferidos, já naquele momento, eram os que retratavam a II Guerra Mundial. Isso se deve talvez, pela quantidade menor de filmes que retratem a I Guerra. Nos anos de 1914-1918, filmes com batalhas e com temas sobre o conflito mundial, enchiam as salas de cinema da cidade de Belém, por frequentadores ávidos por notícias e diversão. Infelizmente, hoje, ao buscarmos por estes filmes, não temos retorno, a não ser, por meio das propagandas dos jornais do início do século XX. Assim, esse gosto inicial pelos filmes de guerra e a formação acadêmica no curso de Licenciatura em História na UFPA, me levaram ao encontro de uma investigação histórica acerca da I Guerra Mundial e seus reflexos na capital paraense.

É perceptível que a II Guerra Mundial possui uma gama de estudos muito maior que a primeira, basta para isso, buscar trabalhos, filmes, documentários, e até mesmo, fontes sobre o tema. Por esse motivo, a necessidade da abordagem de estudos que tratem da I Guerra se faz necessária. Com isso, voltamos nosso olhar para a cidade de Belém (PA). Daí surge então, a ideia de estudar a I Guerra. Ora, se na escola, somente com os livros e revistas, o tema já me causava interesse, na universidade, quando, pela primeira vez, tive contato com as fontes históricas, o interesse aumentou ainda mais. Para além disso, moveu-me o interesse de investigar as experiências urbanas na capital paraense, considerando esse contexto de guerra, uma vez que tal evento ocorre justamente em um momento em que na Amazônia vai se delineando o processo de declínio das exportações de látex para o mercado exterior.

A literatura sobre as origens da I Guerra Mundial é vasta, e segundo Hobsbawm (2015), tal temática, “[...] já gerou vários milhares de volumes e continua a produzir literatura em quantidades impressionantes”¹, daí a necessidade de uma atenção a outras temáticas vinculadas a este evento, que marcou a vida de tanta gente. A Primeira Guerra Mundial, foi um evento que conectou-se à diversas populações. Foi o primeiro conflito, que “[...] envolveu todas as grandes potências, e na verdade todos Estados europeus, com

¹ HOBBSAWM, Eric J. A Era dos Impérios – 1875-1914 – 26ª ed – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019, p.21.

exceção da Espanha, os Países Baixos, os três países da Escandinávia e Suíça”.² Muitos países, segundo Hobsbawm, acabavam se envolvendo no conflito, mesmo não querendo.³ Como veremos a seguir, é caso do Brasil, que acabou sendo envolvido no conflito, por conta de torpedeamentos de navios brasileiros por submarinos alemães.

Foi uma guerra, que começou como um conflito essencialmente europeu “[...] entre a tríplice aliança de França, Grã-Bretanha e Rússia, de um lado, e as chamadas “Potências Centrais”, Alemanha e Áustria-Hungria, do outro, com a Sérvia e a Bélgica sendo imediatamente arrastadas para um dos lados [...]”.⁴ Mas como disse o autor, países eram envolvidos, posteriormente, mesmo não querendo.

Assim, como veremos a seguir, os jornais de Belém, abordam que o Brasil foi praticamente arrastado ao conflito, não querendo a guerra, mas sendo obrigado a entrar, para defender sua nação. A guerra, dessa maneira, envolveu além dos militares, os civis. E é exatamente isso que buscamos demonstrar ao longo desta dissertação; os reflexos desta guerra, na vida dos paraenses, leitores dos jornais da cidade de Belém, que de alguma forma estavam envolvidos com o conflito mundial.

Esta dissertação divide-se em 3 capítulos que se entrelaçam para entendermos por meio de jornais as representações e efeitos do conflito na cidade de Belém, tão distante dos campos de batalha europeus. Sendo assim, no primeiro capítulo, *Representações dos primeiros anos de guerra em jornais da cidade de Belém-PA (1914-1916)*, faço uma busca das representações que foram dadas à guerra nos três primeiros anos 1914-1916, período anterior a entrada do Brasil no conflito. Em 1914, no entanto, faço uma busca mais detalhada, começando por junho, mês que marca o atentado que vitimou o arquiduque austríaco Francisco Ferdinando e sua esposa Sophie. Esta busca detalhada se justifica pela necessidade de entender os significados que foram dados a esta guerra nos seus primeiros momentos, já que o que se dizia desde a Europa, era que a guerra duraria apenas até o Natal de 1914, ou seja, não se sabia exatamente o que estava por vir. Utilizo para isso, o conceito de representações de Roger Chartier. Além disso, busco rastrear, quem eram os leitores desta cidade, que se deparavam todos os dias com aquele conflito. O capítulo é finalizado com algumas imagens veiculadas nos jornais, e que retrataram a

² HOBBSAWM, Eric J. Era dos Extremos: O breve século XX – 1914- 1991. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 31.

³ Ibidem.

⁴ Ibidem, p.32.

guerra, aproximando assim os leitores, dos acontecimentos e dos países envolvidos no conflito.

No segundo capítulo, *O Brasil entra na guerra: a mudança nas representações acerca do conflito*, que compreende o período de 1917-1918, e que marca os dois últimos anos da guerra, continuo buscando as representações desta nos jornais de Belém. Nesse capítulo trata-se da entrada do Brasil no conflito, quando este rompe com as relações diplomáticas, revoga a neutralidade e declara o estado de guerra, respectivamente, contra a Alemanha. Com isso, as mudanças nos discursos sobre a guerra, mudam drasticamente. A partir disso, busco nestes jornais, as movimentações do Brasil em favor dos aliados, como por exemplo, a criação, em 30 de janeiro 1918, de uma Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG), com a intenção de operacionalizar a colaboração militar brasileira na Grande Guerra, e também o envio de enfermeiras e médicos para auxílio de feridos na França. Demonstro como a participação brasileira ao lado das forças aliadas não obteve destaque no jornal *Estado do Pará*, e finalizo o capítulo com o armistício, também representado nos jornais e revistas de Belém.

No terceiro e último capítulo, intitulado *Reflexos da Primeira Guerra Mundial em Belém do Pará: cidade e cotidiano*, analiso a cidade de Belém, em meio à crise da borracha e os efeitos da I Guerra Mundial, com a falta de alguns alimentos, a elevação no preço de produtos, e como isso era divulgado nos jornais. Abordo neste capítulo os reflexos e as representações da guerra nos jornais, aliada aos reflexos desta guerra, também no cotidiano dos moradores desta cidade, que vivenciaram o conflito, tanto nas páginas de jornais e revistas, quanto nas salas de cinema, com a veiculação de filmes e documentários sobre a conflagração. Finalizo o capítulo analisando as festas que aconteciam na cidade, como por exemplo o carnaval, o Círio de Nazaré, e as comemorações de fim de ano, buscando refletir sobre esse calendário festivo em tempos de guerra.

Na introdução desse trabalho de pesquisa não posso deixar de registrar que o momento pandêmico gerado pela *Covid 19*, experimentado hoje em todo o mundo, teve seu reflexo nesta dissertação. Problemas para realizar a pesquisa, questões relacionadas à saúde e perdas familiares, expressam-se no texto ora apresentado. Assim, essa é a dissertação possível para o momento, não exatamente aquela que eu gostaria de ter realizado. Contudo, creio que nos capítulos que seguem os leitores e as leitoras conseguirão captar a atmosfera de guerra e de crise que Belém do Pará experimenta entre 1914 e 1918.

CAPÍTULO I – REPRESENTAÇÕES DOS PRIMEIROS ANOS DE GUERRA EM JORNAIS DA CIDADE DE BELÉM-PA (1914-1916)

1.1 O que estava por vir: A eclosão da guerra na Europa e nos jornais de Belém

Era o ano de 1914, enquanto a população da cidade de Belém ainda se animava com as festas da quadra joanina, na Europa já se traçava os rumos do conflito que ficou conhecido como a I Guerra Mundial. Em poucos dias, os leitores de jornais paraenses como a *Folha do Norte* e o *Estado do Pará*, começaram a se deparar, em suas páginas, com as notícias, do insipiente conflito.

Assim, conforme aconteceu com outros periódicos brasileiros a Primeira Guerra Mundial foi narrada desde sua eclosão, como foi, a princípio, abordado nos jornais, com o assassinato do arquiduque austríaco Francisco Ferdinando, e de sua esposa Sophie, princesa de Hohenberg, culminando com as batalhas travadas nos *fronts*. Bombardeios e invasões eram abordados nas páginas dos jornais, e assim seus leitores foram tomando conhecimento do que acontecia nos países em conflito, como é possível observar na notícia: “O CONFLICTO AUSTRO-SERVIO - Causas próximas e causas remotas - PAN-ESLAVISMO E PAN GERMANISMO – Triplice aliança e tríplice entente- A possível conflagração europeia”.⁵ O título e subtítulos chamam a atenção dos leitores para uma possível conflagração europeia decorrente dos sentimentos nacionalistas, que culminaram com o assassinato do arquiduque austríaco Francisco Ferdinando, e chamava a atenção dizendo: “estamos num momento histórico de excepcional gravidade que bem pode se tornar o ponto culminante do século”.⁶

Possivelmente, “personagens” até então desconhecidos, começaram a fazer parte do dia a dia de muitos leitores, dos jornais paraenses. O arquiduque austríaco Francisco Ferdinando e sua esposa Sophie, talvez tenham despertado a imaginação das pessoas. Afinal, os jornais noticiavam as mortes de gente da nobreza europeia.

Compagnon (2014), aborda esta questão, do atentado, que vitimou o arquiduque e a princesa, em seu livro *O adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra*. Segundo o autor, no dia seguinte ao atentado, o acontecimento recebeu, no Brasil, um tratamento estritamente anedótico, publicado no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, em meio a outras notícias internacionais. Segue dizendo, que o ocorrido, nem sequer foi

⁵ Estado do Pará, Belém 29 de julho de 1914, p.1.

⁶ Ibidem.

evocado pelo *Correio da Manhã*, outro periódico do Rio de Janeiro, que se corrigiu na edição do dia seguinte, e narrou, a morte do sobrinho do Imperador Francisco José (1830-1916), como “[...] um drama familiar e dinástico e publicando a análise de um antigo representante do Brasil em Viena, segundo o qual o atentado não chegou a ter motivação política, e apenas confirmou a “maldição”, que desde os meados do século XIX atingia os Habsburgos”.⁷ Isso sugere que nesse contexto inicial de 1914, os articulistas apresentavam a morte de Francisco Ferdinando sem relacioná-la com seus possíveis desdobramentos.

O mesmo, aconteceu nos jornais de Belém. O assassinato do arquiduque é datado pelos jornais como acontecido em 28 de junho de 1914, no entanto, considerando-se as comunicações daquele contexto, vemos que as informações só apareceram dois dias depois. A primeira notícia tanto na *Folha do Norte*, como no *Estado do Pará*, apareceu no dia 30 de junho, sendo que no primeiro periódico, se encontrava na página 3 e no *Estado do Pará*, na primeira página. A *Folha do Norte* assim se referiu ao evento:

Vienna, 29 - Toda esta capital fremiu de dolorosa surpresa, pela manhã de hoje, com o assassinato bárbaro e odioso do archiduque Francisco Fernando, príncipe herdeiro do throno, e de sua esposa, a princesa Sophia.”⁸

Os leitores do *Estado do Pará*, tomavam então, conhecimento da triste sina do arquiduque e sua esposa, qualificada, no periódico, como uma “Dynastia infortunada”. Desse modo, o redator assim grafava o acontecimento: “Mais uma vez de luto o throno austriaco – Mais um tremendo infortúnio acaba de cair sobre a atormentada vida de Francisco José I, imperador da Austria e rei da Hungria [...]”.⁹ E assim como nos jornais do Rio, aqui não foi diferente, a notícia do atentado, se perdia entre outras sob o título, “O transporte na Amazônia”, “A visita dinamarquesa”, “A discussão do sitio na Camara”. Ou seja, ratificando a ideia de que o atentado era consequência de uma maldição na linhagem daquele povo, e não realizado por motivações políticas. Talvez isso tenha a ver com a questão de que aquela guerra, que em poucos meses, teve proporções gigantescas, a princípio era desconhecida por diversas populações, inclusive as de origem europeia. Ou seja, no início, o atentado que vitimou o arquiduque, pelo menos nos jornais paraenses pesquisados, e em alguns jornais da capital federal, o Rio

⁷ COMPAGNOM, Oliver. O adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra/Tradução de Carlos Nougué. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 2014, p. 37.

⁸ Folha do Norte, Belém 30 de junho de 1914, p.3.

⁹ Estado do Pará, Belém 30 de junho de 1914, p.1.

de Janeiro, foi como mais um episódio da infortunada dinastia e não como estopim de questões políticas que já se arrastavam há tempos.

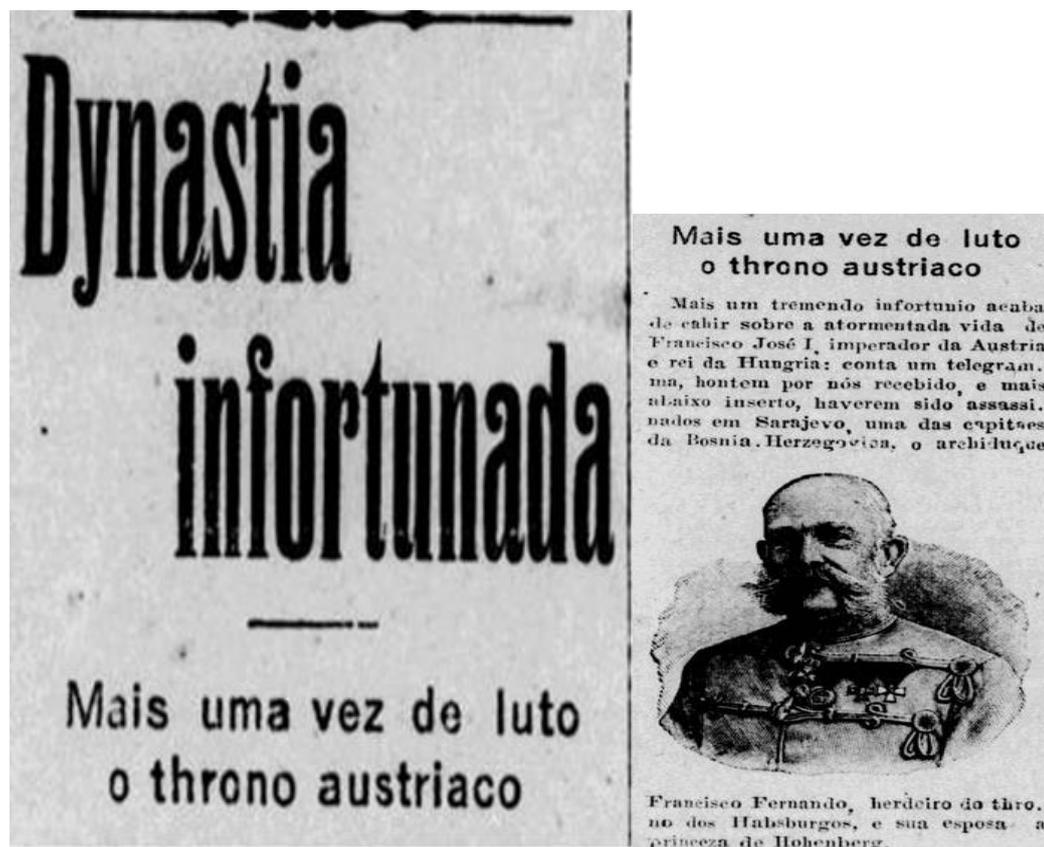


FIGURA 01- Primeira notícia sobre o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando. Estado do Pará, Belém de 30 de junho de 1914, p.1.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil

Compagnon (2014) mostra ainda, que, em Buenos Aires, a revista *Caras y Caretas* relatava o assassinato com riqueza de detalhes, informando inclusive o modelo da arma, que carregava Gravilo Princip (1894-1918), o autor dos disparos que vitimou os dois personagens da realeza. Enquanto que “[...] só as comunidades austríacas instaladas na Argentina e no Brasil parecem mostrar comoção pelo ocorrido e prestam algumas homenagens ao príncipe herdeiro”.¹⁰

O autor segue dizendo, que assim como na Inglaterra, onde o atentado de Sarajevo despertou apenas um interesse momentâneo, com a imprensa voltando rapidamente a outros assuntos, “[...] os diários brasileiros e argentinos dedicam apenas uma atenção limitada ao que parecia um simples *fait divers*”. Sendo assim, para que a guerra tivesse visibilidade, de fato, e passasse a ocupar a primeira página dos jornais, foi preciso esperar o ultimato do Império Austro-Húngaro, passado à Sérvia no dia 23 de julho”.¹¹

¹⁰ COMPAGNON, Oliver. Op. Cit., p. 37,38.

¹¹ Ibidem, p38.

Concordamos com Compagnon, pois um pouco disso também pode ser percebido nos jornais de Belém, pesquisados.

Conforme já lembrado na introdução, no capítulo ora apresentado nos deteremos em buscar uma análise das representações do primeiro ano de guerra, objetivando perceber os primeiros sentidos dados ao conflito, ou seja, como os jornais se posicionaram inicialmente com relação a este acontecimento, quando nem mesmo a população europeia sabia o que estava por vir.

A “Grande Guerra”, termo pelo qual a Primeira Guerra mundial ficou conhecida¹², é um tema que ainda precisa ser mais explorado, visto que ainda faltam muitos estudos sobre diferentes questões relacionadas à esta guerra. De acordo com Correia (2014), a historiografia que trata da Primeira Guerra já passou por alguns avanços, já foi modificada, transformada. Segundo essa autora, novos temas e abordagens já se fazem presentes, mas, mesmo tendo se passado cem anos do início do conflito, ainda há algumas lacunas a serem preenchidas. Conforme aponta Correia, “Apesar da importante multiplicidade de abordagens e temas, importa ressaltar que ainda são alguns os espaços a preencher pela pesquisa num momento em que se consagram 100 anos do início do conflito”¹³.

A afirmação acima é de um texto publicado por Correia em 2014 e que trata da historiografia da Primeira Guerra Mundial, este ano foi marcado pela efeméride dos cem anos do início do conflito, momento em que o tema esteve em evidência. Corroboramos com a ideia da autora uma vez que os trabalhos que abordam a Primeira Guerra, ainda não são muitos.

Segundo Mario Ojeda Revah (2014) “El impacto que provocó la Primera Guerra Mundial sobre América Latina es, todavía, una faceta desatendida de la historiografía latino-americana”, tanto que é possível afirmar que o campo de estudos sobre esta questão é essencialmente inexplorado.¹⁴ De acordo com Renzo Ramirez Bacca (2015) “Son pocos

¹² Sobre isso ver: SONDHAUS, Lawrence. A Primeira Guerra Mundial. Tradutor Roberto Cataldo. - São Paulo: Contexto, 2013.

¹³ CORREIA, Sílvia Adriana Barbosa. Cem anos de historiografia da Primeira Guerra Mundial: entre história transnacional e política nacional. Revista Topoi, Rio de Janeiro, v. 15, n. 29, p. 650-673, jul./dez. 2014, p. 658.

¹⁴ REVAH, Mario Ojeda. América Latina y la Gran Guerra. Un acercamiento a la cuestión Política y Cultura, Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Xochimilco Distrito Federal, México. Núm. 42, 2014, p. 8.

los historiadores que abarcan el conjunto de países latino-americanos y se preocupan por situar a latinoamérica en el contexto de la PGM”.¹⁵

A historiografia reconhece a existência do conflito, no entanto, é importante começar apontando que existem autores que não concordam com a afirmação de que a Guerra de 1914 foi uma Guerra Mundial, mas uma Guerra basicamente europeia. Rodrigues (1995) começa seu livro “A Primeira Guerra Mundial” respondendo à algumas perguntas, e uma delas é: “*Só no século XX temos guerras “mundiais”, guerras que envolvem numerosas nações?*”. Para o autor “o primeiro passo é saber quais são os parâmetros que definem uma ‘guerra’ como ‘mundial’”. Desse modo o autor aponta como critérios para tal “o número de nações participantes do conflito, o caráter planetário ou meramente regional das operações militares e o cunho global ou localizado dos interesses econômicos e políticos em jogo”. Sendo assim, Rodrigues acredita que uma guerra para ser considerada como “mundial” deve necessariamente satisfazer a estes três parâmetros, ou seja, para ele a “Grande Guerra de 1914 a 1918 não foi propriamente uma “guerra mundial”, mas um conflito basicamente europeu” e que com exceção do Japão “[...] todas as nações extra - europeias que participaram da Grande Guerra o fizeram em função da realidade europeia”.¹⁶

Outro ponto importante a ser mencionado é que a Primeira Guerra Mundial é também conhecida como a Grande Guerra. Isto, segundo Sondhaus (2013), se deve ao fato, de que talvez, os termos como “Grande Guerra” e “Guerra Mundial” foram os mais comuns nos anos entreguerras. Desse modo, Sondhaus mostra que a expressão Primeira Guerra Mundial foi utilizada pela primeira vez em setembro de 1914. Ao fazer declarações à imprensa norte-americana, o biólogo e filósofo alemão Ernest Haeckel, teria feito previsões de que o conflito iniciado seria a “Primeira Guerra Mundial” no sentido pleno da palavra¹⁷. No entanto, o autor mostra ainda que:

“O rótulo de “Primeira Guerra Mundial” só se tornaria corrente depois de setembro de 1939, quando a revista *Time* e uma série de outras publicações popularizaram seu uso como corolário da expressão Segunda Guerra Mundial”, mas já em 1920 o oficial britânico – e jornalista em tempos de paz – Charles à Court Repington publicou suas memórias da guerra sob o título *A Primeira Guerra Mundial, 1914-1918*.¹⁸

¹⁵ BACCA, Renzo Ramírez. “Estudios sobre la Primera Guerra Mundial en America Latina. Una mirada comparada”, Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura 42.2. 2015, p. 47.

¹⁶ RODRIGUES, Luiz César Barreto. A Primeira Guerra Mundial. 4. Ed - São Paulo: Atual: Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988, p. 2.

¹⁷ SONDHAUS, Op. Cit., p.13

¹⁸ Ibidem.

Hatings (2014), historiador e jornalista britânico diz que “na Grã-Bretanha de hoje, existe a crença generalizada de que a guerra foi tão horrenda que a validade das causas dos beligerantes quase não tem importância”.¹⁹ No caso de eventos que causaram mortes e destruição, refletir sobre os mesmos é fundamental, na medida que pode-se elucidar aspectos desse passado por meio da produção historiográfica. Desse modo, a afirmação de Silvia Correia faz sentido, uma vez que a autora enfatiza que “[...] o desejo de se fazer uma história transnacional do conflito”, quando da “rememoração dos cem anos do início da Primeira Guerra Mundial” em 2014, denuncia que “uma das principais causas do conflito — o confronto de nações — persiste nas políticas oficiais de memória, face às quais a historiografia não está ilesa de responsabilidades”.²⁰

Uma abordagem recente sobre a temática da I Guerra é a feita pelos historiadores Pablo Nunes Pereira e William Gaia Farias. Nesse trabalho, publicado em 2020 os autores discutem a atuação da Marinha de Guerra Brasileira²¹ na Amazônia investigando e analisando as principais ações da instituição. De acordo com os pesquisadores a cidade de Belém foi um porto importante na região nesse contexto de guerra. Assim, a referida pesquisa vai ao encontro de nossas perspectivas uma vez que Pereira e Farias compreendem a importância de se pensar “aspectos da Guerra e seus impactos, mesmo em espaços distantes do centro dos combates, mesmo porque o conflito internacional reverberou em diferentes partes do planeta”.²²

Nesse sentido, a presente dissertação volta-se para os reflexos causados pela guerra em uma capital amazônica, pois como menciona Rodrigues, a “Grande Guerra” realmente merece tal título, já que foi uma guerra total, que afetou “não somente os combatentes, mas também e principalmente, todos os habitantes das cidades e dos campos, exigindo deles sofrimento, esforços e sacrifícios quase insuportáveis”.²³ Além disso, Hobsbawm lembra que “desde a Primeira Guerra Mundial, o número de baixas civis na guerra tem

¹⁹ HASTINGS, Max. *Catástrofe - 1914: a Europa vai à guerra*. Tradução Berilo Vargas. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014, p.18.

²⁰ CORREIA. Op. Cit., p. 668.

²¹ Para entender a Marinha na Amazônia nesse contexto ver: PEREIRA, Pablo Nunes. *Os almirantes dos rios: relações sociais, poder e combate fluvial na Amazônia (1868-1924)*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará, 2021; PEREIRA, Pablo Nunes. *A Marinha de Guerra na Amazônia: Segurança e Modernização (1890-1918)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará, 2017.

²² PEREIRA, Pablo Nunes; FARIAS, William Gaia. *A Marinha do Brasil e a Primeira Guerra Mundial: reverberações do Conflito Internacional na Amazônia (1914-1917)* Revista da Escola Superior de Guerra, v. 35, 2020, p.29.

²³ RODRIGUES, Op. Cit, p. 28.

sido muito maior que as militares em todos os países beligerantes, com exceção dos EUA”.²⁴

Sabemos, obviamente que, distante do espaço da guerra em si, Belém não teve “perdas de civis”. Contudo, os desdobramentos mundiais do conflito chegaram às terras paraenses. Os jornais são um meio propício para se observar essa questão.

1.2 Notas sobre leitores.

Os veículos formadores de opinião pública, no início do século no Brasil, não eram muitos. Apenas os jornais e as revistas retratavam, noticiavam e influenciavam a sociedade de então. Diferentemente da sociedade midiática de agora, que entra no novo século multifacetada e tetrapolarizada entre televisão, rádio, Internet e imprensa escrita. Na década de 10, o cidadão das grandes cidades apenas lia o mundo, incapacitado tecnologicamente de vê-lo, ouvi-lo ou mesmo se conectar a ele. Através dos anúncios de jornais, e somente deles, produtos, desde o sabonete à aspirina, se tornavam marcas conhecidas e o conceito de fidelidade mercadológica desembarcava de forma maciça num país considerado pré-capitalista. Fora os jornais, não havia outro veículo de comunicação de massa. A prosa na rua talvez fosse a grande concorrente do jornalista profissional.²⁵

Neste tópico, buscamos de forma muito breve, alguns indícios acerca dos leitores da cidade de Belém. No contexto brasileiro, com a República, ainda se experimentava um ideário de progresso e civilização.²⁶ No cenário paraense, tem-se o momento da crise da borracha, no qual, a sociedade, ainda era bastante influenciada pelos padrões culturais do que ficou conhecido como a Bela Época Amazônica. No entanto, mesmo com a crise, verifica-se ainda uma permanência da economia extrativista. Mantem-se igualmente “a busca por construir um Estado civilizado, que representasse o desenvolvimento e o progresso que a República pretendia edificar [...]”, que “[...]expressou-se no Pará de diversas formas”, como aponta Lacerda (2010); “[...] no embelezamento e na urbanização da capital paraense, nas preocupações com a higienização, a disciplina e o controle do espaço urbano [...]”.²⁷

Almeida (2017) considera o período anterior à Primeira Guerra Mundial, como tendo sido marcado por progressos e prosperidade para os continentes americano e

²⁴ HOBBSAWN, Eric. Op. Cit. 1995, p.23.

²⁵ GARAMBONE, Sidney. A Primeira Guerra Mundial e a Imprensa Brasileira. Rio de Janeiro: Maudad, 2003, p. 37.

²⁶ Sobre isso ver; SEVCENKO, Nicolau. Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

²⁷ LACERDA, Franciane Gama. Migrantes Cearenses no Pará: Faces da sobrevivência (1889-1916). Belém: Ed. Açai/Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA)/ Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010, p.17.

europeu²⁸. Contudo, houve a eclosão do conflito e a consequente busca por tecnologias que auxiliassem nas disputas. Assim, de acordo com o autor:

No Brasil, o conflito ocorreu num período marcado pela busca da sempre sonhada modernização e inserção do país no ritmo da sociedade industrial. É certo que houve avanços em termos da estrutura de transportes e portuária, ainda que a abrangência geográfica estivesse restrita às áreas que produziam para o mercado internacional. A urbanização e incipiente industrialização teve consequências importantes para a imprensa, que também conheceu avanços, marcados pela modernização do maquinário dos jornais e a difusão das imagens, sobretudo a partir da incorporação direta das fotografias aos periódicos. As notícias da Europa, trazidas pelos cabos submarinos desde o final dos oitocentos, possibilitaram a nossa inserção nos debates e projetos das elites tidas como modelos para o progresso nacional.²⁹

A cidade de Belém não ficou fora desse processo de modernização. Um exemplo disso é a própria imprensa. Os jornais, já em 1914, apresentavam imagens e traziam diariamente informações não só regionais, mas nacionais e internacionais. Os jornais da cidade de Belém, do início do século XX, são, como aponta Vieira (2017) “[...] marcados por uma forte dinâmica, sendo espaço de debate e construção de valores, ideias e diversos projetos político-sociais”.³⁰

É importante lembrar, que, no Brasil colônia, a imprensa não existiu, pois “[...] O estatuto colonial português proibia e punia qualquer forma de construção e de circulação formais do pensamento[...]”, que era apontado sempre, “[...] como manifestação de uma dada heterodoxia em tese perniciososa e perigosa ao Estado e à sua hegemonia política nos espaços da colonização”.³¹ E com isso, “A imprensa, pelo menos entendida pela relação jornal-leitor, começou no Brasil em 1808, com a chegada da Corte portuguesa no Rio de Janeiro”.³² Segundo Coelho (2014);

De qualquer modo, e por força de situações reflexivas mais da ação do sujeito do que do coletivo social, o Pará seria uma das primeiras Províncias brasileiras a conhecer a imprensa, na forma do jornal O Paraense, cuja circulação começaria em 1822. Será este jornal, portanto, o ponto de partida da presença da imprensa no Pará e na Amazônia oitocentistas, um dado, repita-se, de grande significado

²⁸ ALMEIDA, Carlos Roberto de Melo. A Grande Guerra (1914-1918) e os Boletins Semanais de Júlio Mesquita. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2017, p. 4.

²⁹ Ibidem., p.5.

³⁰ VIEIRA, Elis Regina Corrêa. Manchete do dia: imprensa paraense e saneamento rural (1917- 1924). Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2016, p.9.

³¹ COELHO, Geraldo Mártires. O jornal O Paraense e as ideias liberais no Pará de 1822. Seminário Internacional Independências nas Américas – 190 anos da Independência do Brasil na Bahia. Fundação Pedro Calmon, 2014, p. 172.

³² Ibidem, p.173.

político e de expressiva dimensão simbólica na contemporaneidade paraense.³³

Assim, Coelho aponta ainda que, “no correr do século XIX, mais de trezentos jornais, com periodicidade extremamente variável, ganharam as ruas de Belém e as de muitos outros municípios paraenses”, e isso, em uma “[...] sociedade que conviveu com o instituto da escravidão até o final do Oitocentos, e em cujo interior era bem elevado o número de analfabetos [...]”.³⁴

Com relação a esse contexto dos jornais impressos na Amazônia, em *A construção da República no Pará (1886-1897)*, Farias (2016) assevera que a “transição do século XIX para o início do século XX, no Brasil, foi marcante do ponto de vista das mudanças sociais”. A partir de questões como, “abolição da escravidão, a intensificação da imigração estrangeira e a expansão de importantes cidades, com o aumento da população nas áreas centrais, tornando a rua cada vez mais pública”.³⁵ O que possibilitou novos debates, temáticas e discussões, no meio de comunicação mais importante daquele momento; os jornais. Além do que, “Apesar do alto índice de analfabetismo, a imprensa atrai novos leitores. As metrópoles estão inchando e hordas de mão-de-obra aumentam o proletariado. Este novo público está ansioso por inserir-se na conjuntura urbana”.³⁶ Ainda segundo Segundo Farias:

Os jornais, além de ser meios de comunicação capazes de informar eventos, promover transformações, divulgar notícias, também são construtores de relações sociais, divulgadores de propostas políticas e discursos. Constroem possibilidades de transformação à medida que provocam burburinhos nos locais públicos e privados mais movimentados.³⁷

Assim, o que estava presente nos jornais, além de informar a população que sabia ler, acabava por estar nos ouvidos e boca de quem não sabia, ou seja, mais válido do que saber quem eram os leitores, ou quem sabia ler, naquela época, é saber a quem, ou quais pessoas as notícias chegavam. É como bem aponta Garambone (2003) ao falar da imprensa brasileira em 1914, “Até então, o cidadão médio de uma cidade como o Rio de Janeiro costumava se informar indo às ruas, conversando nas esquinas ou lendo jornais [...]”.³⁸ E “Quem não sabia ler, pedia explicações ao vizinho de bonde”.³⁹

³³ Ibidem, p.172.

³⁴ Ibidem.

³⁵ FARIAS, William Gaia. *A construção da República no Pará (1886-1897)*. Belém: Açai, 2016, p.19.

³⁶ GARAMBONE, Sidney. Op.Cit, p. 39.

³⁷ FARIAS. Op. Cit. p. 47.

³⁸ GARAMBONE, Sidney. Op.Cit, p. 46.

³⁹ Ibidem, p. 22.

Os jornais do início do século XX na cidade de Belém, traziam temáticas variadas, que envolviam finanças, esportes, lazer e as informações regionais, nacionais e mundiais. Informando os eventos, divulgando as notícias, mas também construindo relações sociais e divulgando propostas políticas e discursos. Com relação a divulgação destas notícias e informações, Figueiredo (2005) aponta que nem sempre foi assim, já que “no correr do século XIX, vários governos, políticos e grupos sociais tentaram conter o desenvolvimento da imprensa local, justamente porque a informação e a polêmica dificultavam o exercício do poder”, mostrando que foi assim que a história da imprensa na Amazônia desde o início, esteve relacionada, “[...] com os conflitos entre os proprietários de folhas e a a engenhosidade dos legisladores, que não cansavam de criar regulamentos e dispositivos destinados a limitar a liberdade da imprensa e entravar a difusão dos noticiários”.⁴⁰ Para Figueiredo, “a imprensa modificou-se talvez no mesmo compasso que as elites políticas durante o processo de reorganização da província no pós-Cabanagem[...]”.⁴¹

No que diz respeito a imprensa Barbosa (2009), destaca, no entanto, que;

“[...] há que se ultrapassar a generalização frequente na historiografia brasileira, que rotula toda a imprensa do século XIX como atrasada, à mercê de permanente censura e que faz das tramas do oficialismo o destaque das publicações. (...) a modernização da imprensa não é prerrogativa do século XX, e ao longo de todo o século XIX muitos jornais buscaram maneiras de se modernizar. Mudanças nos modos redacionais e de impressão, inclusão de elementos visuais em suas páginas, transformação nos formatos, impondo ao longo dos anos 1800 o formato jornal, são alguns dos índices de transformação desses periódicos ainda no século XIX.”⁴²

A imprensa escrita, portanto, sem a concorrência de outros meios de comunicação do século XX, mas que no início deste século ainda não existiam, como o rádio e a televisão, difundia “[...] uma vasta produção noticiosa e ficcional, esquadrihada em diversas sessões e colunas. Eram as cartas, notas do governo, e principalmente os esperados folhetins diários ou semanais – as novelas da época.”⁴³

Quando nos detemos nos jornais pesquisados observamos que a organização dos periódicos, acima apresentada por Barbosa, ainda que se referindo a outro espaço, se aproxima do que os leitores encontravam em jornais como *Folha do Norte e Estado do*

⁴⁰ FIGUEIREDO, Aldrin Moura Figueiredo. Páginas antigas: uma introdução à leitura dos jornais paraenses, 1822-1922. Margens (UFPA), Abaetetuba, PA, v. 2, n. 3, p. 245-266, 2005, p. 246.

⁴¹ Ibidem, p. 248.

⁴² BARBOSA, Marialva Carlos. Formas de fazer jornal: história das práticas e processos jornalísticos. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, Ano 13 n.13, p. 55-70, jan/dez. 2009, p.60.

⁴³ FIGUEIREDO. Op. Cit. p. 252.

Pará. Em ambos existiam colunas diversas, que divulgavam eventos, abordavam as questões das finanças, envolvendo a economia, serviços telegráficos que traziam notícias de fora da cidade e do país, apareciam também os folhetins diários e semanais – as novelas da época, dentre muitas outras. Os leitores, nem sempre eram só os que possuíam melhores condições, os que tinham dinheiro para comprar os exemplares. Figueiredo (2005) mostra que os jornais, traziam também as novidades da indústria e do comércio e por conta disso alguns chegaram a ter distribuição gratuita, tendo sido incentivada pelo patrocínio de lojas e estabelecimentos comerciais da cidade. Com isso, “em março de 1915, a empresa de Correa Leite & Cia. lançou Kodak, que revolucionou e popularizou a arte fotográfica – tão importante naqueles tempos de guerra”.⁴⁴

No contexto aqui estudado, entre 1914 e 1918, vemos a importância que tem o serviço telegráfico, bastante presente nos jornais de Belém do início do século XX, por meio do qual as informações das agências de notícias internacionais chegavam até Belém. Segundo Barbosa, no Brasil “[...] a partir da introdução do telégrafo”, passa-se “a publicar, já na década de 1870, no dia seguinte ao próprio acontecimento, as notícias vindas da Europa”. Segundo Barbosa, “no primeiro dia editam pequenas notas com informações rápidas de lugares distantes. No dia seguinte, a mesma fórmula textual indica uma espécie de continuação para uma atualidade paulatina, gradual e mais lenta do mundo”.⁴⁵

O rastreamento dos possíveis leitores paraenses, pode ser encontrado nos jornais e revistas, fontes importantíssimas de pesquisa. Basta analisar algumas notícias as quais possuem destinatários, ou mesmo, as notícias que tinham autoria. No jornal *Estado do Pará*, por exemplo, havia textos de autoria do professor e literato Paulino de Brito e do advogado Mecenias Dourado, que possuíam posicionamentos contrários quanto ao lado a apoiar na guerra.

Nas revistas é possível encontrar pistas sobre possíveis leitores dos periódicos. Analisando, por exemplo, uma revista de 1912, intitulada “Revista do Ensino”, foi possível encontrar informações sobre um curso gratuito, que era destinado a operários e aprendizes de operários. Desmistificando assim, a ideia de que só sabia ler quem tinha maior poder aquisitivo. A propaganda voltada para o operariado e os aprendizes de operário: dizia o seguinte:

⁴⁴ Ibidem, p. 255.

⁴⁵ BARBOSA. Op. Cit. p. 62.

O Centro Catholico do Pará mantem nesta capital, desde março do corrente anno, um curso nocturno de primeiras letras e humanidades, inteiramente gratuito, para o operariado e aprendizes de operarios”. E, neste curso, que funcionava na sede do Centro, na praça Justo Chermont, nº21, oferecia as seguintes disciplinas, “Desenho, Geographia, Historia, Português, Apologetica, Arithmetica, Inglês, Geometria, Economia Social, e Primeiras Letras [...]”.⁴⁶

Além disso, mais uma possibilidade de encontrar os leitores, é identificar nos jornais e revistas, a quem eram apresentados determinados produtos que eram divulgados para vendas. Geralmente, as propagandas destes produtos podem ser encontradas nas duas últimas páginas dos jornais. Apareciam anúncios de diversos produtos, uns eram destinados apenas aos homens, outros às mulheres, outros serviam a ambos, como é o caso da “Loja especial de calçados Botas Ingleza” que aparece na imagem abaixo. Assim, a propaganda que destacava ter “as melhores marcas de calçados”, um “variadíssimo sortimento” além da “barateza”, de seus sapatos, enfatizava ainda ter “altas novidades para homens e senhoras”. Tais informações dão pista de que em 1914 aos jornais também eram alvo de leitura das mulheres.



FIGURA 02- Propaganda de botas. *Estado do Pará*, Belém 24 de novembro de 1914, p.5. Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil

⁴⁶ Revista do Ensino, v.2, n.10, 15 de junho de 1912, p. 306.

Uma outra evidência das mulheres enquanto leitoras dos jornais, pode ser percebida em textos voltados para o cuidado com a casa, com os filhos e igualmente nos anúncios cujos remédios prometiam a cura de moléstias variadas. É o que se pode perceber em um anúncio de fevereiro de 1917, da *Pharmacia Dermol* e da *Pharmacia e Drogeria Nazareth*, da capital paraense, cujos medicamentos prometiam acabar com “moléstias da pele”, permitindo assim a “beleza da mulher”⁴⁷. Nogueira e Lacerda enfatizam que os leitores e leitoras de jornais paraenses deparavam-se “constantemente nas páginas dos periódicos com notícias e anúncios relacionadas à saúde e às doenças”. De acordo com as autoras, “entre as notícias dos jornais que circulavam na capital e no interior do Pará, era possível encontrar vários anúncios de profissionais de saúde de diferentes áreas, como dentistas e oculistas”. Assim, “alguns desses profissionais também destacavam-se propagando a cura de doenças femininas e a atenção na hora dos partos”. Conforme as autoras “Tais anúncios, sugerem especialidades médicas voltadas para o trato com o corpo e com partes específicas desse corpo, como os dentes, os olhos e com momentos da vida como infância, o momento do parto”⁴⁸. Tal conclusão também fornece pistas de que a imprensa fazia parte da vida de muitas mulheres que tinham acesso à leitura. Desse modo, quando nessa parte da dissertação, nos voltamos para pensar nos possíveis leitores dos periódicos não podemos nos furtar de elencar entre estes, leitoras mulheres.

Em 1915, quando a guerra mesmo que distante, fazia parte da vida dos belenenses, um outro problema para a cidade, foi a chegada de muitas levas de pessoas em virtude da grande seca que assolava o Ceará. Nessa ocasião foram realizados eventos de caridade divulgados diariamente no jornal *Folha do Norte* como um festival no Teatro da Paz. E com isso podemos ter um exemplo da diversificação de leitores daquele contexto. Assim, na programação pode-se também perceber possíveis leitores do periódico: O programa do espetáculo divulgado pela *Folha do Norte* era o seguinte: *Um eco dos sertões flagelados*, palestra pelo Dr. Almeida Genú, *valsa* por mlle. Helena Nobre, *Monólogo*, por Octavio Pires Junior; *Poesias*, de Dona Elmira Lima, de Nicolino Milano, *solo ao violino*, por Alberto Falcão, *Canção do Toureador*, Bizet; *Carmem*, por Ulisses Nobre, *Salada de frutas*, opereta pelas meninas Pombo, *Prosa*, de Hamilton Barata, *Concerto*

⁴⁷ Estado do Pará, Belém, 7 de fevereiro de 1917, p.6.

⁴⁸ NOGUEIRA, Yasmin Carina Nunes e LACERDA, Franciane Gama; 'Uma Aparência Sã e Florescente': representações da saúde feminina nos jornais paraenses (1910-1920). *Gênero na Amazônia*, Belém, v. 16-18, 2020, p. 385.

pela Tuna Luso Caixerai, *Assalto d'armas* por uma turma de alunos da Escola de Aprendizagem de Marinheiro, e *Breves Palavras*, pelo orador da Assistência ao estudante de direito, sr. Genaro Ponte Sousa. O acompanhamento ao piano será feito pelo professor Manoel Paiva.⁴⁹

Ainda sobre pistas dos leitores e leitoras, Cardoso (2020), discutindo a produção de livros escolares no Pará entre finais do século XIX e primeiras décadas do século XX destaca que havia em Belém “uma intensa circulação e produção de impressos, livros, jornais diários, jornais semanários, revistas pedagógicas, revistas ilustradas e algumas publicações de caráter efêmero, engendrados por ações de grupos de intelectuais”.⁵⁰ Tais dados sugerem a presença de um público leitor. Isso nos permite pensar que no contexto da I Guerra, os jornais foram importantes por construírem uma imagem da guerra em folhas matutinas e vespertinas. De acordo com a autora “entre 1890 e 1920, existiam na capital uma profusão de casas comerciais dedicadas ao comércio livreiro, localizadas especialmente em ruas de mais movimento comercial como a rua Santo Antônio, Rua 15 de Novembro, e travessa das Mercês [...]”.⁵¹

Em 1917, no auge da Grande Guerra, a produção de impressos se mantinha importante, e os jornais continuavam trazendo notícias da grande conflagração europeia. Apesar disso, em virtude da crise da economia da borracha, e possivelmente até mesmo pelas dificuldades da Guerra, havia problemas operacionais para se levar ao público leitor alguns impressos como os livros. Segundo Cardoso, um exemplo disso é o que ocorre com a Imprensa Oficial do Estado, que “apesar de uma produção intensa, especialmente para atender as demandas do Estado”, passava por “dificuldades sobretudo técnicas” necessitando de “modernização dos equipamentos, já que as máquinas existentes estavam operando há vinte e seis anos, desde a fundação do órgão em 1891”.⁵² Contudo, nesse cenário de crise do látex e de guerra, os jornais, que eram um dos meios de comunicação mais importantes, senão o mais, da época, persistiam, e continuavam levando as informações ao seu público leitor.

⁴⁹ Folha do Norte. Belém, 11 de setembro de 1915, p. 2. Sobre o evento ver: LACERDA. Op. Cit., 2010, p.234.

⁵⁰ CARDOSO, Wanessa Carla Rodrigues. *Arautos da Civilização: Circuito de Livros de História Pátria no Pará (1890- 1920)*. Tese de Doutorado Defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará, 2020, p. 176.

⁵¹ *Ibidem*, p.195.

⁵² *Ibidem*, p. 204.

1.3 Como a guerra foi representada nos jornais de Belém no início do conflito.

Enquanto eles continuavam a escrever e a falar, víamos os hospitais e os moribundos; enquanto proclamavam que servir o Estado era o mais importante, já sabíamos que o pavor de morrer é mais forte. Nem por isto nos amotinamos, nem nos tornamos desertores, nem mesmo covardes – todas estas expressões vinham-lhes com muita facilidade. Amávamos nossa pátria tanto quanto eles e avançávamos corajosamente em cada ataque; mas, agora, já sabíamos distinguir, aprendemos repentinamente a ver; e, do mundo que haviam arquitetado, víamos que nada sobrevivera. De súbito, ficamos terrivelmente sós – e, sós, tínhamos de nos livrar de toda esta embrulhada.⁵³

O trecho acima, foi retirado do livro *Nada de Novo no Front*, de Erich M. Remarque. Neste livro, publicado pela primeira vez em 1929, o autor, que foi um soldado alemão, e conheceu as trincheiras alemãs, traz para seus leitores um relato ficcional emocionante da I Guerra Mundial, a partir das histórias narradas por jovens soldados. Ainda que, Remarque tenha passado por esta experiência, inclusive tendo sido ferido em três ocasiões, saindo do conflito marcado e perplexo com a crueldade da guerra, escreveu *Nada de Novo No Front* em caráter de romance, firmando assim uma posição radicalmente pacifista em um mundo que ainda via a guerra como uma alternativa política, determinando o perfil antibelicista que habita a literatura ocidental até hoje.⁵⁴

Conforme a epígrafe, a guerra era vista como uma alternativa política, no que diz respeito aos sentimentos nacionalistas que eram reproduzidos entre as pessoas. Defender a pátria era, acima de tudo, demonstrar amor ao país. Sendo assim, motivo de orgulho para o próprio jovem que se alistava e também para seus familiares, além de respeito ao Estado. Pelas páginas de *Nada de Novo no front*, fica a impressão de que aqueles jovens soldados não estavam entrando em combate porque queriam matar e destruir territórios, mas defender suas nações e seus entes queridos. Segundo Remarque acreditava-se que a guerra, que foi iniciada em julho de 1914, não duraria por muito tempo, e que em dezembro daquele mesmo ano, já estariam todos em suas casas, comemorando o natal com suas famílias. Mas como escreveu Remarque:

As pessoas não tinham nenhuma ideia do que estava para vir. Os mais sensatos eram realmente os pobres, os simples: viram logo que a guerra era uma desgraça, enquanto as classes mais altas não se continham de alegria, embora fossem elas justamente que deveriam ter previsto mais depressa as suas consequências.⁵⁵

⁵³ REMARQUE, Erich M. *Nada de novo no front*. – Porto Alegre [RS]: L&PM, 2018, p.15.

⁵⁴ *Ibidem.*, Parágrafo escrito a partir do resumo do livro, encontrado na última capa.

⁵⁵ *Ibidem.*, p. 14.

A guerra, no entanto, durou, e em dezembro de 1914 os soldados ainda se encontravam entinchados.

Para além do romance ficcional de Remarque, a I Guerra Mundial, foi um evento real, que atingiu muita gente. De fato, o final do século XIX e o início do século XX foram marcados por transformações que modificaram os padrões e o modo de vida de muitas populações. A Europa e o mundo são marcados pelo conflito, que de acordo com Hobsbawm (1995) “[...] assinalou o colapso da civilização (ocidental) do século XIX”.⁵⁶

Desde as primeiras notícias de junho de 1914 que abrem esse capítulo, informações sobre os acontecimentos na Europa, com relação às hostilidades e movimentações nos países, se fizeram presentes para os leitores paraenses. Diariamente, os jornais da cidade de Belém, passaram a noticiar as movimentações dos países beligerantes, e assim, a guerra foi adentrando à da cidade de Belém, inicialmente, desta maneira, pelas páginas dos jornais, e posteriormente, como veremos a seguir, no próprio cotidiano dos moradores, quando seus reflexos começaram a interferir no valor de alguns produtos vendidos no comércio da cidade. A terceira página da *Folha do Norte* possuía uma coluna intitulada *Serviço Telegraphico*. O *Estado do Pará*, também tinha coluna semelhante que às vezes aparecia na página três e às vezes na quatro. Intitulada inicialmente *TELEGRAMMAS*, até o dia 23 de julho de 1914, e a partir do dia 24 de julho, até o dia 1 de agosto, *INFORMAÇÕES MUNDIAES*. Já a partir do dia 2 de agosto, a coluna *INFORMAÇÕES MUNDIAES* deixa de aparecer e outra intitulada em alguns dias *VÁRIAS NOTÍCIAS TELEGRAPHICAS*, e em outros, *OS NOSSOS TELEGRAMAS*, surge. Todas eram responsáveis por veicular informações tanto de outros estados do Brasil, em menor escala, quanto de vários países, principalmente dos europeus. Assim, por meio de tais notícias procurei entender como I Guerra Mundial foi se tornando notícia dos jornais que circulavam em Belém. As fontes inicialmente utilizadas para

⁵⁶ HOBBSAWN, Eric. Op. Cit., 1995, p.16.

presente capítulo são os jornais⁵⁷ paraenses, *Folha do Norte*⁵⁸ e *Estado do Pará*⁵⁹. Visando tal objetivo, utiliza-se o conceito de representação a partir de Chartier, quando este diz que “as representações do mundo social [...], são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”⁶⁰. Pode-se então compreender que o que se tornou notícia sobre a I Guerra nos jornais paraenses é resultado dos interesses dos articulistas e editores dos jornais. De fato, segundo Chartier (1990):

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.⁶¹

No seu muito conhecido trabalho, “História dos, nos e por meio de periódicos” De Luca (2006), aponta que no início do século XX, os jornais, propriedade de facções oligárquicas, acabavam determinando o que deveria ser veiculado de acordo com seus interesses políticos, daí a importância de se analisar as versões da História. Outra questão apontada por De Luca (2006) é que apesar desse controle político, os escritos dos jornais também tinham que atender às demandas dos clientes⁶², já que se não há interesse, provavelmente, não há venda. O que nos permite perceber que a guerra talvez estivesse,

⁵⁷ O uso dos jornais como fonte é relativamente recente, Tania de Luca aponta que em 1970 o número de trabalhos que se valia dos jornais e revistas como fonte ainda era pequeno, para a autora isso era explicado pelo fato de que o peso da tradição dominante durante o século XIX e as décadas iniciais do século XX ainda pesava sobre um ideal de busca da verdade dos fatos. Desse modo, os jornais não se destacavam como uma fonte, e pareciam pouco adequados para a representação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” como define a autora, “[...] continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas”. No entanto, a autora segue mostrando que a prática historiográfica alterou-se de forma significativa nas décadas finais do século XX, sendo assim, novas abordagens, perspectivas, novos objetos e novos problemas foram aparecendo, assim como novos métodos e documentos. LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos In. PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) Fontes Históricas, São Paulo: contexto, 2006, pp.111,112.

⁵⁸ O jornal *Folha do Norte* conforme o Catálogo de jornais da Biblioteca Pública do Pará era de “circulação diária, independente, noticioso, político e literário. Fundado por Enéas Martins, Cipriano Santos e outros”. Segundo informações do catálogo a *Folha do Norte* tinha por objetivo principal “lutar pelo desenvolvimento político e social da região combatendo a política de Antonio Lemos [...] e defendendo o Partido Republicano Federal chefiado por Lauro Sodré e depois por Paes de Carvalho”. Este periódico teve um longo período de vida, circulou na capital e no interior do Pará entre de 1896-1974. Cf. Biblioteca Pública do Pará. Jornais PARAoaras: Catálogo. – Belém: Secretaria de Estado e Cultura.1985, p.154.

⁵⁹ O jornal *O Estado do Pará*, também de acordo com o Catálogo de jornais da Biblioteca Pública do Pará, era “diário e independente”, fundado por Justo Chermont. Em seu ano inicial, conforme registrou-se nesse catálogo o jornal *O Estado do Pará* combateu a política do Intendente Antonio Lemos, apoiando seu adversário político, Lauro Sodré”. Cf. Biblioteca Pública do Pará. Ibidem., p. 241.

⁶⁰ CHARTIER, Roger. História Cultural – Entre práticas e representações. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990, p.17.

⁶¹ Ibidem.

⁶² LUCA, Op. Cit., p.124.

de alguma forma, sendo interessante para os leitores, já que estava tão presente nos jornais.

No entanto, deve ser mencionado, que nós historiadores, trabalhamos com possibilidades. Então é preciso esclarecer, que o que se tornava notícias nos jornais, não necessariamente representava, apenas, interesse do público leitor, mas um interesse, dos detentores de poder desses meios de comunicação, que poderiam estar interessados em divulgar, e repassar, tais notícias, visando muitas coisas, como por exemplo, o lucro, e a persuasão, ou até mesmo a construção de uma narrativa favorável a eles, política e economicamente. E isso, vai ao encontro da questão relacionada noção de verdade sobre essas fontes. Rusconi e Cantú (1980), ao falar sobre o importante trabalho de Stuart Hall, Codificar e Decodificar, abordam a questão, dos significados que as mensagens possuem, ao serem veiculadas, eles dizem que;

Estas prácticas tienen por “objeto” el significado y los mensajes, bajo la forma de signos-vehículos organizados de un modo específico, como cualquier forma de comunicación o lenguaje, a través de la puesta en funcionamiento de códigos dentro de la cadena sintagmática de un discurso. Los aparatos, relaciones y prácticas de producción así concebidas, emergen en un momento dado (el momento de producción/circulación) bajo la forma de vehículos simbólicos constituidos dentro de las reglas del “lenguaje”. Es bajo esta forma discursiva que se efectúa la circulación del “producto”. Este proceso requiere, entonces, a la vez, del lado de la producción, sus instrumentos materiales -sus “medios”- y sus propios conjuntos de relaciones sociales (de producción): la organización y combinación de prácticas dentro de los aparatos de los medios de comunicación. Pero, es bajo una forma discursiva que la circulación del producto tiene lugar, así como su distribución a las distintas audiencias. Una vez completado, el discurso debe entonces ser traducido -transformado, nuevamente- en prácticas sociales, si se desea que el circuito sea completo y eficaz. Si ningún “significado” se extrae no puede haber “consumo”.⁶³

É como se houvesse uma espécie de monopólio, de vários lados, até que essas notícias chegassem as mãos e ouvidos do público leitor. De um lado, o interesse dos detentores de poder dos jornais, de outro, o poder das agências de notícias, que também acabavam por limitar as informações repassadas as empresas jornalísticas. É como aponta Carvalho (2020);

“O monopólio exercido por essas agências, com o fim da Segunda Guerra Mundial, e o estabelecimento da Guerra Fria, passou a

⁶³ HALL, Stuart. (1980). Codificar y Decodificar En: Culture, media y lenguaje, London, Hutchinson, 1980. Pág. 129-139 Traducción: Carlos Rusconi y Ariadana Cantú. Dpto. de Cs. De la Comunicación, Universidad Nacional de Río Cuarto. Disponível em: <https://www.felsemiotica.com/descargas/Hall-Stuart-Codificar-y-decodificar.pdf> último acesso em 25/04/2023

ser compreendido como um entrave ao livre fluxo informativo, uma vez que as notícias por elas distribuídas, representavam os interesses dos países do Primeiro Mundo, em detrimento de visões que poderiam ser externadas a partir de países periféricos”.⁶⁴

O monopólio exercido por estes jornais, também estava ligado, aos grupos políticos aos quais estes jornais estavam vinculados. *O Estado do Pará*, que foi “[...] fundado em 1911 por Justo Chermont, em um contexto de combate a Antônio Lemos que foi intendente de Belém entre os anos de 1897 e 1911”. Este jornal, “se por um lado combatia Antonio Lemos, por outro, apoiava Lauro Sodré, notabilizando um dos grandes conflitos políticos do Pará, entre “lemistas” e “lauristas”.⁶⁵ *Folha do Norte*, como já mencionado, também surgiu para combater Antônio Lemos, e oferecer apoio a Lauro Sodré. Com isso, vemos que;

A relação entre imprensa, poder e política torna-se um possível caminho na pesquisa historiográfica, considerando essencial o papel dos meios de comunicação em acontecimentos históricos. Evidenciar o posicionamento e envolvimento de dois jornais importantes de Belém, um defendendo uma corrente política, e outro combatendo esta mesma corrente política, e ao final uma inversão drástica de posições.⁶⁶

Por conta disso, optei, inicialmente, por uma análise mais detalhada do ano de 1914, isso se justifica pela necessidade de entender os sentidos dados ao conflito nos seus primeiros momentos, quando não se sabia exatamente o “que estava por vir”, como poeticamente descreveu Remarque.

Segundo Compagnon (2014), “do final de julho ao início de agosto de 1914, todos os diários argentinos e brasileiros noticiam em suas colunas o encadeamento das entradas na guerra”. Aponta ainda que se tratavam de reproduções de manchetes de grandes veículos europeus, e também de transmissões das duas agências de imprensa, que dominavam o mercado de informação internacional. Ainda segundo Compagnon, estas publicações eram “[...] evocações históricas, de quadros que descrevem o tamanho dos arsenais presentes, bem como algumas análises que procuram determinar as responsabilidades da conflagração”. Além de aparecer também, “[...] a pedido das representações europeias, informações sobre a mobilização de seus cidadãos residentes

⁶⁴ CARVALHO, Samantha Viana Castelo Branco Rocha. As Agências de Notícias e o Fluxo Internacional de Informação. PASSAGENS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará v. 11, n. 1, jan./jun. 2020, p. 122,123.

⁶⁵LIMA, Bezerra Marcos. Uma Roda-Gigante do Poder: Disputas Políticas Entre os Jornais o Estado do Pará e Folha do Norte no Contexto do Movimento de 1930 em Belém do Pará. XVI Encontro Estadual de História Anpuh-RS, 2022, p.2.

⁶⁶ Ibidem.

no exterior”.⁶⁷ E de fato, tudo isso, foi encontrado nos jornais paraenses. Mas aí pensamos, ele leu todos os jornais argentinos e brasileiros? Ao analisar o livro, vemos que ele se deteve a alguns jornais argentinos e alguns brasileiros, como o de cidades maiores como Rio e São Paulo. No entanto, vale lembrar, como apontado acima, que estas notícias eram transmitidas pelas agências europeias de imprensa, portanto, na maioria dos casos, a notícia que aparecia nos jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo, era a mesma que aparecia nos jornais de Belém.

Começando as análises dos jornais paraenses, vemos que no dia primeiro de julho não apareceram notícias sobre as tensões nos países europeus. No dia seguinte, somente no jornal *Estado do Pará*, com o título “DYNASTIA INFORTUNADA”, relatando A tragédia de Sarajevo⁶⁸. No mês de julho, as notícias, em ambos trataram do “attentado de Sarajevo”, das tensões entre os países e das medidas que eram tomadas por estes, que indicavam o início das hostilidades. Na *Folha do Norte*, tais notícias não apareceram em nenhum dia, na primeira página, já no *Estado do Pará*, apareciam tanto na página 1, como na 3, neste caso com mais frequência. O fato de este último jornal trazer notícias sobre a guerra já na primeira página, pode estar relacionado à obtenção de lucro, já que as notícias que são abordadas nas primeiras páginas dos jornais, são as que causam um maior impacto.

Desse modo, pode ser que o jornal estivesse encarando o evento que começava na Europa, como algo que iria trazer novidade aos leitores, que esperariam ansiosos pelo desenrolar do conflito. Além do mais, como já citado, inicialmente, os jornais não falavam de guerra, mas sobre uma espécie de maldição na linhagem dos Habsburgos. Era uma tragédia, que envolveu o arquiduque da Áustria e sua esposa Sophie, episódio marcado por grande comoção, nas páginas destes periódicos.

Em agosto, com a consolidação do conflito, as notícias passaram a ser veiculadas nas primeiras páginas. Em agosto de 1914 é como se fosse uma espécie de primeiro sinal de que de fato, um conflito de maior escala estava realmente por vir. Isso é o que é possível observar com a chamada do *Estado do Pará*: “O conflito europeu – Notícias

⁶⁷ COMPAGNOM Op. Cit., p.38,39.

⁶⁸A tragédia de Sarajevo, como aponta o jornal, foi; o assassinato do arquiduque austríaco Francisco Ferdinando e de sua esposa Sophie, na cidade de Sarajevo, capital da Bósnia e Herzegovina. Conforme registrou o Estado do Pará: “O ATTENTADO DE SARAJEVO – Como todos sabem o motivo que deu causa ao rompimento de relações entre a Austria-Hungria e a Servia foi o attentado commettido, no dia 28 do mes passado, nas ruas de Sarajevo contra o herdeiro do throno austriaco archi.duque Francisco Fernando e sua esposa. Nesse dia havia em Sarajevo a solemnidade da recepção dos principes no Conselho Municipal”. Estado do Pará, Belém 29 de julho de 1914, p.1.

sobre o incidente austro-servio – Os preparativos das grandes potencias”⁶⁹. No entanto, nota-se que apesar disso, o jornal ainda falava do conflito como algo iminente.

Assim, naqueles primeiros meses, nos quais não se sabia dos desdobramentos que estavam por vir o *Estado do Pará* destacava que “Na hypothese provavel de se generalizar o conflicto, haverá o formidável combate dos dois grupos de potencias rivaes”. Conforme publicou o periódico, “de um lado, a Inglaterra, França e Russia, constituindo o que se chama de TRIPLICE ENTENTE, e do outro Alemanha, Austria Hungria e Italia que constituem a TRIPLICE ALIANÇA”.⁷⁰

Foi afirmado pelo *Estado do Pará*, que as informações e os dados possíveis de serem colhidos sobre o conflito, seriam repassados aos seus leitores, mas que isso seria feito com máxima imparcialidade. Junto a isso, também aparecia a ideia de que ainda não era possível fazer previsões de qual seria o lado vencedor, por conta dos imprevistos do momento.⁷¹

Ainda em agosto, no entanto, foi possível observar que o teor das notícias sobre a iminente guerra, pareceu se modificar. O que até então parecia ser estritamente informativo, passou a abordar as tensões entre os países, que hipoteticamente caminhavam para um conflito. Por isso já em agosto de 1914, encontramos notícias que abordaram os efeitos da guerra no Brasil, quando não havia nem dois meses do atentado, e quando a Europa ainda estava caminhando para um confronto, que até aquele momento, de acordo as fontes, era praticamente desconhecido, ou não se tinha ideia de suas proporções. No Brasil, já se faziam previsões sobre os efeitos desta guerra, que chegavam então aos jornais de Belém do Pará. Notícias, que serão abordadas no capítulo 3, destacam por exemplo a supressão dos gêneros que chegavam às terras brasileiras e a questão do abastecimento na capital paraense.

Com relação ao mês de setembro foi possível observar que as notícias sobre o conflito começaram a se intensificar. Desde o mês de agosto, o jornal *Estado do Pará* já trazia, em algumas de suas páginas, notícias do serviço telegráfico. No mês de setembro, porém, observou-se um maior espaço dado a estas. Nos dias 1 e 2 de setembro, as primeiras páginas são quase que exclusivamente compostas com notas telegráficas. Soava, como se a população leitora, necessitasse saber o que estava acontecendo em solo

⁶⁹ Estado do Pará, Belém 1 de agosto de 1914, p.1.

⁷⁰ Estado do Pará, Belém 2 de agosto de 1914, p.1.

⁷¹ Ibidem.

Europeu, ao mesmo tempo que os jornais da cidade bombardeavam seus leitores com notícias internacionais.



FIGURA 03 – A imagem do Jornal Estado do Pará, demonstra a importância dada ao conflito, quando mostra que a primeira página deste dia 1 de setembro de 1914 é quase que totalmente composta por notícias sobre a Guerra. Estado do Pará, Belém 1 de setembro de 1914, p.1.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil

Apesar disso, um redator do *Estado do Pará*, lamentava que as informações que chegavam até Belém eram poucas e com contradições, e de forma irônica, afirmava: “Chega a ser cômica a nossa situação aqui, neste recanto do mundo procurando compreender a significação dos movimentos militares que nos chegam em notícias escassas e muitas vezes contraditórias”⁷². Provavelmente, isso se deve ao fato de que eram duas, as agências de notícias, que abasteciam os jornais brasileiros.

⁷² Estado do Pará. Belém 3 de setembro de 1914, p.1.

Algo que me chamou a atenção foi o fato de que o jornal *Estado do Pará* se declarou imparcial ao conflito em agosto, mas que neste mês, e nos meses seguintes, a maioria das notícias que veiculava, tinham um teor contrário à Alemanha, sendo difícil encontrar, neste jornal, notícias que vinham deste país. No jornal *Folha do Norte*, no entanto, isto era diferente. Se no *Estado do Pará*, raramente apareciam notícias vindas da Alemanha, a *Folha do Norte* comumente fazia publicações vindas deste país, como por exemplo “Berlim, 30 Os jornaes annunciam que o exército alemão, victorioso em toda a linha, estará em poucos dias dentro de Paris”⁷³. Segundo Garambone (2003) as agências de notícias que abasteciam os jornais brasileiros, eram a Havas, e a Americana⁷⁴. E o que chegava a Belém, assim como no Brasil, eram notícias e informações, selecionadas e trazidas por essas agências⁷⁵.

Já em outubro, houve, nos jornais, a introdução de propagandas de filmes que retratam o conflito mundial, ou seja, a cada mês, algo novo aparecia nesses periódicos,

⁷³ Folha do Norte. Belém 1 de setembro de 1914, p. 3.

⁷⁴ GARAMBONE, Sidney. Op. Cit., 2003, p. 42.

⁷⁵ Segundo CARVALHO (2020), “Historicamente, a função das agências de notícias na engrenagem do cenário midiático era levar para os veículos jornalísticos informações que tais empresas não poderiam obter por conta própria, diante de entraves como a distância geográfica e a indisponibilidade de recursos financeiros, tecnológicos e/ou humanos”. Desse modo, como tenho destacado, ainda que a guerra estivesse ocorrendo geograficamente longe da cidade de Belém, essas informações, eram trazidas por estas agências de notícias, para informar, entreter, e até mesmo reproduzir, os discursos sobre a guerra, para a população da capital paraense. Ainda segundo CARVALHO, “As agências de notícias emergem, portanto, impulsionadas pelo crescimento industrial que propiciou o rápido desenvolvimento da imprensa e dos meios de transmissão de mensagens, especialmente o telégrafo elétrico, por volta de 1830. Nessa época, a rivalidade entre os jornais acirrava a competição pela notícia e por informações mais rápidas. Nesse caso, as agências de notícias trabalhavam estreitamente ligadas à imprensa, fornecendo aos jornais dados e informações que poderiam ser impressas e difundidas para uma grande audiência”. A agência Havas, foi então criada em Paris, por Charles Havas, em 1935. Inicialmente, coletando informações, e entregando à imprensa francesa, e anos depois, começou a “fornecer notícias também a clientes de Londres e Bruxelas”. A criação dessas agências, assim como a guerra, foi gerando conflitos e competições, nesse caso, “[...] pela disputa de novos clientes [...]”, e expansão da atuação de cada uma. Com isso, “Para evitar maiores conflitos, as agências optam por uma divisão do mundo em territórios exclusivos, o que resultou no Tratado de Agências Aliadas¹, refletindo os arranjos do imperialismo europeu. Assim, Paul Julius Reuter ganhou os territórios do império britânico e o Extremo Oriente; Charles Havas dominou império francês, Itália, Espanha e Portugal; enquanto Bernard Wolff obteve a Alemanha, Áustria, Escandinávia e os territórios russos”. E assim, cada uma ficaria “[...] estritamente ligada às elites políticas e comerciais das nações que lhes serviam de sede [...]”. Com isso, talvez se esclareça o fato de os jornais paraenses, apresentarem em sua grande maioria, notícias vindas de territórios franceses, e ingleses, e de seus aliados na guerra. Isso também pode explicar o fato de que as notícias divulgadas aqui, eram as mesmas encontradas em jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, pois como afirma CARVALHO (2020), é possível observar que a atuação das agências internacionais de notícias, desde seu surgimento, não tem se pautado a partir do compromisso com a difusão de informações que possam gerar uma visão plural acerca das diferentes realidades dos povos e dos países do globo. Ao contrário, a cobertura proporcionada por essas entidades continua marcada por significativa concentração geográfica nas regiões mais ricas do mundo (Europa Ocidental, América do Norte e Japão), com escritórios e profissionais estabelecidos em determinadas cidades, não abrangendo as diversas áreas do Sul Global. Assim, como consequência dessa concentração, são mitigadas as chances de países desfavorecidos economicamente adquirirem a capacidade de equalizar o fluxo de informações. CARVALHO. Op. Cit., p. 122-139.

com relação a guerra. Seja na estrutura do jornal, ou na introdução de especulações sobre o conflito, até a questão dos filmes que a partir daquele momento, passaram a fazer parte do cotidiano do público que frequentava os cinemas na capital paraense. A temática voltada para o cinema, será abordada no capítulo 3 desta dissertação.

Em novembro, houve, nos jornais, o aparecimento de temáticas que estão presentes no romance *Remarque*. Assim, já no dia 1 de novembro, nos deparamos com uma imagem, que nos mostra, soldados feridos que voltaram dos campos de batalha. Apesar dos ferimentos, a fotografia dos combatentes visa passar ao leitor uma ideia de da felicidade dos militares “por terem cumprido seu dever”. Pode-se perceber isso tanto na explicação da imagem grafada abaixo da foto, como no próprio semblante “risonho” dos soldados franceses feridos. Maria Izilda Mattos, no livro *Por uma possível história do sorriso*, lembra que: “com a popularização das câmeras e facilidade de uso, cresceu o número de fotógrafos amadores e fotos casuais, com gradual aparecimento de sorrisos, particularmente de crianças e jovens, nos momentos de maior extroversão”. Não sabemos em que circunstância a imagem que segue foi realizada. Contudo, a mesma pretende refletir uma imagem positiva dos combatentes, expressa pelo seu sorriso. De fato, conforme Matos, “até a terceira década do século XX o retrato ainda era uma ocasião rara e solene, sendo indicada a seriedade ou a ausência do sorrir”.⁷⁶

No início deste capítulo, tratamos da questão da guerra, para os jovens soldados recrutados. Abordamos que estes jovens eram envolvidos em um discurso nacionalista em prol da defesa de sua pátria e seus territórios, ou seja, que estavam aderindo ao conflito não por algo ruim, e sim pela defesa de sua nação e seus entes queridos. É o que pode querer sugerir a imagem que segue:

⁷⁶ MATOS, Maria Izilda S, de. *Por uma possível História do Sorriso: institucionalização, ações e representações*. São Paulo: Hucitec, 2018, p.239.



FIGURA 04 – Imagem que demonstra a felicidade de soldados que voltavam dos campos de batalha, satisfeitos e felizes por terem combatido em prol de sua pátria. Estado do Pará, Belém, 1 de novembro de 1914, p.2.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil

De outro lado, no mês de novembro, vemos também a questão da continuidade da guerra, que também foi abordada no livro de Remarque. No dia 2 de novembro, logo na primeira página, apareceu a coluna intitulada “A CONFLAGRAÇÃO EUROPÉA”, que é bastante presente no *Estado do Pará*, e traz assuntos relacionados ao conflito europeu. A notícia deste dia, trata da entrada da Turquia na guerra, o que gerou especulações acerca do tempo de duração do conflito a partir de então. Nos meses iniciais do conflito, grande parte da população europeia, acreditava que a guerra não passaria do natal daquele ano de 1914, ou seja, esta era a especulação no início do conflito. Meses depois, o que o jornal mostrou, foi que o conflito foi se generalizando, engrandecendo, e no mês que precedia o Natal, o que o jornal diz, é que com a entrada da Turquia, não se sabia mais por quanto tempo esta guerra ainda existiria. A notícia diz o seguinte; “A entrada da Turquia no conflito europeu agrava a situação da Europa de tal modo que, agora é que dificilmente se poderá calcular o período da duração da guerra, tão dilatado parece ser”.⁷⁷

⁷⁷ Estado do Pará. Belém 2 de novembro de 1914, p.1.

Esta abordagem, com relação ao tempo de duração da guerra, esteve presente nas notícias do mês de novembro. No dia 9 de novembro, a mesma coluna, “A CONFLAGRAÇÃO EUROPEA”, que tem o título “Cartas da Europa”, e o subtítulo “A conflagração europeia transformada lentamente em conflagração mundial”, trouxe uma carta de Lisboa, que dizia o seguinte:

Há um mez que os factos de guerra não representam senão sucessos parciais, sem importancia alguma definitiva, arraigando cada vez mais no espirito a convicção de que os contendores que se defrontam são de força a se medirem por largo tempo [...], o que prenunciava uma guerra de longa duração.⁷⁸

E já finalmente no mês de dezembro, o que vemos, é que a questão do tempo de duração da guerra, se alastra nos comentários presentes nos jornais acerca do conflito. Esta foi uma questão bastante presente neste primeiro ano, ao que mostram os periódicos. As especulações acerca disso pareciam ser uma preocupação presente. No dia 4 de dezembro, a então coluna “A conflagração europeia” lembrava que mesmo já se passando três meses desde o início da guerra, não havia tido nenhum acontecimento definitivo, isto é, que provavelmente, promovesse o fim do conflito, e que por isso, “[...] Incontestavelmente esta catastrophe desencadeada sobre a Europa, trouxe decepções profundas a muitos prophetas e theoristas mais ou menos adstrictos a umas tantas concepções “a priori” que os factos não tem confirmado”.⁷⁹ Sendo afirmado que se tratava de uma guerra de longa duração, e sem precedentes na história. Conforme publicou o *Estado do Pará*: “[...] já pelo alastramento da conflagração, já pelo número de combatentes e já finalmente pelos aperfeiçoados meios de destruição, postos, pela sciencia e indústria do Ocidente, ao serviço da obra de destruição e exterminio”.⁸⁰

Com a chegada do Natal de 1914, o jornal *Estado do Pará* em uma nota telegráfica do dia 22 de dezembro, vinda de Londres afirmava: “Assegura-se o jornal londrino, que haverá um armistício entre os beligerantes, no dia de Natal, por proposta do Papa Bento XV[...]”.⁸¹ Na cidade de Belém, as festas e comemorações de Natal e Ano Novo, aconteceram normalmente, não aparecendo nos jornais, nenhuma relação destes dois eventos com a guerra.

Já no final do ano de 1914, observa-se uma diminuição das notícias, o que é enfatizado pelo próprio jornal *Estado do Pará*: “Numerosos amigos deste jornal, em

⁷⁸ Estado do Pará. Belém 9 de novembro de 1914, p.1.

⁷⁹ Estado do Pará. Belém 4 de dezembro de 1914, p.1.

⁸⁰ Ibidem.

⁸¹ Estado do Pará. Belém, 25 de dezembro de 1914, p.2.

benevolas interpelações, têm indagado qual o motivo por que deixamos de nos ocupar, redaccionalmente, da conflagração européa”. E explicando o motivo, o Estado do Pará aborda que “o inverno que tem sido rigoroso vem ainda demorar mais as operações de guerra. Assim, parece-nos, que tão cedo, não teremos de registrar modificações nos planos estrategicos dos exercitos em luta”.⁸² Ou seja, a estagnação do conflito, por conta do forte inverno nos campos de batalha, levou a estagnação de notícias sobre a guerra nos jornais. Ao mesmo tempo, observamos o interesse dos leitores pelo evento. De fato, se considerarmos essa notícia publicada pelo *Estado do Pará*, podemos supor que há uma espécie de cobrança por parte dos consumidores do periódico relacionada a ausência de informações sobre o conflito. Em meio as alegrias e descontrações das festas de fim de ano a guerra continuava em pauta.

1.4 Os dois anos seguintes à eclosão do conflito.

Na história da humanidade, as datas 1914, 1915 hão de ocupar, de certo, um lugar excepcional. Serão chamadas trágicas, pois em cada mez de qualquer delas se feriram terríveis batalhas.⁸³

Como já mencionado, a percepção das pessoas que vivenciaram a eclosão do conflito, era a de que seria um evento rápido e que não passaria do Natal, mostrando que estas pessoas, realmente não sabiam o que estava por vir. Daí a necessidade de detalhar um tópico inteiro para as representações, nos jornais de Belém, acerca deste conflito, em seus primeiros momentos, ou seja, no primeiro ano, pois se a própria população europeia não tinha ideia do que estava por vir, quem dirá a população brasileira, ou belenense, que obtinha as informações que vinham da Europa, e as divulgava nos jornais, seja através do serviço telegráfico, ou mesmo de artigos escritos pelos redatores a partir dos telegramas europeus. Feito isso, voltemo-nos então, para as representações dos dois últimos anos da guerra nos jornais de Belém, antes da entrada do Brasil no conflito.

No início do ano de 1915, é possível observar que as notícias continuavam a ser veiculadas, a Guerra continuava presente, e os filmes continuavam a ser exibidos nos cinemas da cidade. Nos primeiros meses, porém, pude perceber que as notícias diminuíram em quantidade. Elas apareciam em menor número, nas primeiras páginas do jornal *Estado do Pará*, aparecendo sempre na página de número 3, nas colunas destinadas ao serviço telegráfico, que neste ano mudaram de título e passaram a ser intituladas de “*ÚLTIMAS NOTICIAS Telegrammas do paiz e do exterior e ocorrências locaes*”. Vale lembrar que no ano de 1914 as notícias frequentemente apareciam nas páginas 1 e 2 dos

⁸² Estado do Pará. Belém, 27 de dezembro de 1914, p.1.

⁸³ A Palavra. Belém, 1 de junho de 1916, p.1.

jornais, isso pode estar relacionado ao fato de que em 1915-1916, houve uma estagnação na forma de combate do conflito. Almeida (2017) afirma que a Primeira Guerra pode ser dividida em três grandes fases, “[...] as quais compreendem o período de movimento, até o final de 1914, a longa estagnação das trincheiras, que compreende todos os meses entre 1915 e 1917 e a retomada da guerra de movimento, já nos meses de 1918”.⁸⁴

Se em 1914 a guerra manteve-se até dezembro daquele ano, e ultrapassou o natal, chegando em 1915, da mesma forma ultrapassou o natal de 1915 e chegou ao ano de 1916. Mais uma vez quebrou-se as expectativas que se tinha no início do conflito, quando dizia-se que este não duraria até o natal. No começo de 1916, diferente do ano anterior, as notícias sobre a conflagração europeia voltaram a aparecer nas páginas de número 1 dos jornais, além de também estarem presentes na página de número 3, que era destinada ao serviço telegráfico.

Pode-se dizer, que por volta de 1915 os leitores de Belém já haviam se acostumado com notícias sobre a guerra, uma vez que diariamente os jornais veiculavam informações sobre a mesma, apresentando o conflito para seus leitores. A divulgação de notícias era feita detalhadamente, os leitores não vivenciavam a guerra, mas participavam ativamente do conflito, mesmo que pelas páginas dos jornais, que traziam explicações significativas sobre aquele grande acontecimento. Desse modo, desde os bombardeios, até as formas de combate, e a situação dos combatentes diante dos acontecimentos tornavam-se notícias. É inclusive apontado, pelo jornal *A Palavra*, que eram os próprios leitores que pediam por informações sobre o conflito. Na coluna, intitulada “A grande guerra”, é dito o seguinte; “Apesar de constantes pedidos de nossos leitores, temos hesitado em fazer um resumo dos telegrammas sobre a guerra européa. Agora, porém os *pedintes* são legião. Temos de Obedecer.”⁸⁵ Vemos então que os leitores, como aponta o jornal, pediam por informações. Com isso, o jornal diz que era preciso atender a esse interesse do público. Nesse momento, como o ano ainda era 1916, anterior a entrada do Brasil no conflito, o periódico afirmava: “Procuraremos ser imparciaes e nos limitaremos a registrar os telegrammas da imprensa diária, sem comentario, dando-lhes a origem”⁸⁶.

Desde 1914, quando do início do conflito, a guerra tornara-se alvo da imprensa, sugerindo, conforme já enfatizado, um interesse pelo tema. Desse modo, além do aspecto patriótico que conflagração emanava, associou-se também à guerra, naturalmente pelos

⁸⁴ ALMEIDA, Carlos Roberto de Melo. Op. Cit., 2017, p. 14.

⁸⁵ A Palavra. Belém, 6 de janeiro de 1916, p.2.

⁸⁶ Ibidem.

transtornos e tristezas decorrentes, a ideia de algo ruim, que gerava males terríveis ao mundo e a todos os seres humanos, independentes de serem estes ricos ou pobres. É o que observar-se a um texto publicado no jornal católico, *A Palavra*, em 1916, atribuído ao Padre Antonio Vieira:

É a guerra aquelle monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas e quanto mais come e consome, tanto menos se farta.

É a guerra aquella tempestade terrestre, que leva os campos, as casas, as vidas, os castellos, as cidades, e talvez em um momento sorve os reinos e monarchias inteiras.

[...]

O pae não tem seguro o filho, o rico não tem segura a fazenda, o pobre não tem seguro o seu suor, o nobre não tem segura a honra, o ecclesiastico não tem segura a immundade, o religioso não tem segura a sua cella, e até Deus, nos templos e nos sacrarios, não está seguro.⁸⁷

Anterior a esse texto, em fevereiro de 1915, o jornal *Estado do Pará*, já abordava um outro problema como consequência da guerra: “**A CONFLAGRAÇÃO EUROPEÁ** – A loucura nos campos de batalha”. Assim, o periódico chamava a atenção:

Entre as enfermidades ocasionadas na guerra, que produzem grande contingente de baixas nos exércitos, há uma que experimenta agora um notável aumento, segundo uma revista que temos presente: a loucura.

Depois de cada guerra dá entrada nos manicômios um bom contingente de militares doidos.

A impressão de scenas inenarraveis perturba o cérebro de muitos. São necessários um grande equilíbrio physico e um excellent vigor moral para que ao choque de emoções tão violentas se não o systema nervoso.⁸⁸

Pode-se supor que notícias dessa natureza devam ter trazido apreensões para os leitores e leitoras do *Estado do Pará*. Mas como a Grande Guerra era a pauta daquele contexto, as informações eram contínuas. Assim, as movimentações dos países sobre como se desenrolava o conflito, eram apresentadas de forma explicativa. Era como se de alguma maneira, os leitores dos jornais precisassem entender o que acontecia, mas principalmente do que realmente se tratava aquele acontecimento. E isso, pode estar ligado ao fato de que os leitores realmente pediam por notícias sobre o grande conflito mundial, ou simplesmente, por artimanha dos proprietários e funcionários dos jornais, que diziam que as notícias eram pedidas pelo público, para gerar mais interesse dos leitores pelo tema. A guerra de trincheiras, como ficou conhecida a Primeira Guerra Mundial, também foi um desses assuntos. A vida nas trincheiras não era nada fácil, como mostram boa parte dos textos. Os soldados tinham que viver e conviver diariamente com

⁸⁷ *A Palavra*, Belém, 11 de maio de 1916, p.2.

⁸⁸ *Estado do Pará*. Belém, 2 de fevereiro de 1915, p.2.

as adversidades com as quais se deparavam durante a guerra. Segundo Hobsbawm (1995), “Milhões de homens ficavam uns diante dos outros nos parapeitos de trincheiras barricadas com sacos de areia, sob as quais viviam como – e com – ratos e piolhos”. O autor destaca que estes homens passavam “Dias e mesmo semanas de incessante bombardeio de artilharia”⁸⁹. Desse modo, o periódico chama também a conflagração europeia de “A guerra das toupeiras”:

Esta é a pitoresca expressão com que os soldados heroicos, que se batem nas trincheiras dos aliados em França, definem a nova forma de combate em que a campanha se converteu em uma guerra de sitio feita em trincheiras. [...] ou, como dizem os soldados, da “guerra das toupeiras”.⁹⁰



FIGURA 05 – Trincheira alemã. O Malho, Rio de Janeiro 30 de Janeiro de 1915, p.8.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil

A imagem acima, retirada da revista *O Malho*, do Rio de Janeiro, retrata a forma de combate da guerra europeia, que é a guerra de trincheiras, onde os soldados viviam, literalmente. É importante dizer que a cidade de Belém, recebia exemplares de livros e revistas que vinham de outras cidades do Brasil, como o Rio de Janeiro, esse é o caso da revista *O Malho*, mencionada acima.

A guerra europeia, desde 1914, é apontada pelos jornais como sendo um evento negativo, que gerava mortes, fome, carnificinas, destruição, que era motivada por interesses financeiros. E até 1916, ano anterior a entrada do Brasil no conflito, isso não era diferente. Em um artigo, no Jornal *Estado do Pará*, a articulista dizia:

Bem triste deve ser a desillusão da humanidade ante a guerra assombrosa que ora emociona o mundo. Luctas tremendas, sanguinolentas: carnificina horrivel manchando o idéal sublime da paz universal!?. [...] pesar na balança da

⁸⁹ HOBSBAWM, Eric. Op. Cit., 1995, p. 33.

⁹⁰ Estado do Pará. Belém 8 de fevereiro de 1915, p.1.

justiça essa matança cruel, da qual não sahirão nem vencedores, nem vencidos [...].⁹¹

Além disso, o jornal *Estado do Pará*, trazia informações sobre as previsões que foram feitas pelos países beligerantes, e que não deram certo, ou não se concretizaram, possibilitando assim, a continuação do conflito. É como se tudo relacionado a guerra, fosse motivo de destaque nos jornais de Belém, para que os leitores pudessem acompanhar o conflito. Já em janeiro de 1916, um artigo intitulado “A propósito da guerra”, e sem autoria, abordava os muitos insucessos das ofensivas franco-inglesas, da Rússia, dando a impressão de que estaria longe o fim do conflito, bem diferente do pensamento em 1914. O artigo dizia:

Annunciou-se o ano passado que a offensiva franco-ingleza no Artois e na Champagne levaria de roldão o teutões para além da Belgica e a lucta proseguiria, com desfecho rápido, no território allemão. A offensiva falhou no seu primordial objectivo, como falhou a tentativa de avanço dos germanos sobre Paris e posteriormente sobre Calais, depois da tremenda carnificina do Yser.

Do seu lado, os allemães investiram contra a Polonia e ameaçaram Riga, com rumo a Petrogrado, annunciando que a Russia seria, sem demora, compellida a pedir a paz. Outro objectivo mallogrado.

Recentemente o Kaiser occupou a Servia, deu a mão à Bulgaria e falou-se que a sua entrada triumphal em Constantinopla obrigaría o alliados ao desânimo, dando em resultado propostas de paz. Nada d’isto ocorreu.

A Allemanha, que se pretendia render pela fome, conta com a abundancia de cereaes importados da Bulgaria e da Asia turca. Os alliados, cujo comercio a Allemanha combateu tenazmente com os submarinos e com as minas, continuam senhores do oceano e importam o que bem entendem do estrangeiro.⁹²

No início de 1916, os jornais traziam uma questão da guerra relacionada ao dinheiro. Assim, o jornal *Estado do Pará*, enfatizava que havia, na guerra: “uma força mais vigorosa do que a ciência estratégica dos generais”. Tal força que era o dinheiro, seria “mais eficaz do que a pujança da artilharia grossa, [...] mais destruidora do que as bombas dos zepelins, mais decisiva do que todos os inventos que a mecânica e a química acumularam [...]”⁹³. O artigo dizia também que os aparelhos bélicos custavam bilhões, e que, portanto, as nações que não possuíam uma elasticidade necessária para expansões audaciosas teriam que se resignar, ser vencida e esmagada, atribuindo assim, um caráter econômico ao conflito. O que pode estar relacionado ao fato de o Brasil ainda continuar neutro, de um lado por não ter dinheiro suficiente para entrar na guerra, sendo então

⁹¹ Estado do Pará. Belém 30 de janeiro de 1916, p.1.

⁹² Estado do Pará. Belém 12 de janeiro de 1916, p.1.

⁹³ Estado do Pará. Belém 23 de janeiro de 1916, p.1.

rapidamente esmagado, e de outro lado por ainda ter relações econômicas com países beligerantes que estavam de lados opostos⁹⁴. Mas, estas questões, nos levam a pensar, que o jornal *Estado do Pará*, aparentava apresentar, uma insatisfação quanto ao governo nacional, ao sugerir, naquele momento, que a guerra não seria benéfica. E essa insatisfação, parecia estar mais evidente, quando já no final da guerra, o mesmo jornal, continuava aparentando insatisfação, ao criticar a demora do país, em aderir ao conflito, já nos seus últimos anos.

As inovações tecnológicas, marcaram a forma de combate da Primeira Guerra Mundial. Hobsbawm (1995) aponta que “os dois lados tentaram vencer pela tecnologia. Os alemães – sempre fortes em química – levaram o gás venenos ao campo de batalha, onde ele se revelou ao mesmo tempo bárbaro e ineficaz”. Já “os britânicos foram pioneiros nos veículos blindados de esteira, ainda conhecidos pelo então codinome de tanques, mas seus generais, não muito brilhantes, ainda não haviam descoberto como usá-los”. E os dois lados, “[...] usaram os novos e ainda frágeis aeroplanos, além de (a Alemanha) curiosas aeronaves em forma de charuto e cheias de hélio, fazendo experiências de bombardeio aéreo, por sorte sem grande eficácia”. Hobsbawm segue mostrando que a única arma que, de fato, teve eficácia, foi o submarino, já que os dois lados, ao não conseguirem derrotar os soldados um do outro, “[...] decidiram matar de fome os civis do adversário”. “Como todos os suprimentos da Grã-Bretanha eram transportados por mar, parecia factível estrangular as ilhas britânicas mediante uma guerra submarina cada vez mais implacável contra os navios”.⁹⁵

O historiador Maurício Parada, afirma que houve um salto significativo com relação as tecnologias na Primeira Guerra Mundial, que se desenvolveram em diversas áreas no decorrer do conflito. Para ele, a guerra servia como um campo de experimentações tecnológicas. Parada (2014) diz, no entanto, que algumas tecnologias já existiam antes de 1914, mas que só ganharam força na segunda metade do conflito. Para ele, a utilização de armas químicas, como o gás de mostarda e de cloro, representou um novo perigo na forma de combate, já que além das vítimas militares, o gás matou civis porque o vento levava os gases para áreas civis.⁹⁶

⁹⁴ Estado do Pará. Belém 23 de janeiro de 1916, p.1.

⁹⁵ HOBBSAWM. Op. Cit. 1995, p. 35,36.

⁹⁶CONFERRIR EM: http://jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=73&infoid=3547&sid=24, ACESSO EM: 15/08/2019 às 17H17 –. Sobre essa questão, ver: PARADA, Maurício. Formação do Mundo Contemporâneo: o século estilhaçado. 1. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, V.1. 2014.

De fato, a utilização destas armas, eram noticiadas nos jornais de Belém. Os gases, eram apontados pelos jornais como “gases asphyxiantes”, e sempre apareciam nas notícias, que diziam; “Os francezes empregam também agora Argonnes uma nova especie de granada que espalha, ao reventar, gazes asphyxiantes”⁹⁷. “Os russos estão agora empregando, como já faziam os francezes desde bastante tempo, bombas contendo gazes asphyxiantes”.⁹⁸ “Paris, 7 – Os allemães estabelleceram em Saint Quentin uma officina de reparação de canhões e installaram em Vilvorde, na Belgica, uma fabrica de gazes asphyxiantes”.⁹⁹



FIGURA 6: Apresentação de armas de guerra utilizadas no conflito. Estado do Pará, Belém 4 de fevereiro de 1915, p.1.

Fonte: Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil

Já sabemos que a guerra levava ao confronto de diversos povos, os países beligerantes estavam em luta havia dois anos. O combate, no entanto, não se dava apenas nos campos de guerra, mas também no campo jornalístico. A guerra, influenciava diretamente as populações, beligerantes ou não, mobilizando assim a imprensa. Nos jornais do Brasil, além de notícias que objetivavam apresentar o conflito europeu, posicionamentos eram comuns acerca do conflito. Reis (2016) mostra que:

Na capital, Rio de Janeiro, revistas ilustradas como *Revista da Semana*, *Careta*, *Fon-Fon*, dentre outras; e jornais como *Jornal do Brasil* – jornal da capital que eventualmente publicava opiniões de cunho germanófilo; *Correio da Manhã* (jornal de oposição ao governo) e *Jornal do Commercio*. Este último de linha conservadora não

⁹⁷ Estado do Pará. Belém 1 de abril de 1915, p.3.

⁹⁸ Estado do Pará. Belém 30 de abril de 1915, p.3.

⁹⁹ Estado do Pará. Belém 8 de junho de 1915, p.3.

raramente publicou textos de admiração ao Império Alemão antes da eclosão do conflito mundial, porém, a partir do desenrolar da guerra, mostrou-se totalmente favorável ao bloco aliado e Inglaterra.¹⁰⁰

Nos jornais do Rio de Janeiro, de onde vinham grande parte das notícias para os jornais de Belém, também havia essa cobertura da guerra, de maneira que estes periódicos se posicionavam em relação ao conflito. Garambone afirma que “[...] apesar de no início do conflito o *Jornal do Commercio* nortear sua linha editorial para a neutralidade e, com o passar dos acontecimentos, deixar clara a posição pró-Inglaterra, [...]” demonstrou alguns anos antes “[...] uma certa atração pelo império alemão [...]”¹⁰¹. De fato, este jornal possuía artigos de Henrique da Rocha Lima, um médico Brasileiro que atuava na Alemanha, portanto, era defensor da causa germânica e fazia críticas ao apoio que alguns brasileiros ofereciam à causa aliada. Silva (2015) aponta que segundo o médico, foi dele a iniciativa de publicar os textos em favor da Alemanha na imprensa brasileira, e que ele “Justificou-a pela necessidade de desmentir a “campanha de inverdades, intrigas e calúnias motivadas pela inveja, ressentimento e preocupação com o rápido progresso da Alemanha””.¹⁰²

Silva também aponta que os artigos escritos por Rocha Lima na Europa, somente chegaram ao Brasil por serem remetidos em forma de carta, “provavelmente através de emissários que cruzavam o Atlântico nos dois sentidos”.¹⁰³ Os escritos de Rocha Lima se deram no início da guerra, assim como suas publicações nos jornais, sendo possível perceber que com a neutralidade declarada no início do conflito, os jornais do Rio de Janeiro, publicavam tanto notícias favoráveis a Alemanha quanto favoráveis aos Aliados, da mesma forma que acontecia nos jornais de Belém.

Essa situação, portanto, não era diferente em Belém do Pará, embora os jornais pesquisados não tenham apresentado um teor de oposição entre si, foi possível perceber que houve, no mesmo jornal, uma oposição de posicionamentos quanto aos países beligerantes. Em 1915, foram encontrados artigos de Mecenas Dourado e Paulino de Brito, que tratavam de defender suas ideias a partir de dois países, França e Alemanha. Mecenas, que era estudante de Direito, como indica o jornal *Estado do Pará*, se posicionava a favor da cultura alemã, atacando, portanto, a cultura francesa. Paulino de

¹⁰⁰ SANTOS, Ana Lúcia Prado Reis dos. *Imprensa Brasileira no Ocaso da Belle Époque: a Primeira Guerra Mundial sob o Olhar dos Jornais Paraenses*. Tese (Doutorado em Ciências da Informação) - Universidade Fernando Pessoa, 2016, p. 135.

¹⁰¹ GARAMBONE. Op. Cit. p.50,51.

¹⁰² SILVA, André Felipe Cândido da. Nas trincheiras do front intelectual. Henrique da Rocha Lima e a Primeira Guerra Mundial no *Jornal do Commercio*. *Varia História*, v. 31, 2015, p. 638.

¹⁰³ *Ibidem*, p. 639.

Brito, nasceu em Manaus, no ano de 1858, e faleceu em de Belém do Pará em 1919, ano posterior a Guerra. “[...] foi um escritor além de ter sido jornalista e professor. Este amazonense divulgava as obras literárias de outros autores nascidos na região amazônica nos jornais da sua época. “[...] iniciou a faculdade de direito em São Paulo e concluiu sua faculdade no estado do Recife”¹⁰⁴. Paulino, também era apontado pelo jornal *Estado do Pará* como “polygrapho”, e que era redator-chefe do Jornal católico *A Palavra*. Além disso, “Brito também foi tipógrafo, trabalhou como jornalista e tornou-se redator-chefe do principal jornal de Belém intitulado Folhas do Norte, onde manifestou-se a favor da abolição da escravatura negra no Brasil”.¹⁰⁵ Com tantas atribuições, assim era identificado Paulino de Brito, na *Folha do Norte* “[...] Paulino de Brito, o professor que sabe melhor a nossa língua cá por estes sitios. O talentoso poeta [...]”.¹⁰⁶

Desse modo, mesmo que a maioria das notícias não fossem favoráveis à Alemanha, o próprio jornal, ao expor os artigos de Mecenas Dourado, faz uma crítica ao fato de isso acontecer por conta de uma tradição latina: “[...] a opinião pública no Brasil, com respeito à Allemanha é um resultado pathologico duma sugestão imposta pela perfídia de alguns, sofrida pela ignorancia de grande número e pelo preconceito ethnico de todos”. Além de afirmar que no Brasil, opinião manifesta-se em favor dos aliados, “[...] por uma espécie de “preito de gratidão” à França, cujo beneficio anterior correspondente muitos estão ainda a procura e outros suppõe tel-o encontrado nas paginas illustradas de seus figurinos ou nas fitas cinematográficas do Pathé Frères”.¹⁰⁷ Diante disso o artigo de Mecenas Dourado aborda que;

No Brasil, a opinião publica levada por prejuizos de uma educação tradicionalista franceza que, diga-se a bem da verdade, em nada nos tem aproveitado, a não ser um certo intellectualismo estéril e superficial, educação que é, como dizia Tobias Barreto com respeito á philosophia e à sciencia uma especie de “roupa feita” e Paris”, a opinião publica, dizíamos, levada por esta notavel circumstancia deixa-se impressionar á “prima facie” com que as nações em lucta contra a Allemanha e as juridicalmente neutras nos mandam dizer , desapparecendo o senso critico como uma fatalidade imposta pela necessidade do fenômeno anormal senão pathologico que se observa. Dahi as “barbaridades” allemães , dahi a canlidez angelica dos “aliados” cordeiro casi indefesos nas garras aduncas da aguia allemã.¹⁰⁸

¹⁰⁴ SILVA, Suellen Cordovil da; SILVA, Alan Victor Flor da; VIDAL, Claudia Valeria França (Orgs.). Literatura e Artes da Amazônia Paraense: registros e investigações [recurso eletrônico] / Suellen Cordovil da Silva; Alan Victor Flor da Silva; Claudia Valeria França Vidal (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019, p.163.

¹⁰⁵ Ibidem

¹⁰⁶ Folha do Norte, Belém 17 de março de 1896, p.2.

¹⁰⁷ Estado do Pará. Belém 8 de março de 1915, p.1.

¹⁰⁸ Ibidem.

E em resposta, Paulino de Brito, publica no jornal *Estado do Pará*, justamente se referindo a Mecenas: “Caríssimo Mecenas solicito acudo ao teu pedido, vindo neste conceituado jornal confirmar os conceitos emitidos em meus artigos anteriores publicados n’A Palavra” [...]”¹⁰⁹;

Convidas-me, no teu primeiro artigo, a concordar contigo numa coisa: que não refutei a passagem de teu escripto que me pareceu temeraria e menos verdadeira, aquella em que affirmaste que “a educação franceza em nada nos tem aproveitado, a não ser um certo intellectualismo estéril e superficial, educação que é, como dizia Tobias Barreto com respeito á philosophia e a sciencia, uma especie de “roupa feita em Paris”. Outro não fôra meu desejo, mas absolutamente não posso convir com o nobre amigo no que me pede. De sobejoprovei que a educação franceza não tem sido, para nós, nem esteril nem superficial e, para melhor demonstrar a exactidão de meu conceito, citei os nomes das obras dos nossos melhores escriptores e poetas do seculo XVIII, obras em que profundamente se revela a influencia gauleza. Leia o meu caro amigo, com olhares desprevenidos, o meu artigo de 14 e verá que cabalmente provei a inexactidão dos conceitos contidos no seu no seu artigo de 8 do mez passado, publicado neste mesmo jornal. sob o titulo “O senso comum sobre a guerra” e que deu origem a esta nossa amigavel controversia.¹¹⁰

Esta situação expressa então este embate de pensamentos e posicionamentos dos moradores da mesma cidade acerca do conflito, o que mostra que naquele momento, o jornal ainda não tinha tomado uma posição exata em relação ao apoio a um dos lados dos países beligerantes, já que o país vivia a etapa da neutralidade, que será quebrada em 1917, e abordada no capítulo a seguir.

Os meses de junho e julho de 1915, são os que marcam um ano do atentado de Sarajevo, no qual houve o assassinato do arquiduque austríaco Francisco Ferdinando, e a eclosão da conflagração europeia, ou a Primeira Guerra Mundial, respectivamente. Nestes meses, diferente dos anteriores deste mesmo ano, é possível ver nos jornais que a guerra volta a se fazer presente nas páginas de número 1 e 2, além de ter as notícias telegráficas da página 3, em alguns dias do final do mês de julho. No entanto, essas notícias telegráficas passaram da página 3 para a página de número 1, o que se modifica nos meses posteriores, e a guerra passa a ser um pouco esquecida de novo pela primeira página do jornal *Estado do Pará*. Novas notícias e impressões sobre a guerra são estampadas nas páginas dos jornais. Sem ainda ter um lado definido, o *Estado do Pará* lembrava que “em assumpto de guerra, como, aliás em todos os outros que geram partidos e abrem divergências, o melhor é cada qual ficar com sua opinião”. Ao fazer uma análise sobre o

¹⁰⁹ Estado do Pará. Belém 6 de abril de 1915, p.1.

¹¹⁰ Ibidem.

conflito, este pequeno artigo intitulado “Opiniões”, e que não possui autoria, destaca que “Se um afirma como inevitável o esphacelamento da Allemanha, contrapõem outros que o imperialismo prussiano há de ser o único dominador do mundo”, e seguia, dizendo que “[...] neste bellicoso entre-choque de opiniões não há um meio termo possível para conciliar os partidos...”¹¹¹

Em artigos publicados por dois autores, S. & V., intitulado *Impressões da guerra*, alguns dias antes do acima citado, observa-se que o tema dos posicionamentos em relação à guerra fazia parte das discussões da imprensa. Desse modo, S & V afirmavam: “A quem acompanhe com absoluta imparcialidade as operações quotidianas do conflito europeu, não escapará, por certo, esta verdade, que os factos estão ilustrando e ratificando todo dia[...]”. E seguiam “[...] só dois povos se medem com verdadeira organização, força real, orientação segura e methodos decisivos – o alemão e o francez”. Os autores, seguem dizendo que o povo francês é “[...]verdadeiramente grande, admiravel, extraordinario, neste duelo único, em que se defronta com o allemão, o povo mais forte da terra, em todos os tempos da vida da humanidade”¹¹², deixando possivelmente entrever uma tendência pró Alemanha.

Em seguida, outro artigo de autoria de W. R. A. acusa os articulistas S. & V, de veicularem informações equivocadas sobre o conflito, além de desmerecerem outros países que também estão em luta. O artigo dizia:

Em que é que os srs. S & V baseam a sua crítica militar sobre a retomada de Przemyls pelos exercitos austro-allemaes, e que autoridade ou conhecimento é que podem ter para fazer asserções d’esta ou d’aquela natureza sobre acções militares no actual theatro da guerra?

S & V procuram de maneira insidiosa amesquinhar o apoio e os esforços prestados pela Inglaterra. Só um idiota poderá aceitar os argumentos expostos, que constituem até uma afronta á intelligencia dos leitores do ESTADO.

E que absurdo é esse do allemão ser “o povo mais forte da terra em todos os tempos da vida humana?” [...].

Os srs. S & V evidentemente encaram as cousas através de oculos allemaes, procurando ao mesmo tempo adular os francezes com absurdos, a fim de disfarçarem os seus sentimentos germanophilos. – W. R. A.”¹¹³

Além disso, os jornais não deixaram de olhar para o conflito de forma mais leve, a partir da veiculação de anedotas, por exemplo. Podemos perceber isso em algumas notas cômicas sobre a conflagração, a partir de um articulista que assinava “Polybio”:

¹¹¹ Estado do Pará. Belém 10 de junho de 1915, p.1.

¹¹² Estado do Pará. Belém 8 de junho de 1915, p.1.

¹¹³ Estado do Pará. Belém 11 de junho de 1915, p.2.

A nota cômica

RESERVISTA recalcitrante.

- O Fulati, você, que é reservista italiano, se fôr chamado, segue para a guerra? - Não posso. Iria morrer de fome.

- Como é isso?

- Estou deshabitado ao macarrão. Somente como feijoada, eu seria um soldado morto antes das balas austriacas me matarem...¹¹⁴

A nota cômica se insere em um contexto em que reservistas italianos estavam sendo recrutados para serem enviados à Europa, para a guerra. Notícias que vinham do Rio de Janeiro, falavam sobre a situação destes reservistas, mostrando que “O número de reservistas italianos, aqui, é tão grande que o consulado trabalha todo o dia sem poder atender aos que se apresentam.”, e que “os acadêmicos de medicina irão ao cáes incorporados levar os primeiros reservistas, que parte no “Duca di Genova”.¹¹⁵ Assim como acontecia no estado do Pará, onde este recrutamento também estava sendo organizado. Como podemos ver;

Reservistas italianos

SEU EMBARQUE PARA A GUERRA

D’esta capital partem hoje no “Brasil”, com destino ao Rio de Janeiro, de onde se transportarão à Europa os seguintes reservistas italianos:

Oliveta Biagio, Varignano Giusepe, Moliterno Vincenzo, Vita Giusepe, Bianchimani Rocco, Sola Raffaele, [...]

O embarque effectuar-se-á as 5 horas da tarde pelo cáes da Port of Pará [...].¹¹⁶

Além disso, assim como em 1914, quando eram feitas previsões acerca de quanto tempo duraria o conflito, em julho de 1915, isso acontecia mais uma vez. O jornal *Estado do Pará* trazia um artigo que tinha como título, “Quando acabará a guerra?”, que dizia, “A fim de continuar a “enquête” iniciada por este jornal sobre assumptos que dizem respeito à guerra européa, um nosso collaborador procurou ouvir a opinião de filhos das nações allemã e austriaca”.¹¹⁷

Este colaborador do jornal, entrevistou então alemães e um austríaco residentes no Brasil, que deram suas respectivas respostas. Um dos alemães disse, entre outras coisas, que “[...] os allemães estavam resolvidos a não falar sobre a guerra aos jornais de nosso país”, porque estes “se portam de modo muito injusto para com a nação germânica”. Outro alemão respondeu: “Não posso falar a respeito do que o sr. deseja. Além d’isso, não desejo dar pretexto a nova invectiva de conceitos insultosos a nossa pátria, o que virá a acontecer, se um allemão fizer quaesquer declarações”. E continua, “[...] além d’isso,

¹¹⁴ Estado do Pará. Belém 14 de junho de 1915, p.1.

¹¹⁵ Estado do Pará. Belém 28 de maio de 1915, p.3.

¹¹⁶ Estado do Pará. Belém 12 de junho de 1915, p.3,4.

¹¹⁷ Estado do Pará. Belém 1 de julho de 1915, p.1.

que nós, os allemães, nutrimos a convicção de que as guerras se resolvem nos campos de batalha, e não nos artigos da imprensa...”. Segundo a narrativa registrada pelo *Estado do Pará*, o entrevistado teria concluído sua fala afirmando que “O que pode publicar no seu jornal, é que a nossa confiança na infallibilidade da nossa victoria se faz cada vez mais inabalável...”.¹¹⁸ A resposta do austríaco, igualando-se a dos alemães foi;

Declarou-nos elle nada pode dizer sobre a guerra, porque d’ ella só tem as notícias que todos sabem, devido não se corresponder com seu paiz. Depois, uma razão imperiosa e respeitável me prihibe exprimir qualquer juizo pessoal. Disse-nos ainda que não conhece no Pará nenhum outro súbdito de Francisco José, a não ser humildes operarios e trabalhadores, cujas palavras seriam, para o público, absolutamente sem valor.¹¹⁹

1.5 As imagens da guerra, presentes nos jornais de Belém

Os anos de 1914 e 1915, trazem imagens que abordam guerra, no entanto, a presença destas imagens se intensifica em 1916, quando, uma coluna chamada “A guerra pela imagem” é criada. Nesta coluna, são apresentadas imagens reais da guerra europeia, e que retratam vários movimentos, países, navios, e o que mais acontecia na Europa. No dia 5 de junho, encontramos imagens que retratam o exército francês a caminho de Verdun.



FIGURA 7: Imagens do exército francês. Estado do Pará, Belém 5 de junho de 1916, p.1.

Fonte: Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil

¹¹⁸ Estado do Pará. Belém 1 de julho de 1915, p.1.

¹¹⁹ Ibidem.

O ano de 1916, foi o ano de Verdun, “[...]considerada pelos historiadores a mais longa e devastadora batalha travada durante a Grande Guerra. A “Batalha de Verdun”, onde houve o enfrentamento dos exércitos francês e alemão, aconteceu no nordeste da França e durou de fevereiro a dezembro de 1916”¹²⁰, “(segundo outra periodização, até junho de 1916)”¹²¹ Segundo Skrztek (2014):

A batalha, que durou mais de um ano, não trouxe aos alemães sucessos territoriais nem mudanças significativas, e não levou ao colapso do exército francês. Por um lado, as lutas por Verdun tornaram-se um símbolo de heroísmo e dedicação, mas, por outro lado, definições como “o inferno de Verdun” expressavam o absurdo da guerra. Nas lutas pela fortaleza foram vitimadas perto de 700 mil pessoas (mortos, feridos, desaparecidos, prisioneiros). Do lado alemão as perdas chegaram a 337 mil soldados, do lado francês – a 362 mil. A região de Verdun foi inteiramente devastada. Os franceses na realidade comprovaram a sua força defensiva, mas ao mesmo tempo, em razão do esgotamento, perderam a capacidade de ofensiva.¹²²

E desse modo é apresentada a cidade de Verdun, pelo jornal *Estado do Pará*, em junho de 1916, para que mais uma vez, seus leitores ficassem por dentro dos acontecimentos europeus: “Bastões demolidos, muralhas destroçadas, contrafortes desfeitos, grossos alicerces pulverizados, ruína, sangue, poeira e dor – Tu és Verdun, um símbolo augusto, que auréola a confiança serena da Latinidade”¹²³. A guerra, é literalmente apresentada aos leitores, que passavam inclusive a conhecer, através das imagens os lugares onde se davam os conflitos. A cidade de Verdun é mostrada aos leitores, talvez com o intuito de fazer com que estes, de alguma forma se aproximassem do que estavam lendo.

Sobre essa questão, do uso de fotografias nos jornais, Buitoni (2007), diz que “[...] se o jornalismo foi se constituindo como comunicação de sucessos sociais e culturais, era natural que a presença de visualidades figurativas se impusesse como necessidade”. E ela se questiona, “Que função cumpre a imagem junto ao texto jornalístico?”¹²⁴, a própria autora, diz então, que;

“Consideramos que a imagem existe entre o imaginário e a realidade. A instrumentação técnica traduz sob uma forma gráfica uma percepção

¹²⁰ BENEDETTI, D. V. L. As conseqüências da Primeira Guerra Mundial nas atividades da Sociéte Musicale Indépendante – SMI Revista Música Hodie, Goiânia, V.18 - n.2, 2018, p. 184.

¹²¹ SKRZTEK, Wojciech. De Marne 1914 a Marne 1918: as grandes batalhas da Primeira Guerra Mundial História: Debates e Tendências, vol. 14, núm. 2, julio-diciembre, Universidade de Passo Fundo, 2014, p. 287.

¹²² Ibidem.

¹²³ Estado do Pará. Belém 4 de junho de 1916, p.1.

¹²⁴ BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. Fotografia e Jornalismo: da prata ao pixel – discussões sobre o real. Líbero – Ano X – nº 20 – Dezembro, 2007, p. 103.

humana do mundo. Representação mental e técnicas se associam: a instrumentação concretiza a ligação entre o imaginário e o real ao fabricar uma imagem.¹²⁵

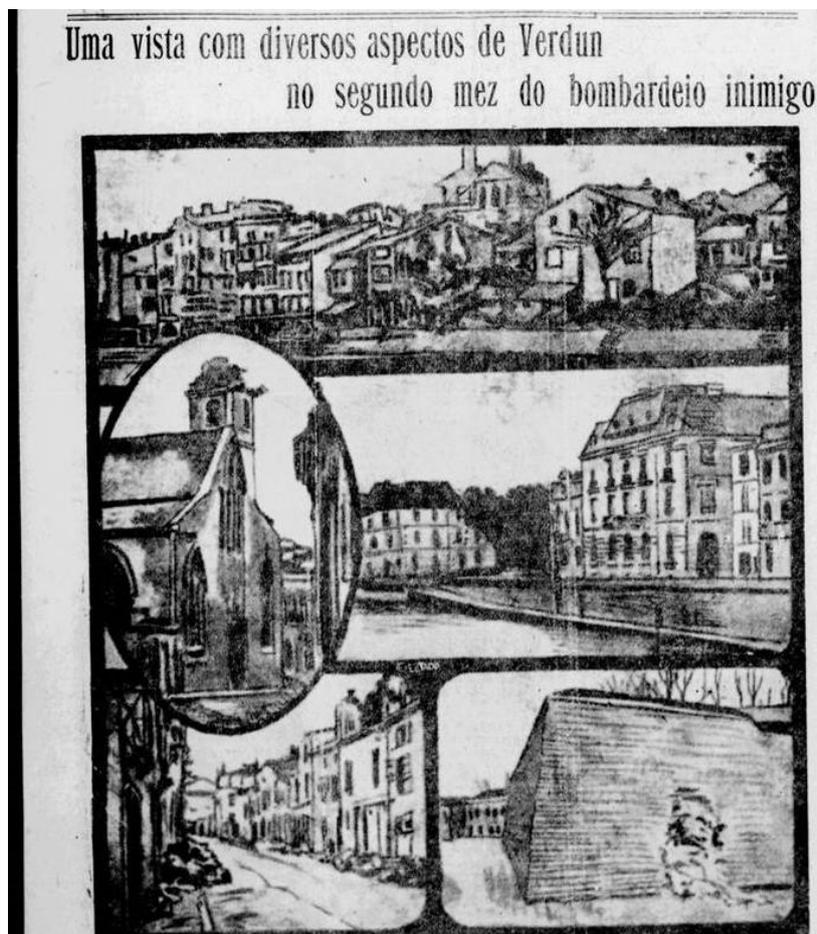


FIGURA 8: Cidade de Verdun, Estado do Pará, Belém 14 de junho de 1916, p.1. Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil

O jornal diz que as fotografias, são enviadas, “Graças a devotada actividade do nosso correspondente em Paris [...]”, e com isso, “[...] podemos oferecer a curiosidade do público as primeiras photographias que de França nos chegam sobre o desembarque das tropas russas em Marselha.¹²⁶ Com isso, mais duas imagens são apresentadas, uma que representa o desfilar dos soldados moscovitas após o desembarque, e outra, que mostra a apresentação dos oficiais russos as autoridades militares francesas.¹²⁷

As tropas russas, que estavam lutando ao lado dos países aliados, apareceram bastante nas imagens apresentadas pelo jornal *Estado do Pará*. O periódico assim justificava a publicação dos espaços da guerra, confirmando assim a hipótese de que estas imagens eram veiculadas dado o interesse dos leitores.

¹²⁵ Ibidem, p.104

¹²⁶ Estado do Pará. Belém 6 de junho de 1916, p.1.

¹²⁷ Ibidem.

No momento em que os moscovitas tomam, no oriente europeu, a vigorosa ofensiva de que nos falam os últimos telegrammas do “Estado”, é cabível oferecer á curiosidade dos leitores as principaes figuras dos exercitos russos que combatem nesta guerra”.¹²⁸



FIGURA 9: Imagens de combatentes russos, segundo o jornal, apresentada para satisfazer a curiosidade dos leitores. Estado do Pará, Belém 15 de junho de 1916, p.1.

Fonte: Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil

Até a distribuição de alimentos aos soldados, que é abordada no livro de Remarque, mencionado no início deste capítulo, é mostrada, no jornal *Estado do Pará*, através das imagens. Voltando-nos ao romance, este inicia-se com um soldado narrando a distribuição de alimentos por um cozinheiro, para uma tropa composta por 150 pessoas, que no dia da distribuição, foi reduzida a 80, por ter, um dia antes entrado em combate, gerando baixas. O cozinheiro, no entanto, não sabia do acontecido, e preparado para a distribuição, disse que só iria começar quando todos estivessem ali, um soldado, no entanto o avisou, dizendo que já estavam todos.¹²⁹ “O cozinheiro ficou aturdido, quando compreendeu o que ocorrera e chegou a perder o equilíbrio por um instante”.¹³⁰ Ainda que a narrativa de Remarque seja ficcional, esta não deixa de sugerir muitas das agruras

¹²⁸ Estado do Pará. Belém 15 de junho de 1916, p.1.

¹²⁹ REMARQUE, Erich M. Op. Cit., p. 7,8,9.

¹³⁰ Ibidem, p.9.

da guerra. Desse modo, sobre a alimentação dos combatentes o *Estado do Pará*, trouxe imagens de soldados recebendo seus alimentos.

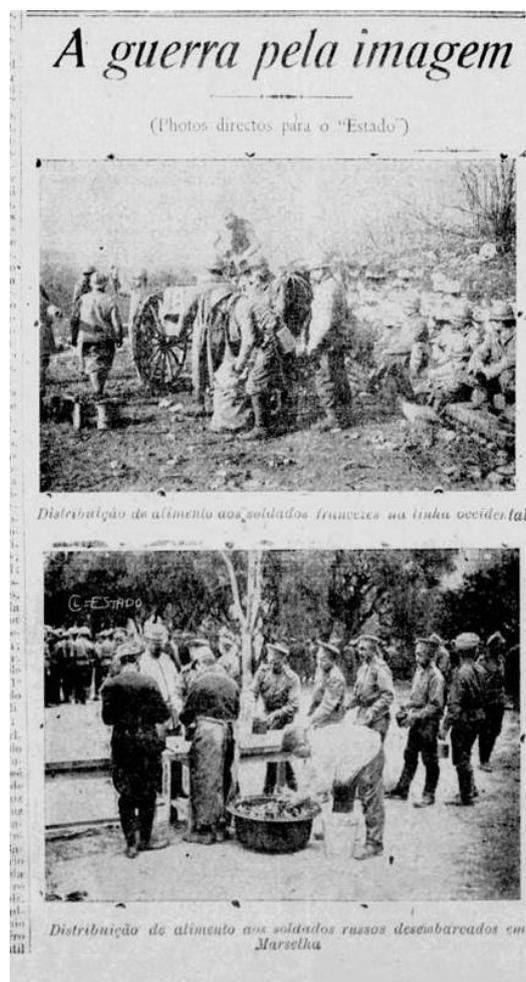


FIGURA 10: Distribuição de alimentos para tropas russa, e francesa. Estado do Pará, Belém 23 de junho de 1916, p.1.

Fonte: Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil

A questão da fome, foi algo que permeou a vida de soldados combatentes durante a guerra. Como bem apontou Remarque, em sua obra ficcional: “para o soldado, o seu estômago e a sua digestão são um setor muito mais familiar do que para qualquer outro cidadão. Setenta e cinco por cento do seu vocabulário vem daí [...]”.¹³¹ Isso pode estar ligado ao fato de que os eventos de guerra estiveram associados aos problemas da fome dos exércitos e também dos civis. De fato, conforme veremos mais detidamente no capítulo 3, os jornais de Belém, já em 1914, falavam sobre uma possível fome na capital paraense, causada pela guerra.

Em tempos de guerra manter o moral da tropa em meio aos transtornos parecia ser uma missão que permeava as ações nas regiões de guerra. Por isso a imprensa paraense

¹³¹ REMARQUE, Erich M. Op. Cit., p. 12.

também registrou ações dessa natureza. Um exemplo disso é uma imagem do periódico *Estado do Pará*, mostrando soldados franceses se divertindo em uma peça teatral realizada por eles próprios, na região de Verdun, como é possível ver abaixo.



FIGURA 11: Peça teatral realizada pelos franceses em Verdun. *Estado do Pará*, Belém 2 de julho de 1916, p.1

Fonte: Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil

Assim, nesse primeiro capítulo compreendemos que desde os primeiros dias de conflito, em 1914, a guerra era alvo de páginas e páginas, nos jornais de Belém. E como já mencionado, seja pelo fato de o público realmente pedir por notícias e informações sobre o conflito, ou seja pela vontade dos proprietários e funcionários. O importante é mostrar, que a guerra foi veiculada nos principais meios de comunicação daquele período. E ficava sabendo da guerra, tanto a parte da população que tinha acesso aos periódicos e sabia ler, e também a população que não sabia ler, mas ficava sabendo das informações por quem lia. O que podemos pensar, a partir disso, é que a população belenense, vivia aquele conflito, ainda que não no *front*. A guerra estava tão presente nos jornais, que é impossível imaginar, que tal acontecimento não tenha afetado a vida de parte da população. Os próximos anos do conflito são alvos do capítulo que segue.

CAPÍTULO II- O BRASIL ENTRA NA GUERRA: A MUDANÇA NAS REPRESENTAÇÕES DAS MÍDIAS ACERCA DO CONFLITO.

2.1. A neutralidade ainda presente

Pode-se dizer que nos primeiros momentos a guerra era apresentada de maneira meramente informativa. Os jornais destacavam o conflito chamando a atenção dos leitores, para o evento que começava a se desenrolar na Europa. Naquele primeiro momento de novos fatos e bombardeio de novas informações, o jornal *Estado do Pará*, fez questão de deixar claro sua estrita neutralidade diante de tal situação. Esse ponto de vista possivelmente, estava ligado ao fato de que o Brasil, possuía relações comerciais com países em conflito, como por exemplo, a Alemanha e a Grã-Bretanha, que eram rivais nos campos de batalha, e eram os dois países principais com os quais países da América Latina mantinham seus laços comerciais, o que dificultava um posicionamento contrário ao de neutralidade.¹³² O próprio jornal *Estado do Pará*, mostra, em 1913, ano anterior ao conflito, os valores das moedas dos principais países com os quais o Brasil mantinha relações comerciais. É o que mostra a imagem abaixo;

Valores	
Valores das moedas dos principaes países que têm relações de commercio com o Brazil, ao cambio de 16 1/32 a 1\$000 por dinheiro :	
Libra esterlina	14\$900,700
Shilling	\$748,47
Penny ..	625
Marco	\$734,615
Franco	\$594,526
Dollar	3\$082,108
Peso, ouro ..	2\$970,382
Valor 100\$ fortes	336\$842,448
Agio do ouro ..	68,42
Depreciação do papel	40,62

FIGURA 12: Imagem da seção comercial do jornal *Estado do Pará*. *Estado do Pará*, Belém 7 de fevereiro de 1913, p.4.

Fonte: Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil

¹³² REVAH, Mario Ojeda. Op. Cit., p.12.

Como é possível na imagem, o jornal nos mostra os valores das moedas, dos principais países com os quais o Brasil mantinha laços comerciais, em 1913, ano anterior a eclosão da guerra. E dentre as moedas apresentadas, estão a *libra esterlina*, moeda inglesa, e o Marco, moeda alemã, evidenciando então a relação comercial entre o Brasil, e dois países que em 1914 entraram em confronto, desse modo, é possível pensar que essa era uma das causas, da preservação da neutralidade, em um primeiro momento. Assim destacava o jornal *Estado do Pará*:

A neutralidade do Brasil perante a guerra – [...]sr. dr. Enéas Martins, governador do Estado, recebeu do Ministerio das Relações Exteriores a comunicação seguinte:

O Governo do Brasil, consciente das sérias responsabilidades que assumiu declarando-se neutro na presente conflagração de quase toda a Europa, não tem poupado esforços nem vacilado deante das dificuldades os seus deveres num conflicto em que se acham empenhados varios povos, com os quaes a Nação Brasileira mantém extensas e cordiaes relações.¹³³

Tal questão, também pode estar relacionada ao fato de que, como aponta Castro (2014), a situação do Brasil às vésperas do conflito era complicada. De fato, segundo o autor, naquele contexto, a economia nacional ainda era basicamente fundamentada na exportação de apenas um produto agrícola, que era o café, que de 1900 a 1910 correspondia a cerca de 53% das exportações e que a borracha era responsável por 26%, o que não podia ser considerado como essencial já que estas exportações (e as rendas alfandegárias, a principal fonte de recurso do governo) diminuíram com o início do conflito.¹³⁴

Desse modo, no dia 2 de agosto de 1914, a posição deste periódico é a de imparcialidade, quando faz questão de afirmar; “Com a maxima imparcialidade, vamos computar, pelos dados mais recentes que pudemos colher [...]”¹³⁵ Seguindo-se os dias, a questão da neutralidade, se continuava presente nas páginas dos jornais, tornando-se alvo de notícias inteiras, como a intitulada; “O nosso dever de paiz neutro”¹³⁶, que trazia, informações de como a população deveria proceder perante os acontecimentos europeus. A notícia apresentava as seguintes informações;

A neutralidade oficialmente declarada, pelo nosso paiz em face do movimento guerreiro que, rapidamente se alastrou pela Europa , impõe a todos os brasileiros, principalmente áquelles que representam uma particula qualquer de poder, ou que têm responsabilidades na

¹³³ Estado do Pará. Belém 8 de abril de 1915, p.2.

¹³⁴ CASTRO, Adler Homero Fonseca de. *O Brasil na 1ª Guerra Mundial e a DNOG*. Revista Brasileira de História Militar. Nº14, 2014 p.173,174.

¹³⁵ Estado do Pará, Belém 2 de agosto de 1914, p.1.

¹³⁶ Estado do Pará, Belém 14 de agosto de 1914, p.1.

gestão pública, deveres taes que constitui grave indisciplina ou criminosa desobediência a sua violação.

A nenhum dos povos belligerantes podemos levar applausos ou censuras, sem irmos de encontro aos princípios que regulam a neutralidade, que são de direito público internacional.¹³⁷

Em janeiro de 1917, terceiro ano da guerra, a questão da neutralidade, ainda era destacada, quando vemos uma notícia, já na primeira página, sobre o aniversário de Guilherme II, rei da Prússia e imperador alemão. O último parágrafo da notícia diz o seguinte:

Estampando o seu retrato e permitindo-nos estas ligeiras notas, com a imparcialidade de brasileiro, apresentamos os nossos cumprimentos à colonia allemã do Pará pelo auspicioso facto.¹³⁸

Em 1917, houve festejo em Belém para a comemoração de aniversário do imperador, e “A colonia allemã nesta capital festejou condignamente o 58º aniversário natalício do seu imperador, hontem registrado”. A festa foi realizada pelo cônsul alemão que vivia no estado do Pará, e “[...] deu, às 11 ½ do dia, em sua residência, á travessa Ruy Barbosa. 139-A, brilhante recepção, bastante concorrida, sendo servido farto serviço de frios, doces e champagne”.¹³⁹ Por ser noticiada na imprensa como um evento social que certamente contou com a presença de famílias abastadas da sociedade, pode-se supor que àquela altura as relações com a Alemanha não pareciam representar um problema em Belém do Pará, dada a forma amistosa com que se festejava o aniversário de Guilherme II.

Ou seja, até o início de 1917, a questão da neutralidade do Brasil, que era pauta nos jornais, tinha essa representação, de imparcialidade, chamando a atenção dos leitores para os deveres que a população deveria respeitar, por viver em um país neutro. Apontando como indisciplina ou violação, atos contrários aos que eram apontados nas notícias.

No entanto, mesmo a neutralidade brasileira sendo destacada, foi criada no Rio de Janeiro uma liga em prol dos países do grupo dos aliados, “a iniciativa original partira do funcionário público e professor Augusto Araújo Gonçalves, um ferrenho defensor da França no conflito mundial”.¹⁴⁰ Segundo Pires (2011), A Liga Brasileira Pelos Aliados;

Foi fundada em 1915, no Rio de Janeiro, por José Veríssimo, Nestor Victor e Olavo Bilac, e instalada no Clube de Engenharia, localizado na atual Avenida Rio Branco. Era formada, basicamente, por ilustres intelectuais e políticos do cenário fluminense, dentre eles o

¹³⁷ Ibidem.

¹³⁸ Estado do Pará. Belém 27 de janeiro de 1917, p.1.

¹³⁹ Estado do Pará. Belém 28 de janeiro de 1917, p.1.

¹⁴⁰ PIRES, Livia Claro. Os inimigos da Nação: A Liga Brasileira Pelos Aliados e os Discursos Sobre o “Perigo Alemão” Durante a Grande Guerra (1915-1919). Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 8, n. 1, jan./jun. 2015, p. 64.

poeta Alberto de Oliveira, o senador Artur Azeredo, o também senador Paulo de Frontin, o jornalista português João Luso, o urbanista Armando de Godoy, e o romancista Afonso Escragnole de Taunay. Tinha como presidente honorário o senador Ruy Barbosa, e como membro do Comitê Executivo e representante no exterior, Graça Aranha.¹⁴¹

A Liga foi criada com o objetivo de defender e promover a causa aliada no país, além de alertar os brasileiros sobre um perigo alemão. “Para integrar a Liga Brasileira, conforme foi anunciado, era necessário residir no Brasil e aderir à mesma por escrito”, além do mais, “Aceitavam, inclusive, a participação de estrangeiros oriundos dos países neutros, desde que suas simpatias residissem nos Aliados e contra a Alemanha, a Áustria e a Turquia”.¹⁴²

Além de publicar artigos nos jornais para fazer propaganda da causa aliada, a Liga, promovia eventos que angariavam fundos que serviriam de auxílios às vítimas de guerra. Esses atos não deixaram de aparecer nas páginas dos jornais de Belém. O *Estado do Pará*, trazia as informações sobre a Liga, desde sua fundação, até as atividades realizadas.

Ha no Rio uma “Liga dos aliados”

Rio, 16 – Amanhã reunirá aqui a “Liga dos Aliados”, sob a presidência do senador Ruy Barbosa.

A Liga, que se compõe de vários intellectuaes brasileiros, publicará brevemente um manifesto favorável ás nações aliadas.¹⁴³

Liga pró-aliados

Rio, 17 – Sob a presidência do sr. Ruy Barbosa reuniram hoje vários intellectuaes para fundar a Liga pró-aliados.¹⁴⁴

A “Liga pro-aliados” elege sua directoria e toma varias deliberações

Está definitivamente organizada a Liga pró-aliados. Foi escolhido presidente o sr. Ruy Barbosa, que tomou o encargo de elaborar um manifesto em nome dos brasileiros amigos dos aliados.¹⁴⁵

BRASIL

Rio, 7 – A Liga dos Aliados festejará amanhã, condignamente o anniversario do rei Alberti I, da Belgica.¹⁴⁶

Em Belém, havia a realização de festivais, que eram promovidos em prol de países em luta. Como por exemplo, uma festa de caridade, destacada como um “altruistico festival”, promovida pela colônia italiana, no elegante Palace-Theatre, em benefício da *Cruz Vermelha* do seu país. O que nos possibilita pensar, que, mesmo o país assumindo

¹⁴¹ PIRES, Livia Claro. A Liga Brasileira pelos Aliados e o Brasil na Primeira Guerra Mundial. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo, julho 2011, p. 6.

¹⁴² Ibidem, p. 6,7.

¹⁴³ Estado do Pará. Belém 17 de março de 1915, p.3.

¹⁴⁴ Estado do Pará. Belém 19 de março de 1915, p.3.

¹⁴⁵ Estado do Pará. Belém 20 de março de 1915, p.3.

¹⁴⁶ Estado do Pará. Belém 9 de abril de 1915, p.3.

uma posição de neutralidade, e isso fosse destacado nos jornais, a realidade da população, era outra. Natural, já que Belém era uma cidade que abrigava pessoas de diferentes partes do mundo. Portanto, ainda que o governo brasileiro estabelecesse regras sobre a neutralidade do país, a imprensa, por meio de suas notícias ia demonstrando que nas cidades as ações de muitas pessoas indicam sim, que havia uma tomada de posição ou uma simpatia por um dos grupos envolvidos no conflito. Desse modo, podemos questionar essa ideia de neutralidade tão presente, nas páginas dos jornais. Era como se o jornal apenas quisesse informar, e repassar as informações que vinham das autoridades maiores do governo federal, mas demonstrando também, em suas páginas que isso não era totalmente obedecido pela população brasileira.

2.2. Os primeiros momentos de 1917.

O ano de 1917 começa no Pará com um novo governante. Lauro Sodré assumiu o cargo em fevereiro daquele ano, e recebeu páginas e páginas de aclamação, no jornal *Estado do Pará*, que curiosamente, em 27 de dezembro de 1916, último dia de publicação do jornal, naquele ano, apontava o novo governador de forma não muito agradável, com notícia que criticava a forma como o novo governador tinha sido eleito. A notícia dizia; “O sr. dr. Lauro Sodré não quiz ainda assumir uma atitude explicita e definida na política paraense que veio perturbar”. Assim, em tom de revolta, o articulista da notícia questionava, “Como, pois considera-se eleito o sr. dr. Lauro Sodré? Quem o elegeu? Com que o elegeram? [...]”.¹⁴⁷ O Pará, então parecia viver conflitos políticos, naquele momento, por conta as eleições, que ocorreram no dia 3 de dezembro de 1916¹⁴⁸, o que era refletido nas páginas dos jornais. O dia 27 de dezembro de 1916, foi o último em que o jornal *Estado do Pará* foi publicado, tendo um pequeno recesso, voltando a ser publicado em 21 de janeiro do ano seguinte. Neste dia 27, a primeira página do jornal é toda composta por assuntos políticos, que aclamam o então governador Enéas Martins, e destratam Lauro Sodré. Uma reviravolta acontece, e em 21 de janeiro de 1917, quando o jornal voltou então a ser publicado, o futuro governador ganhou espaço significativo nas páginas daquela folha, e foi apresentado como um salvador para o Estado, que como apontou tanto o jornal como o primeiro discurso de Lauro Sodré, vivia momentos de crise e instabilidade financeira. Como se pode observar na notícia abaixo:

O Pará assistiu então, infelizmente, ao dissídio, cada dia mais pronunciado, mais irreparável e mais largo, entre o povo e esta folha, durante a campanha, a bem dita campanha em pról da candidatura de

¹⁴⁷ Estado do Pará, Belém 27 de dezembro de 1916, p.1.

¹⁴⁸ Estado do Pará, Belém 23 de janeiro de 1917, p.1.

Lauro Sodré, para a honra, para a glória e para o pandor de quantos aqui vivem, victoriosa por fim.

[...]

A esse tempo [...] a taça cheia de fêl transbordou, e em a noite de vinte e sete de Dezembro o povo, fraternizado com a brigada, num assomo de civismo, que basta para ennobrecer uma pátria inteira, imortalizando os que o conduziram, apresentaram e ultimaram, num brado de altivez inexcedível atirou o governador desonesto, com os poucos arrastados com ele na queda, do palácio presidencial a uma praça de guerra. O último dia da publicação do “Estado” coincide com o dia inicial da redenção do Pará.¹⁴⁹

A guerra parece, então, ter ficado para segundo plano, nos primeiros dias de publicação daquele jornal, em 1917, pois aparecia, na maioria das vezes, apenas na página 3, que era destinada ao Boletim Telegraphico¹⁵⁰. Já que as primeiras páginas, se encarregavam de noticiar a situação do Estado e a chegada do novo governador ao poder.

Poucos dias depois, é possível encontrar a primeira notícia referente a guerra, de fato¹⁵¹, na primeira página do Estado do Pará, no dia 24 de janeiro. Com isso, vemos que o ano de 1917, traz mudanças tanto no desenrolar do conflito, quanto no Brasil, e consequentemente nas páginas dos jornais. O título da notícia é “Em torno da paz”, e trata da resposta dada pela Alemanha, a uma nota do presidente Wilson, dos EUA, referente as negociações de paz entre as potências beligerantes. Uma paz, que ao invés de ser selada, em poucos dias, seria rompida, e os EUA, declarariam guerra à Alemanha. Esta declaração de guerra, traria consequências ao Brasil, e o jornal, se encarregava de noticiar tudo.

A guerra, naquele momento, já tinha assumido proporções gigantescas. Daróz (2016), aponta que, “a incapacidade de romper as trincheiras em 1915 levou os Aliados e as Potências Centrais a planejarem grandes ofensivas com o objetivo de derrotar o inimigo”, e com isso, “[...] no ano de 1916, a guerra assumiu proporções até então inimagináveis”¹⁵².

¹⁴⁹ Estado do Pará, Belém 21 de janeiro de 1917, p.1.

¹⁵⁰ Havia nos jornais, colunas que eram destinadas às informações que vinham das outras cidades brasileiras, e de outros países. Em 1914, geralmente estavam nas páginas 1 e 2, mas nos anos seguintes, na maioria das vezes, apareciam nas páginas seguintes, sendo a página 3, predominante para o serviço telegráfico. O nome da coluna que trazia essas informações, no jornal Estado do Pará, mudou diversas vezes, de 1914 para 1918. Dentre estes anos, foi intitulada de TELEGRAMMAS, INFORMAÇÕES MUNDIAES, VÁRIAS NOTÍCIAS TELEGRAPHICAS, OS NOSSOS TELEGRAMAS, ÚLTIMAS NOTÍCIAS Telegrammas do paiz e do exterior e ocorrências locais. Em 1917, encontramos a coluna, na página 3, como BOLETIM TELEGRAPHICO.

¹⁵¹ Antes disso, aparecem notícias sobre a realização de um festival, em Belém, em benefício da cruz vermelha Italiana.

¹⁵² DARÓZ, Carlos. O Brasil na Primeira Guerra Mundial: a longa travessia. São Paulo: Contexto, 2016, p. 79.

O ano de 1916 foi bastante intenso, com as duas batalhas de Verdun e do Somme, que causaram “respectivamente 770.000 e 1.200.000 vítimas (mortos, feridos e desaparecidos) de ambos os lados¹⁵³. Por conta disso, “a chegada do ano de 1917 deu-se de forma sombria na Europa. As campanhas de atrito em Verdun e no Somme não haviam conseguido dar um fim à guerra, que deveria “acabar antes do Natal [de 1914]”¹⁵⁴. E com isso, “[...] os mortos, feridos e incapacitados já chegavam à cifra dos milhões”¹⁵⁵.

A guerra submarina, se fortaleceu, e em 1917, foi decisiva para o desenrolar dos acontecimentos. De acordo com Daróz, em março de 1916, Von Tirpitz, que era então ministro e comandante da marinha imperial alemã, foi substituído, justamente por defender a guerra submarina irrestrita, seu objetivo era romper o impasse na Frente Ocidental. No entanto, “por ordem do Kaiser, a campanha havia sido suspensa temporariamente desde o afundamento do RMS Lusitânia¹⁵⁶, que chocou a opinião pública e provocou a ira dos norte-americanos”¹⁵⁷. A substituição, de nada adiantou, pois, o sucessor de Tirpitz foi Eduard Von Capelle, que também era favorável a guerra submarina irrestrita. O novo comandante, trabalhou então, para convencer o kaiser a ampliar a campanha, submarina, e assim, em 1º de fevereiro de 1917, o Kaiser Guilherme II a autorizou, sem restrições¹⁵⁸.

Se o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando foi o estopim para a eclosão da Grande Guerra, a guerra submarina, foi o estopim para o rompimento das relações entre EUA e Alemanha, assim como, Brasil e Alemanha. E tudo isso era apresentado aos leitores dos jornais paraenses.

No dia 1º de fevereiro, o Kaiser autorizou a guerra submarina, sem restrições. Três dias depois, já na página 1, encontra-se a notícia, acompanhada de fotos dos representantes dos dois países, que dizia; “Rio, 3 (Via Western) A Agencia Havas anuncia que a America do Norte acaba de romper relações diplomaticas com a

153

Disponível

em:

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2018/11/10/interna_internacional,1004653/a-primeira-guerra-mundial-em-numericos.shtml#:~:text=Nas%20fileiras%20militares%2C%20a%20guerra,3%2C6%20milh%C3%B5es%20de%20feridos. Acesso em: 17/005/2020 às 11h40.

154 DARÓZ, Carlos. Op.Cit, p. 84.

155 Ibidem.

156 No dia 7 de maio, foi afundado por um submarino alemão, na costa da Irlanda, o transoceânico Lusitania, navio britânico, que durante o torpedeamento, transportava 128 passageiros estadunidenses, dentre eles, um multimilionário, chamado Wanderbitz, que morreu. Com o afundamento, mais de 900 pessoas morreram.

157 DARÓZ, Carlos. Op.Cit, p. 82.

158 Ibidem.

Allemanha [...]”¹⁵⁹. A notícia falava sobre uma nota diplomática que seria enviada ao Kaiser, “pela nação “yankee”, para falar sobre a campanha de submarinos, da qual já teriam sido vítimas, com o afundamento do “Luzitania”. De acordo com o que publicou o *Estado do Pará* o governo do então presidente Woodrow Wilson, pediu explicações, a Alemanha, mas os ataques continuaram e a Alemanha já não fez mais questão de explicar-se. Por conta disso, optou-se pela ruptura das relações diplomáticas¹⁶⁰. Ou seja, até aquele momento, houve, apenas, o rompimento das relações diplomáticas, e não a declaração oficial de guerra. E como apontava o *Estado do Pará*, “Reina indescritível entusiasmo em toda a América pela atitude do governo. Há verdadeira emoção em toda a cidade. A opinião geral é que está iminente a declaração de guerra, dependendo somente da atitude que a Alemanha assumir no caso”¹⁶¹.

Isso, a princípio, foi absorvido pelo Brasil, de maneira que a neutralidade ainda era defendida, quando, no último parágrafo da notícia, encontramos o posicionamento inicial do país; “Esperamos, todavia, que nem a Alemanha nem os Estados-Unidos nos obrigarão a medidas excepcionaes, que nos retirem esta neutralidade que até agora nos soubemos manter”¹⁶². Reafirmando o posicionamento neutro perante o conflito até aquele momento. O que em poucos dias, seria mudado.

No entanto, dias antes da declaração oficial de estado de guerra, do Brasil contra Alemanha, este posicionamento também foi bastante discutido nos jornais. No dia 5 de fevereiro de 1917, é publicada, no *Estado do Pará*, a nota do governo alemão, diante da declaração de rompimento das relações diplomáticas entre EUA e Alemanha. Vinda, do Rio de Janeiro, por meio do serviço telegráfico, a nota que era transmitida ao embaixador americano em Berlim, dizia, dentre outras coisas, que a Alemanha, estaria pronta a entrar em negociações, mas que ao desejo alemão de conciliação, foi contraposto a intransigência e o combate extremo, o que caracterizava uma nova situação, obrigando a Alemanha a tomar novas decisões¹⁶³.

Naquela nota, é possível observar que a justificativa para as decisões da Alemanha era a de que, havia dois anos e meio que a Inglaterra abusava da influência política da sua força naval para uma tentativa, apontada como criminosa, de pôr em prática medidas brutais de querer obrigar pela fome, a Alemanha e a Austria-Hungria á submissão. Além

¹⁵⁹ Estado do Pará, Belém 04 de fevereiro de 1917, p.1

¹⁶⁰ Ibidem.

¹⁶¹ Estado do Pará, Belém 05 de fevereiro de 1917, p.1.

¹⁶² Estado do Pará, Belém 04 de fevereiro de 1917, p.1.

¹⁶³ Estado do Pará, Belém 05 de fevereiro de 1917, p.1.

de fazer críticas ao fato de que “[...] o grupo de potências chefiado pela Inglaterra não só proíbe as relações conosco¹⁶⁴, como exerce pressão sobre a situação econômica dos neutros [...]”, limitando assim o intercâmbio mundial à sua vontade¹⁶⁵. Para a Alemanha, o “governo inglês persiste, entretanto, na guerra de fome, a qual, sem atingir o nosso poderio militar, obriga, mulheres, crianças e velhos doentes a sofrerem privações para bem do país suportadas, aliás, com a mais comovedora dedicação à pátria¹⁶⁶.

Ou seja, a nota alemã, segundo o *Estado do Pará* deixa claro que a guerra submarina, a qual reforçou e mobilizou, muito esteve ligada ao modo de guerrear da Inglaterra, que proibiu relações comerciais de países neutros com a Alemanha e seus aliados, fechou os mares para o comércio, etc. Atitude similar tomada pela Alemanha, ao declarar a guerra submarina irrestrita, fechando também zonas marítimas e declarando-as como zona de guerra, proibindo, inclusive, o tráfego de navios de países neutros. Tal nota, causa alvoroço no Brasil, que naquele momento ainda era um país neutro. Contudo, de acordo com as informações publicadas no *Estado do Pará* “com a chegada da cópia ao Brasil da nota alemã, realizaram-se ontem conferências no palácio do Rio Negro, em Petropolis [...]”, e “[...] Logo que aqui foi divulgada a nota alemã, o ministro do Exterior apressou-se em procurar o presidente[...]”, assim, “[...] Nessa conferência ficou imediatamente resolvido o objeto de fundas convicções recíprocas e preliminares, em virtude das quais o Brasil não aceitaria a nota alemã, contestando suas conclusões”.¹⁶⁷

O Brasil não poderia aceitar passivamente o anúncio do bloqueio, e os termos da nota alemã, já que a economia dependia essencialmente das exportações de café para a França e a Grã-Bretanha.¹⁶⁸ Com isso, é possível perceber a mudança no teor das notícias, que o tempo todo chamam a atenção para o posicionamento que o Brasil deveria tomar diante de tais acontecimentos. Em algumas notas do Boletim telegráfico do dia 6 de fevereiro, temos; “Ignora-se a atitude que o nosso governo assumirá deante dos propósitos da guerra submarina alemã e da posição assumida pelos Estados- Unidos; aliás acredita-se não poder ser outra senão a de entrar o Brasil na guerra”, “Toda a imprensa do Rio

¹⁶⁴ Em 1915, segundo ano de guerra, foi posta em prática, segundo Bonow (2010), a Statutory List, que é conhecida como a Lista Negra (ou Black List), sob a qual, “[...] os súditos britânicos ficavam proibidos de estabelecer relações econômicas com qualquer indivíduo ou empresa que tivesse origem em qualquer dos países inimigos – mesmo que estivessem em países neutros”. BONOW, Stefan Chamorro. Revista Mundos do Trabalho, vol. 2, n. 4, 2010, p. 282.

¹⁶⁵ Estado do Pará, Belém 05 de fevereiro de 1917, p.1.

¹⁶⁶ Ibidem.

¹⁶⁷ Estado do Pará, Belém 06 de fevereiro de 1917, p.3.

¹⁶⁸ DARÓZ, Carlos. Op.Cit, p. 84.

commenta o rompimento com a Alemanha e os receios da atitude que o Brasil seja obrigado a tomar”.¹⁶⁹

Além disso, o fato de os EUA terem rompido as relações diplomáticas com a Alemanha, foi o tempo todo apresentado no *Estado do Pará*, como um fato que arrastaria o Brasil ao conflito mundial. No dia 7 de fevereiro, temos a notícia; “A’s portas da guerra, A atitude do presidente Wilson, rompendo as relações diplomaticas dos Estados-Unidos com a Alemanha, atirou sobre as duas Americas a ameaça terrível da guerra”.¹⁷⁰ Com isso, tem-se ainda a ideia da guerra, como algo terrível, e a agitação popular, consequentemente era inevitável. Ao saber da conferência do dia 6 de fevereiro, realizada pelo presidente Wenceslau Braz, “[...] a opinião publica mostrou-se muito agitada, fazendo-se os mais desencontrados commentarios sobre o caso e circulando insistentes boatos de que o Brasil romperá as relações diplomaticas com a Alemanha”.¹⁷¹

Fato, que inclusive já apontava possíveis consequências ao comércio e à economia, quando é possível encontrar, nas colunas destinada ao comércio, do dia 7 de fevereiro, informações de que o mercado cambial encontrava-se em baixa. Segue a notícia; “Movimento commercial de hontem: O cambio – O mercado cambial acha-se em baixa, com compradores retraídos, motivado talvez por panico, em vista da nova phase da guerra que ameaça envolver as nações sul-americanas”.¹⁷²

Por todos esses acontecimentos, a questão da entrada do Brasil na guerra, chegou como discussão ao Pará. De fato, através de uma carta escrita por Tito Franco, endereçada a L.C (não foi possível encontrar o nome do endereçado ou endereçada, apenas suas iniciais). Na carta, que foi publicada no jornal *Estado do Pará*, o advogado e escritor, que era filho de Tito Franco de Almeida (político paraense), fala sobre ter recebido, através de algumas notas endereçadas a ele por um amigo, com a inicial V, notícias do torpedeamento de um navio brasileiro, “[...] com guarnição, e com carregamento do Brasil, sob a bandeira desfraldada do Brasil em zona que ninguém sabe ao certo se está dentro, se está fora dos limites de bloqueio, ultimamente fixados pela soberbia e audacia allemãs”.¹⁷³

E de modo bastante paradoxal o escritor diz que aquelas linhas o confortam e o desesperam. Para ele a guerra era algo ruim, insensato. Ele a intitulou como a “sangueira

¹⁶⁹ Estado do Pará, Belém 06 de fevereiro de 1917, p.3.

¹⁷⁰ Estado do Pará, Belém 07 de fevereiro de 1917, p.1.

¹⁷¹ Ibidem, p.3.

¹⁷² Ibidem, p.5.

¹⁷³ Estado do Pará, Belém 10 de fevereiro de 1917, p1.

européa”. É ruim, mas disse que a hora do Brasil chegaria, e que não se poderia fugir ou se acovardar, pois, “Se a catástrofe do “Gurupy”¹⁷⁴ não se confirma, outras virão, e estas confirmadas e incontentes.”¹⁷⁵ Por isso, ele afirma; “Não temos o direito de ser covardes. Temos, nação joven [...]”, e “Para assegurar uma neutralidade amanhã, agachada e nulla, para assistir a destruição da nossa propriedade sem um gesto sequer de protesto [...], para dormir no medo, como as lebres dormem no silencio dos restôlhos, fora melhor nunca haveremos nascido”.¹⁷⁶

Tito Franco finaliza, dizendo que desconhece como V. receberá seus comentários, mas sabe que descontentará a muitos¹⁷⁷. Para ele vivia-se uma situação de subalternidade, que não poderia e nem deveria continuar, pois valia mais perecer com a honra do que prosperar sem ela, e que dele já partira a primeira explosão de protesto.¹⁷⁸ Ou seja, mais uma vez a guerra voltava a ser discutida no Pará. Assim como em 1914, com o início do conflito, que gerou alvoroço entre os comerciantes, que aumentaram os preços de algumas mercadorias com a justificativa de que haveria a carestia dos gêneros de primeira necessidade. A guerra foi constantemente apresentada nos jornais, mas geralmente com o teor nacional, nestes dois exemplos, podemos ver os reflexos dela no Pará.

Já no dia 11 de fevereiro, encontra-se a nota de protesto do Brasil, aos governos da Alemanha e Áustria-Hungria. A nota, que também foi enviada ao governador do Pará, pelo então ministro das relações internacionais, Lauro Muller, (indicando a presença das discussões em solo paraense), falava sobre o bloqueio estabelecido pela Alemanha e Áustria-Hungria, e as consequências disso ao Brasil, ameaçando os direitos e interesses vitais do país, com essa “Inesperada comunicação, agora recebida, de um extenso bloqueio de paizes com os quaes o Brasil tem activas relações economicas e está em ininterrupto contacto por navegação também brasileira [...]”.¹⁷⁹ Por isso;

Em taes circumstancias e seguindo invariavelmente o seu proposito anterior o governo brasileiro, depois de ter estudado a matéria da nota allemã, declara nesta occasião que não póde acceitar como effectivo o bloqueio ora subitamente estabelecido pelo governo imperial allemão, porque, tanto pelos meios empregados para realizar esse bloqueio e desmedida extensão das zonas interdictas, como pela

¹⁷⁴ Possivelmente, nome do navio que teria sido torpedeado.

¹⁷⁵ Estado do Pará, Belém 10 de fevereiro de 1917, p1.

¹⁷⁶ Ibidem.

¹⁷⁷ Questão, possivelmente relacionada ao fato de que durante estes meses anteriores a entrada do Brasil na Guerra, houve discussões entre os intelectuais brasileiros com relação ao posicionamento do país perante o conflito. Alguns eram favoráveis a entrada do Brasil na Guerra, do lado dos aliados, outros eram favoráveis a entrada do Brasil ao lado dos alemães, e outros eram favoráveis à preservação da neutralidade.

¹⁷⁸ Estado do Pará, Belém 10 de fevereiro de 1917, p1.

¹⁷⁹ Estado do Pará, Belém 11 de fevereiro de 1917, p2.

ausencia de quaesquer restricções no ataque, inclusivé a dispensa de prévio aviso aos navios mesmo neutros e o uso anunciado de destruição por quaesquer meios armados, tal bloqueio não seria regular nem effectivo e desobedeceria aos principios de direito e clausulas convencionais estabelecidas para operações militares dessa natureza.¹⁸⁰

Lauro Muller finaliza a nota, dizendo que o governo brasileiro desejava evitar divergências com as nações amigas em luta, por isso, sentia-se no direito de protestar conta esse bloqueio, e em consequência disso, deixava “[...] ao governo imperial allemão a responsabilidade de todos aqueles casos que se derem com cidadãos e navios brasileiros, desde que se certifique a postergação dos principios reconhecidos do direito internacional [...] em que o Brasil e Allemanha sejam partes”.¹⁸¹

Todas essas discussões causavam alvoroço na capital paraense, através dos jornais, mas também através de boatos que circulavam de boca em boca. Assim, a relação EUA/GUERRA/BRASIL/BELÉM, caminhava lado a lado. No dia 6 de abril, o jornal fazia a seguinte publicação, “Recebemos hontem, via Western, despacho telegraphico do nosso correspondente no Rio, communicando-nos ter o Senado norte-americano approved o pedido de declaração de guerra contido na mensagem do presidente Wilson [...]”. Por conta disso, “Apezar de ter sido na tarde de hontem quase morto o movimento nas ruas do commercio, inummeras pessôas se reuniram logo e frente à nossa redação, a comentar animadamente o conteudo do telegramma[...]”, e que, rápido se espalhou por todos os cantos da cidade. O telefone da redação do jornal, não parava de tocar, eram chamados de “[...] amigos e leitores do ESTADO, que buscavam curiosos e inquietos a confirmação do boato”.¹⁸²

Na mesma notícia, foi dito que, o boato não foi confirmado, pois buscou-se comunicação com o consulado norte-americano, que informou não ter recebido notícia nenhuma sobre o fato, mas, mesmo não havendo confirmação, o alvoroço foi formado. No entanto, é possível encontrar na mesma página, notícia vinda através do serviço telegráfico, que dizia; “WASHINGTON, 5 – (Western) – O Senado acaba de aprovar por 82 votos contra 6 a declaração de guerra á Allemanha”.¹⁸³ O que foi confirmado em notícia telegráfica do dia 8 de abril, vinda de Washington, no dia 6 de abril, houve a declaração de guerra dos EUA contra a Alemanha. A notícia dizia o seguinte; “Washington, 6 – (Western) A câmara dos

¹⁸⁰ Ibidem.

¹⁸¹ Ibidem.

¹⁸² Estado do Pará, Belém 6 de abril de 1917, p1.

¹⁸³ Ibidem.

deputados acaba de aprovar agora mesmo, 3 horas e 20 minutos da madrugada, a declaração de guerra a Alemanha”.¹⁸⁴

Todos esses acontecimentos, que provavelmente agitaram as redações dos jornais, e a população da cidade, também indicavam o futuro próximo do Brasil perante o conflito. Que acabou por revogar a tão adiada neutralidade. É o que veremos a seguir.

2.3. O torpedeamento de navios brasileiros e a revogação da neutralidade.

A série de torpedeamentos que sofreram os navios brasileiros, em águas estrangeiras, foi decisiva para a mudança de posicionamento, de um país neutro, para um país, assim como os EUA, também em estado de guerra. Ainda, que em um primeiro momento, este estado de guerra não tenha sido logo reconhecido.

Todos os acontecimentos citados anteriormente, foram responsáveis para a mudança de posicionamento do Brasil perante o conflito. Mas, de acordo com o que é possível ver nos jornais, o fato marcante para isso, foi a série de ataques tanto a navios brasileiros, como aqueles que transportavam cargas do Brasil para países em conflito e vice versa. Isso, de acordo com a pesquisa nos jornais, mudou o modo como era vista a guerra e a questão da neutralidade, já que o Brasil era um país neutro e ainda assim seus navios estavam sendo atacados. Os discursos sobre a preservação da neutralidade para o bem do país e sua economia, foram cedendo lugar aos discursos em favor da defesa nacional, aliados a pressão popular, para que o país, neutro, sem posicionamento, não afundasse, assim como seus navios. Já que, manter-se neutro, naquele momento era visto como covardia.

O primeiro torpedeamento, de 1917, relacionado ao Brasil, é apontado no jornal *Estado do Pará*, como “A PRIMEIRA CATASTROPHE”, assim mesmo, com letra maiúscula e sendo a primeira notícia da página do dia 21 de março de 1917. A notícia trata do possível torpedeamento de um navio inglês chamado “Anthony”, que saía do Pará com destino a Liverpool, e com carga Amazônica. O navio foi torpedeado, mas a decorrência do ataque, não foi confirmada, de fato, pelo jornal. Houve apenas insinuações de que a catástrofe tenha sido realizada por submarinos alemães.

¹⁸⁴ Estado do Pará, Belém 8 de abril de 1917, p3.



FIGURA 13- Navio “Anthony”, que foi torpedeado, por submarinos alemães, enquanto transportava carga de produtos da Amazônia. Estado do Pará, Belém 21 de março de 1917, p.1.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil

O fato é, que embora não fosse um navio brasileiro, foi o “[...] primeiro torpedeamento dos vapores da flotilha americana da *Booth Line*, das embarcações que ainda servem os portos do norte [...]”.¹⁸⁵ O que traria consequências à economia paraense, pela carga transportada, por isso;

“O conhecimento da catastrophe do “Anthony”, hontem aqui, a princípio vehiculada como charla–noticia vaga e triste que se confirmou em telegrama que o gerente da companhia de navegação, a que aquelle navio pertencia, recebeu posteriormente de Londres,— percutiu até ao amago mais fundo da nossa praça, dolorosissimamente emocionada pelo sinistro, quanto grandemente prejudicada, em haveres que se fôram e em cargas que perdeu.”¹⁸⁶

Desse modo, é importante destacar aqui, que havia uma movimentação forte entre navios, que traziam e levavam cargas e pessoas, do Pará, para os EUA e Europa, e vice-versa. O *Estado do Pará*, aponta inclusive, que os EUA, Grã-Bretanha, e Alemanha, foram os maiores parceiros comerciais do Brasil, no período de 1910-1915, mas que ainda não era conhecida “[...] toda a nossa exportação por destinos no anno findo”,¹⁸⁷ no caso, o ano de 1916, já que a publicação destas informações, é do ano de 1917. E mesmo com

¹⁸⁵ Estado do Pará, Belém 21 de março de 1917, p.1.

¹⁸⁶ Ibidem.

¹⁸⁷ Estado do Pará, Belém 27 de março de 1917, p 6.

a guerra, as exportações e importações não deixaram de acontecer entre Belém, Europa e Estados Unidos. Observemos essa intensa movimentação de carga; “Levou do nosso porto, para New-York, além da borracha, 688126 kilos, conforme já publicamos, mais 2000 hectolitros de castanhas 148986 kilos de cacau, 139042 kilos de couros de boi, 13112 kilos de couros de veados [...]”.¹⁸⁸

Ao analisarmos a entrada e saída de borracha, da cidade de Belém, o *Estado do Pará* diz que; “Segundo estatística organizada pelo corretor Innocencio Aguiar, durante o mez de março [...] foram exportadas 2613 toneladas para a América e 1434 para a Europa”.¹⁸⁹ Essas informações, podem ser encontradas tanto no jornal *Estado do Pará*, como na *Folha do Norte*, que aparecem geralmente, nas últimas páginas. No caso do *Estado do Pará*, a seção destinada a estas informações, mudou de título algumas vezes entre 1914 a 1918, dentre os quais “COMMERCIO E NAVEGAÇÃO”,¹⁹⁰ “A Praça e o Porto”,¹⁹¹ “Resenha Commercial”,¹⁹². Nestas seções, é possível ver, as embarcações que entravam e saíam de Belém, como por exemplo em abril de 1917 espera-se a 30 o “Itamaracá”, da linha da América”, “O “Manco” que entraria “da Europa hoje”. “Durante o dia saíram: O “Purús”, para a America; o “Benedict”, para Liverpool [...]”.¹⁹³

Assim, o torpedeamento do Antony, dava início a um período apontado como torvo ao qual, ninguém poderia saber os limites do que aconteceria. Destacava-se então, que a partir daquele momento, vivia-se um tempo de “insegurança”, no que dizia respeito à “vida dos passageiros que tenham necessidade de partir actualmente para os portos da Europa”.¹⁹⁴

Naquele momento, o fato de navios neutros, mesmo sendo de propriedades de empresas beligerantes, e sem aviso prévio, terem sido torpedeados, era algo que não se poderia compreender ou justificar, segundo o jornal. Aquilo, foi então comparado a atos de barbárie, assim como o que acontecia nos países em conflito. A neutralidade era, o tempo todo posta em discussão, por isso, em vários dias, apareciam nos jornais, posicionamentos de que a neutralidade precisava ser rompida. Nesta mesma notícia, sobre o torpedeamento do navio “Antony”, tem-se que “A neutralidade [...] nunca se deverá confundir, nem de longe, nem de perto, com a covardia, necessita de ser activa e de ser

¹⁸⁸ Estado do Pará, Belém 14 de abril de 1917, p 6.

¹⁸⁹ Estado do Pará, Belém 15 de abril de 1917, p 6.

¹⁹⁰ 1914.

¹⁹¹ 1915,1916.

¹⁹² 1917, 1918.

¹⁹³ Estado do Pará, Belém 21 de abril de 1917, p6.

¹⁹⁴ Estado do Pará, Belém 21 de março de 1917, p1.

inteligente”. Pois, como, sumiu “[...] hoje, o “Antony” – vapor inglez precedente do Pará, com destino a Liverpool, com carga da Amazonia. Amanhã, será um dos vapores da nossa frota mercante o torpedeado”.¹⁹⁵

A guerra submarina estava então cada vez mais fortalecida. Dias e dias, vemos nas páginas do *Estado do Pará*, notícias sobre o torpedeamento pela Alemanha, de navios, seja de países em conflito, ou países neutros. Vimos alguns parágrafos acima, que em fevereiro de 1917, os EUA romperam relações diplomáticas com a Alemanha, mas que ainda não tinham declarado oficialmente o estado de guerra. Com a continuação dos torpedeamentos, ao que explica o *Estado do Pará*, o presidente dos Estados-Unidos da America do Norte, sr. Woodrow Wilson, “segundo despacho que recebemos com a nota urgente, via Western, pedirá hoje, ao congresso norte-americano, a declaração do estado de guerra entre a grande República do Norte e a Allemanha”.¹⁹⁶

Ao que é apontado no jornal, o presidente explicou as razões que levaram o governo a tomar esta decisão, e disse também que, “[...] iria até a declaração de guerra se tanto fosse necessário, se os submarinos alemães ousassem um attentado contra os direitos sagrados do commercio neutro”.¹⁹⁷ Ou seja, se os EUA, tomam essa decisão, perante o conflito, como informava o jornal, com o intuito de defender o comércio neutro, o Brasil, sendo país neutro e estando sob ameaça de ataque, iria ficar de fora do conflito, esperando seus navios serem entregues à própria sorte? Podemos concluir que esse assunto se tornava notícia dos jornais em todo o Brasil e claro, em Belém porque interessava aos leitores naquele momento. Ao mesmo tempo, pode-se até pensar, que notícias dessa natureza talvez contribuíssem, para que a própria opinião pública pensasse na chamada quebra de neutralidade do país.

O segundo torpedeamento, daquele ano, envolvendo o Brasil, é destacado no jornal. No dia 6 de abril, temos que “Mais um navio brasileiro, o “Paraná”, foi mettido a pique pelos submarinos allemães”. A notícia indica que este já era o segundo navio brasileiro a sofrer os ataques da guerra, o primeiro, foi o “Rio Branco”, que há cerca de um ano, experimentou os efeitos bárbaros do sistema de guerra, ao estar em portos da Europa, com grande carregamento de café, açúcar e carne congelada¹⁹⁸.

¹⁹⁵ Ibidem.

¹⁹⁶ Estado do Pará, Belém 3 de abril de 1917, p1.

¹⁹⁷ Ibidem

¹⁹⁸ Estado do Pará, Belém 6 de abril de 1917, p1

Agora foi a vez do Paraná, que era o “[...] navio de maior tonelagem da Commercio e Navegação¹⁹⁹ [...]”, que “[...] saiu do Rio a 9 de fevereiro com destino à Europa, tendo deixado o porto do Recife, por onde escalou, a 6 de março”. A carga transportada era grande, “[...] 93.000 saccas de café embarcadas em Santos e seguradas em companhias inglesas pelo valor de £ 1000.000.”²⁰⁰.

Daróz (2016) aponta que a marinha do Brasil, era pequena, obsoleta, e “[...] não tinha condições de patrulhar os mais de 7 mil quilômetros de extensão do litoral do país e garantir a segurança da navegação”. Contudo, mesmo ciente da ameaça que era proporcionada pelos *u-boats*, o Paraná, seguiu viagem. De acordo com o autor, na noite do dia 3 para 4 de abril, “perto da meia-noite, sem qualquer aviso prévio, o navio foi atingido por um torpedo a bombordo, na altura do compartimento de máquinas”. Simbolicamente, segundo as pesquisas do autor, a explosão se deu, “exatamente onde a inscrição ‘BRASIL’ estava pintada no costado”.²⁰¹

Esse acontecimento, causou profunda comoção no país. Em nota telegráfica, dizia-se que estavam sendo averiguadas notícias vindas de Paris, que afirmavam terem morrido três tripulantes brasileiros, no naufrágio. Tal comoção, causou protestos, realizados por passeatas de estudantes, e um comício “[...] colossal, de cujo seio partiram incessantes os mais vehementes protestos contra a barbaria alemã”.²⁰² Para o comício, que foi realizado no Rio de Janeiro, não havendo informações no Estado do Pará, se algo semelhante foi realizado em Belém, foi distribuído o seguinte boletim;

“Como appêllo ao patriotismo e à energia do caráter nacional convidamos o povo para um comicio hoje, ás 6 horas da tarde, afim de fazer o seu protesto contra o procedimento ignobil e anti-humano dos piratas allemães, que torpedearam o vapor brasileiro “Paraná”, matando tres dos nossos companheiros que o tripulavam. Abaixo a Allemanha! Viva o Brasil!”²⁰³

A partir daquele momento, a pressão para a quebra da neutralidade, se intensificou. O torpedeamento do navio Paraná, trouxe mais ainda a inquietação popular, pedidos de posicionamento perante o acontecido, e propostas do que deveria ser feito com navios alemães que estivessem em áreas brasileiras. Em Belém do Pará o *Estado do Pará*, destaca que na capital federal, o Rio de Janeiro o conhecido “Jornal do Commercio”, chegava a aconselhar “o governo a confiscar os vapores mercantes allemães, refugiados

¹⁹⁹ A companhia de comercio e navegação, segundo o Estado do Pará, possuía 14 unidades, incluindo o Paraná, que faziam o transporte entre os portos do Brasil e Havre. Ibidem.

²⁰⁰ Ibidem.

²⁰¹ DARÓZ, Carlos. Op.Cit, p. 88,89.

²⁰² Estado do Pará, Belém 8 de abril de 1917, p3.

²⁰³ Estado do Pará, Belém 9 de abril de 1917, p3.

nos portos brasileiros, e a romper relações diplomáticas com a Alemanha”.²⁰⁴ Segundo o jornal, “Espera-se a cada momento que o governo se manifeste a respeito deste bárbaro caso do torpedeamento do vapor “Paraná”.²⁰⁵ Foram publicados inclusive comentários de países europeus, com relação ao ocorrido, e o que seria feito. Em nota vinda da França, dizia-se: “Toda a imprensa é unânime em considerar o torpedeamento do vapor mercante brasileiro ‘Paraná’ um caso concreto, impondo-se ao Brasil a expedição imediata de uma nota diplomática à Alemanha em termos energicos e positivos”.²⁰⁶

Por conta disso, o presidente Wenceslau Braz, registrava a imprensa, convocava o ministério para tratar do caso. E o que ficou resolvido, foi que se esperaria o resultado do inquérito que o governo mandou abrir em Paris, para que então pudesse ser resolvido o que seria decidido sobre o caso. De acordo com o que publicou o *Estado do Pará* o Comandante teria dito que o seu navio, mesmo depois de ter sido torpedeado, ainda foi alvejado com cinco tiros pelo submarino alemão²⁰⁷. Essas notícias, todas vindas de Paris, e divulgadas nas páginas dos periódicos, podem sugerir tentativas de persuasão para que o Brasil decidisse seu posicionamento de entrada na guerra ao lado dos aliados. De fato, em uma outra nota, também de abril de 1917, estampada no mesmo *Estado do Pará* afirmava-se até, que a colônia brasileira em Paris, havia dirigido ao Presidente, Wenceslau Braz, “um vibrante apêlo”, para que fosse “declarada a guerra à Alemanha, vingando assim a soberania nacional”.²⁰⁸

As pressões e insinuações não paravam. No dia seguinte, dia 9 de abril, encontramos na primeira notícia da segunda página, mais uma tentativa de persuasão. O título é, “A conflagração se alastra A República de Cuba declara guerra à Alemanha”, tratava-se de uma votação do parlamento cubano para a declaração de guerra contra a Alemanha. A notícia sugere que Cuba era a maior ilha das Grandes Antilhas, uma grande produtora e exportadora, e que nenhum país da América tinha um comércio igual dela. “Em cifras absolutas, Cuba é, depois dos Estados- Unidos e da Argentina, o país de maior actividade commercial de toda a America, correspondendo ao Brasil o 4º lugar, com um commercio exterior 12% menor que o de Cuba”. E nesse caso, o bloqueio Alemão também afetaria a economia cubana. Por isso, seguindo o exemplo dos EUA, se lança na guerra “pelo

²⁰⁴ Estado do Pará, Belém 8 de abril de 1917, p3.

²⁰⁵ Ibidem.

²⁰⁶ Ibidem.

²⁰⁷ Ibidem.

²⁰⁸ Ibidem.

direito, pela civilização, pela humanidade”.²⁰⁹ A notícia representa a entrada na guerra, como uma maneira de defesa do comércio, ainda que se falasse também em questionáveis ideais de civilização e humanidade.

Era como se o Brasil vivesse em uma bolha, prestes a estourar. O caso do Paraná, se fez presente em vários dias nos jornais de Belém, e do Brasil. Era como se aquele acontecimento fosse a gota d’água para a declaração oficial de guerra. A opinião pública estava tão agitada, que os consulados, e as casas de comércio alemãs e austríacas, estavam sendo protegidas pela polícia. As especulações, também rondavam os periódicos. Em notas vindas do Rio de Janeiro, temos; “Disse, a proposito, um alto funcionario do Itamaraty poder assegurar que hoje, à meia-noite, o Brasil romperá as suas relações diplomaticas com a Allemanha”. E mais “A imprensa em geral comenta e discute a questão do vapor “Paraná”, chegando alguns jornaes a dizer que o caso é de agressão estrangeira, podendo o governo declarar a guerra”.²¹⁰

E assim, as notícias alertavam, “O Brasil, está na imminencia da guerra”, “A idéa radical do sentimento patrio reúne, de norte a sul [...]”, “O Brasil está, sem dúvida, a caminho da guerra”, “cada noticia confirma que não podemos dignamente recusar a acção”²¹¹. Naquele momento, o Brasil, realmente estava a um passo da guerra. Tanto, que o então ministro das relações internacionais, Lauro Muler, renunciou ao cargo, possivelmente, ao que aponta o jornal, sob pressão, cedendo. O então ministro possuía descendência alemã, e, “[...] incompatível, no momento, com os seus sentimentos e os interesses do paiz, que, por sua significativa maioria, reclama para o posto maximo da diplomacia, esse que é o maximo expoente de toda a nossa raça e symboliza a alma do brasil – o sr. dr. Ruy Barbosa”, por isso, “Urge que saia e nas mãos de outro seja depositada, inteira, a confiança da nação. É urgente”.²¹²

E finalmente, encontramos na página 3 do dia 10 de abril, a primeira notícia referente ao rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha. A nota, vinda do Rio, e estando entre as notícias telegráficas, diz, “Aggravou-se sensivelmente a nossa situação internacional, embora o Itamaraty se negue a dar informações a respeito”, “Posso assegurar, entretanto, que já chegou o inquérito de Paris, ao qual confirma a barbaridade alemã”. E ao que parece, por conta disso, “O Brasil rompeu imediatamente

²⁰⁹ Estado do Pará, Belém 9 de abril de 1917, p2.

²¹⁰ Ibidem, p.3.

²¹¹ Estado do Pará, Belém 10 de abril de 1917, p1.

²¹² Ibidem.

suas relações diplomáticas com a Alemanha, não tendo o governo publicado até agora a necessária nota oficial devido esperar a resposta da consulta que fez á Suíça sobre se aceita encarregar-se dos nossos negócios na Alemanha”²¹³.

Temos a notícia do rompimento das relações diplomáticas chegando então ao Pará, sendo justamente enviada ao governador, Lauro Sodré, foi publicada na primeira página do dia 12 de abril, em coluna intitulada Brasil-Alemanha. A notícia, que é descrita como um “despacho official”, e trata do inquérito realizado para esclarecer o torpedeamento do navio Paraná. E diz o seguinte;

Rio, 10 – Governador do Estado do Pará. – Communico a v. exc. que o inquerito realizado em Cherburgo, por funcionarios da diplomacia brasileira, evidenciou que o navio “Paraná”, viajando iluminado, com a bandeira brasileira içada, foi torpedeado sem aviso prévio, por submarino allemão, que ainda disparou cinco tiros de canhão e não prestou auxilio aos naufragos. Do attentado resultaram perdas de vidas e ferimentos. Em telegramma anterior ao ministério do brasil, para ser communicado ao governo allemão, o Brasil tornou bem claro que a manutenção das relações diplomáticas e commerciaes dependia de não ser torpedeado nenhum navio brasileiro. Resolveu o Governo Federal entregar uma nota ao ministro plenipotenciario da Alemanha communicando o rompimento das relações, declarando sem objecto a permanencia daquelle Diplomata no territorio nacional e cassando o “exequatur” aos funcionarios consulares do Imperio Allemão. – Saudações cordiaes. – (a) – Carlos Maxililiano, ministro da justiça.²¹⁴

A mesma coluna, aparece no dia seguinte, e repete as informações do dia anterior, mas agora com chamando, dizendo se tratar de algo urgente, e fala da confirmação do rompimento das relações entre os dois países. Pois, “O sr. presidente da Republica, attentando ás conclusões do inquerito a que mandou proceder no caso do torpedeamento do vapor “Paraná”, resolveu suspender as relações diplomaticas e commerciaes com a Alemanha”.²¹⁵

Dias depois, as mobilizações começam, a princípio, nos jornais. Que trazem notícias de que com a guerra declarada, serão chamadas todas as reservas do exército e da marinha, e que as sociedades de tiro, *sports* e outras, também irão incorporar as forças mobilizadas. Era a guerra, adentrando mais ainda na vida da população brasileira, seja dos que estariam incorporando as reservas do exército, como suas famílias, que teriam seus entes queridos entrando em um conflito de caráter mundial. A notícia sobre a mobilização foi publicada no *Estado do Pará*, com o título “O Brasil no conflito

²¹³ Ibidem, p.3.

²¹⁴ Estado do Pará, Belém 12 de abril de 1917, p1.

²¹⁵ Estado do Pará, Belém 13 de abril de 1917, p1.

mundial”, a partir de impressões colhidas em palestra com um oficial do exército, e diz o seguinte, “Pensa s. s. que o Brasil poderá mobilizar logo sem dificuldade, 2000.000 homens entre marinha e exercito”. No entanto, “Actualmente contamos sómente um exército de 18.000 homens, sendo preciso para completa mobilização fazer a chamada immediata das reservas [...]”, que contavam com policiais dos estados e reservistas dos exércitos, e em caso de necessidade, seriam chamados todos os cidadãos de 18 a 40 anos, incluso os casados, aos quais a lei não isentou, e também os funcionários públicos. Com isso, “É provável, continuou o distincto official, que as nossa tropas venham tambem a tomar parte do theatro da guerra no territorio europeu, uma vez que o nosso paiz tome compromisso com os paizes alliados já em lucta”.²¹⁶

Mesmo com o rompimento das relações diplomáticas, mais dois navios brasileiros foram torpedeados. Primeiro o “Tijuca”, que ganhou destaque na primeira página, como a primeira notícia do dia 23 de maio de 1917, e acompanhada de uma imagem do navio, a notícia dizia o seguinte;

O torpedeamento do “Tijuca”, “o segundo navio brasileiro victimado pela campanha submarina allemã?”. Abundantes noticias do nosso serviço telegraphico annunciaram-nos hontem, via Western, o torpedeamento do paquete “Tijuca”, da companhia Commercio e Navegação, ultimamente incorporado ao Lloyd. As noticias são de molde a deixar poucas ou nenhuma probabilidade de desmentido, pois, conforme se constata das mesmas, apesar do governo ainda não ter confirmação official do attentado, cercam-se de particularidades as informações a respeito, o que denota a certeza do facto. O torpedeamento teria sido praticado no domingo ultimo, ás 22,40 horas, a cinco milhas a sudóeste do pharol Pierres Noires, na costa da Bretanha, na França. Apesar de ter um escaler chegado à ilha, de Oussante com 16 tripulantes, o immediato declara faltarem muitos outros, entre estes alguns feridos²¹⁷

É importante destacar, no entanto, que o rompimento das relações diplomáticas não implicava na revogação da neutralidade. O rompimento foi o primeiro passo, mas posteriormente houve a revogação da neutralidade brasileira, que ao que indica o *Estado do Pará*, ocorreu no dia 1 de junho de 1917, depois de votação ocorrida em 31 de maio, no senado do Rio. Já no dia 2 de junho, a primeira notícia da página deste mesmo jornal, traz que “Está decretada desde hontem, pela voz do Congresso nacional, em ambos os seus corpos deliberativos, a revogação da nossa absurda neutralidade no recente conflicto

²¹⁶ Estado do Pará, Belém 15 de abril de 1917, p2.

²¹⁷ Estado do Pará, Belém 23 de maio de 1917, p1.

entre Estados-Unidos e a Alemanha”.²¹⁸ Isso, trouxe o confisco de navios alemães que estavam nos portos brasileiros. Segue a imagem;



FIGURA 14- Imagem dos navios alemães que foram confiscados nos portos brasileiros. *Estado do Pará*, Belém 3 de junho de 1917, p. 1.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil.

A cidade de Belém também presenciou o fato, já que como apontava o *Estado do Pará* “Desde hontem que os navios allemães refugiados no porto de Belém, em virtude da guerra, estão occupados pelo governo federal. Isto mesmo aconteceu a todas as unidades mercantes da Allemania paradas nos portos da Republica [...]”. Era então, consequência que revogava a neutralidade, e determinava que os navios alemães fossem utilizados pelo governo brasileiro, já que este teve os seus afundados por submarinos de origem alemã.²¹⁹

No entanto, um ano antes, ou seja, em 1916, quando os navios alemães já se encontravam refugiados em portos brasileiros, o que se tentou a princípio, foi uma

²¹⁸ Estado do Pará, Belém 2 de junho de 1917, p1.

²¹⁹ Estado do Pará, Belém 4 de junho de 1917, p1.

negociação, para a aquisição destes navios, para comporem a frota brasileira. Como mostra a seguinte notícia do *Estado do Pará*; “Insiste-se em dizer que o Governo do Brasil procurará entrar em accôrdo, mediante acquiescencia do governo, com as companhias proprietarias dos paquetes germanicos abrigados nos portos nacionais em consequencia da guerra [...]”.²²⁰ Segue abaixo, uma lista com os navios alemães refugiados em portos brasileiros, como é possível ver, não eram poucos.

Eis a lista com os nomes dos navios, tonelagem, anno de construção e portos onde se acham refugiados:		No de Santos:	No de Cabedello:
No porto do Rio de Janeiro:			
	tons. anno		
“Airieli”	6.692 1913	“Gunther”	3.037 1906
“Arnold Ausinek”	4.526 1907	“Palatia”	3.557 1912
“Cap. Roca”	5.786 1900	“Prussia”	3.557 1912
“Carl Woermann”	5.555 1910	“Siegrund”	3.034 1905
“Coburg”	6.750 1903	“Valesi”	5.227 1912
“Eberfang”	4.275 1905		
“Etruria”	4.437 1906	Total: 5 vapores com	18.412 tons.
“Franken”	5.099 1905	No de Florianopolis:	
“Gertrud Woermann”	6.456 1907	“Bahia Laura”	9.781 1913
“Henriette”	2.066 1885	“Blucher”	12.350 1901
“Hohenstauffen”	6.480 1906	“Cap. Vilano”	9.467 1906
“Posen”	6.569 1913	“Corrientes”	3.726 1894
“Roland”	6.872 1912	“Eisenach”	6.757 1908
“Sierra Salvada”	8.227 1912	“Gundrun”	4.772 1909
		“Henny Woermann”	6.062 1911
Total: 14 vapores com	79.780 tons.	“San Nicolas”	4.739 1897
No do Rio Grande:		“Santos”	4.855 1898
“Monte Penedo”	3.693 1912	“Sierra Nevada”	8.235 1912
“Santa Rosa”	3.797 1912	“Tijnea”	4.801 1899
Total: 2 vapores com	7.490 tons.	“Walburg”	3.081 1905
No de Florianopolis:		Total: 12 vapores com	76.636 tons.
		No da Bahia:	
		“Frieda Woermann”	2.523 1888
		“Rauenfels”	5.472 1907
		“Santa Lucia”	4238 1907
		“Steiermark”	4.570 1911
		No de Cabedello:	
		“Minnenburg”	4.748 1909
		“Persia”	3.509 1914
		“Schlomanca”	5.699 1906
		Total: 3 vapores com	14.287 tons.
		No do Maranhão:	
		“Stadt “Schleswig”	3.103 1902
		Em nosso porto:	
		“Asuncion”	4.663 1894
		“Rio Grande”	4.559 1904
		Total: 2 vapores com	9.219 tons.
		No de Paranaguá:	
		“Santa Anna”	3.739 1910
		Existem tambem refugiados em portos brasileiros 4 vapores austriacos com 18.604 toneladas, sendo no porto da Bahia 2, o “Alice” e o “Laura”, de 6.122 toneladas cada um e construidos em 1907; no de Pernambuco o “Széll Kálmán”, de 3.900 toneladas e construido em 1902; e no de Santos, o “Buda II”, de 2.460 toneladas e construido em 1905.	
		Sommando as unidades das duas nações alliadas, temos 49 vapores com 253.795 toneladas.	

FIGURA 15- Imagem da lista de navios alemães refugiados em portos brasileiros. *Estado do Pará*, Belém 3 de junho de 1917, p. 1.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil.

Desse modo, não é descabido imaginarmos que todo esse alvoroço, causado pela guerra submarina e o consequente torpedeamento de navios brasileiros, tenha causado também consequências para o comércio do Brasil com a Alemanha, pela possível diminuição dos navios que faziam a rota entre os portos desses dois países. No entanto, ao analisar os jornais, foi possível perceber que este trânsito de navios entre Alemanha e Brasil, já tinha diminuído desde o início da guerra. É como mostra o *Estado do Pará*, com a coluna intitulada “Os navios allemães refugiados em portos brasileiros”, “Vem a proposito, pois, transmitir algumas informações ao publico referentemente aos transatlânticos allemães que a declaração da guerra, em agosto de 1914, surprehendeu em aguas brasileiras”, e o jornal apontava, as duas grandes classes de navios, “[...] que faziam a linha hamburguesa da Argentina, Uruguay e Brasil: a dos “Cap.” e a dos “Sierra”, e diz ainda, que “Diversos navios d’estas duas classes, representativas do brilhante progresso

²²⁰ Estado do Pará, Belém 19 de março de 1917, p1.

a que atingiu a architectura naval na Allemanha, se acham no Rio, em Santos e no Recife [...]”²²¹. E isso, nos possibilita pensar, que o comércio alemão com o Brasil, realmente diminuiu, já que parte de seus navios, estavam se refugiando em alguns portos, como por exemplo, os portos brasileiros. O mesmo jornal, aponta ainda, outros portos estrangeiros, como Argentina, e Chile²²², nos quais os navios alemães estavam se refugiando, ou seja, o comércio alemão, provavelmente diminuiu, durante a guerra, e não foi só com o Brasil.

De fato, anos antes da guerra, vemos que este comércio é intenso, com embarcações vindas de Hamburgo, na Alemanha, para os portos de Belém, como por exemplo, em 1911, na seção destinada ao comércio e navegação, que era intitulada “Notas Commerciaes”, dizia “É esperado no dia 3 do mez entrante o paquete allemão “Rugia”, que saiu hontem de Lisboa, a 1 hora da tarde, trazendo, de Hamburgo e escalas, 1500 tonelladas de carga para a nossa praça e 1200 para a de Manaus”.²²³ Existia inclusive, uma companhia que era composta por uma “Linha do Norte do Brasil”, apontada como tendo um “Serviço regular e de luxo”, listando os nomes de algumas embarcações, dentre as quais, “Rugia, Rhaestia”, e os da classe “Rio”, que circulavam, “[...] entre os portos europeus, e Pará e Manaus”.²²⁴ Temos abaixo, a lista e a data de partida de alguns navios alemães, dos portos de Belém, para a Europa.

Vapores alemães	
SAHIDAS PARA A EUROPA	
«R. Pardo» 21 Fev.º	«R. Negro» 23 a 1.
«Rugia» 2 Março	«Rio Grande», Janº Abril.

FIGURA 16 - Lista de navios alemães que partiam para a Europa, dos Portos de Belém. Belém, 5 de fevereiro de 1913, p.4.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil.

Em 1914, primeiro ano de guerra, no entanto, já notamos um certo problema em relação a este trânsito de navios, quando, em agosto, poucos dias depois de iniciada a guerra, vemos um transtorno causado na viagem do navio alemão “Rio Grande”, que chegava em Belém, procedente de Hamburgo. Diz o jornal, que “O “Rio Grande” fez uma

²²¹ Estado do Pará, Belém 19 de março de 1916, p1.

²²² Estado do Pará, Belém 22 de março de 1916, p1

²²³ Estado do Pará, Belém 24 de maio de 1917, p3.

²²⁴ Estado do Pará, Belém 7 de janeiro de 1912, p3.

optima viagem, mas esta foi marcada por diversos incidentes relacionados com o actual conflicto europeu”. Por conta disso, “Até Salinas o “Rio Grande” navegou às escuras. Todas as luzes de bordo apagavam-se às primeiras horas da noite [...]”²²⁵.

Poucos dias depois, em 22 de agosto de 1914, *o Estado do Pará*, já dava sinais dos problemas econômicos que o Brasil enfrentaria por conta da guerra. Em uma notícia intitulada “A exigência das facturas consulares”, diz-se que “O commercio paraense, ou antes, o commercio brasileiro está lutando com as mais serias dificuldades em relação a despachos aduaneiros de mercadorias de procedencia européa”. A notícia segue dizendo que com a Alemanha, estava-se “[...] sem navegação alguma, isso é actualmente impossível”, e que Hamburgo, uma importante cidade com a qual o Brasil mantinha um comercio estável e constante, como mostrado nos parágrafos acima, encontrava-se “[...] fechada ao commercio mundial pelo estado de guerra[...]”.²²⁶ Com isso, vemos ainda através dos jornais, que o comércio do Brasil com a Alemanha já havia diminuído com o início do conflito, e só intensificou esse distanciamento, a partir da guerra submarina alemã, e os torpedeamentos de navios brasileiros em 1917.

Naquele contexto de guerra o *Estado do Pará* chegou a demonstrar que existiam posicionamentos diferenciados sobre o momento. Por exemplo, contava-se a história do deputado maranhense, Dr. Dunshee de Abranches, que na Câmara Federal, no Rio de Janeiro, havia declarado - se “contrário ao projecto que rompeu a nossa neutralidade”. Para o deputado, a revogação da neutralidade não deveria ocorrer. Ele explicava que a política exterior do Brasil, era a da cordialidade, e essa linha não tinha que ser rompida, antes de se esgotarem todos os meios possíveis para se recorrer ao acordo direto. Dunshee de Abranches dizia que era preciso cultivar a amizade da grande “Republica do Norte”, e também dos povos irmãos do “Novo Mundo”, pois, aquela, era uma “guerra de interesses”, puramente econômica e mercantil, que era movida pelo império britânico contra o império alemão, e que os interesses do Brasil não eram os mesmos que o dos Estados Unidos. Por isso, a neutralidade deveria ser mantida.²²⁷

A revogação da neutralidade, no entanto, ocorreu, e os pronunciamentos acerca da guerra, tiveram algumas modificações nos jornais. O caráter com que ela passou a ser apresentado já era o de defesa, entrar na guerra como forma de defender a pátria, e não mais fugir dela ou manter-se neutro, como aparecia nas notícias dos primeiros anos.

²²⁵ Estado do Pará, Belém 8 de agosto de 1914, p1.

²²⁶ Estado do Pará, Belém 22 de agosto de 1914, p1.

²²⁷ Estado do Pará, Belém 16 de junho de 1917, p1.

2.4. A mudança no discurso sobre a Guerra.

A princípio, como já mencionado, a guerra era apontada nos jornais de Belém como algo ruim, bárbaro, selvagem. Por isso, a posição do Brasil, era a da estrita neutralidade, com relação a entrada do país no conflito. Este posicionamento, foi aos poucos, se modificando, mas isso não quer dizer que passou-se a enxergar a guerra como algo positivo. Assim, o jornal *Estado do Pará*, explicava aos seus leitores: “Como sabeis, a conflagração européa alastrou-se por todo o orbe, não havendo hoje continente que nella não esteja envolvido”. Ou seja, com a guerra se alastrando, a questão da neutralidade não caberia neste contexto mundial. Por essa perspectiva justificava-se que os países, dificilmente conseguiriam se manter fora do conflito. Diante disso, o Brasil entrava na guerra, e conseqüentemente o discurso sobre esta, mudaria.

Primeiro, os periódicos apontam que o país foi praticamente forçado a entrar no conflito, por conta tanto do bloqueio marítimo realizado pelos alemães, como pela série de torpedeamentos que sofreram os navios brasileiros, por isso, aponta o jornal, “[...] tivemos de lavrar o nosso protesto contra a nota alemã, que ameaçou o commercio dos neutros com a guerra submarina sem restrições [...]”.²²⁸

O discurso naquele momento era de que mesmo não tendo procurado a guerra, o Brasil a aceitaria, pois, na verdade, era como se a guerra tivesse chegado ao país, sem pedir licença. Então deveriam assumir a posição de bravura e não de covardia. O que é possível perceber, é que a guerra ainda era vista como algo ruim, que trazia mortes e conseqüências negativas, mas que já não era possível fugir. O jornal dizia;

Brasil quer a guerra. Não a procurou. Tanto quanto pode, evitou-a. Hoje fugir a sua aproximação seria de criminoso. Seu caminho está felizmente traçado. É preciso agir? Agirá. É preciso estar com os Estados-Unidos? Estará. É preciso sympathisar com os aliados? Sympathizará. É preciso tomar parte no dilúvio de fogo e sangue, que inundou a Europa e vae inundar a America? Tomará a sua parte, com valor, com energia, com presteza, com inexcedível bravura.²²⁹

Então mesmo não tendo procurado a guerra, o Brasil precisava agir contra esse mal, para salvar a nação, e não ser visto como um país covarde, que aceitaria torpedeamentos aos seus navios, sem fazer nada. Por isso, após a notícia sobre o voto contrário do deputado Dunshee de Abranches, o jornal *Estado do Pará* passou a publicar, por vários dias, o discurso do senador Ruy Barbosa, que começou no dia 17 de junho e ocupava a primeira notícia das páginas. O título era “O Brasil perante o conflicto teuto-yankee,

²²⁸ Estado do Pará, Belém 8 de maio de 1917, p1.

²²⁹ Estado do Pará, Belém 25 de maio de 1917, p1.

Magistral discurso do senador Ruy Barbosa, a favor do projecto que rompeu a nossa neutralidade”. O periódico assim se referia ao ponto de partida das publicações: “Iniciamos hoje a publicação do monumental discurso, proferido pelo sr. senador Ruy Barbosa, na sessão de 31 de maio último, em defesa do projecto que, alterando a atitude do Brasil perante o conflicto europeu [...]” no qual ficou decretada a ruptura das relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha. É possível perceber, uma certa tendência do *Estado do Pará*, para a ruptura da neutralidade também. No discurso do deputado Dunshee de Anbranches, não encontramos palavras o qualificando, assim como foi possível encontrar na nota que tratava do discurso de Ruy Barbosa, apontando-o como “magistral”, “monumental”.²³⁰ Com esse discurso, podemos dizer que o *Estado do Pará*, mantinha posição favorável à quebra da neutralidade, e é possível ver a mudança no teor com que a guerra era apresentada ao passar dos anos.

Assim, quando nos voltamos para o referido discurso de Ruy Barbosa, o senador justifica a participação do Brasil enfatizando: “sr. presidente, a verdade mais verdadeira entre todas as verdades sobre esta materia, é que nesta guerra não se trata de um conflicto comercial entre nações que entre si disputam a hegemonia mercantil do mundo”. Na verdade, “[...] de que se trata essencialmente nesta guerra é da sorte, é da existência, é do futuro dos grandes princípios fundamentaes da civilização humana”.²³¹ Ou seja, a ideia de que a entrada na guerra não era puramente por fins comerciais, mas pode-se supor como forma de defesa aos ataques, ao país, de maneira geral, e a civilização.

Além disso, o fato de o discurso ter sido reproduzido por vários dias, nas primeiras páginas do *Estado do Pará*, e sempre no dia posterior, com o subtítulo, (continuação), dá a ideia de que tal discurso era interessante, e os leitores, possivelmente estariam ansiosos pelos próximos capítulos, como acontecia com as novelas, também publicadas. Com isso, é possível identificar também, várias informações de como a guerra estava sendo representada. No dia 20 de junho, o senador, fala sobre a ideia de que o Brasil entrou na guerra sem ao menos saber, como se tivesse sido atirado ao conflito pela Alemanha, por conta dos atos que aquele país estava praticando. Como podemos notar; “Mas, então, não para advogar a guerra como o arbítrio que deveríamos adoptar, mas para demonstrar que na guerra já estávamos por actos do governo allemão, que importavam na declaração

²³⁰ Estado do Pará, Belém, 17 de junho de 1917, p.1.

²³¹ Ibidem.

material de estado de guerra”.²³² Era como se o tempo todo, as notícias tentassem justificar que a entrada no conflito, era na verdade algo forçado.

Na guerra, o Brasil já estava, mesmo não querendo, então de nada adiantava fugir, o que deveria ser feito era lutar com bravura, mas para que? O senador segue dizendo; “Divina coisa, senhores, é a paz; mas a paz nobre, a paz com dignidade, [...] a paz respeitada [...] não vale a pena de que se a gose, nem póde ser goso senão para as almas degradadas e aviltadas, que se perderam, com o sentimento da própria existencia, o sentimento da honra pessoal”. Ou seja, o que se queria era viver em paz, e com dignidade, mas para isso era preciso lutar, defender a nação, e a luta na guerra, implicava a futura paz.

O discurso é concluído no dia 26 de junho, afirmando-se que o Brasil deveria ser então, fiel as suas tradições, e solidário com os EUA, que era a nossa grande irmã do continente americano, mas também com a Inglaterra, França, Bélgica, Portugal e Itália, as nossas grandes irmãs do continente europeu, além dos países livres e dos combatentes nos campos da Europa e oceanos.²³³ Então, a representação sobre a guerra muda profundamente nas páginas deste jornal, já que no início, o que se pregava era a defesa da nação através da neutralidade. E em 1917, já se pregava a busca da paz e defesa da nação através da luta na guerra. O discurso, ia mais ou menos pelo caminho de combater o inimigo, para se alcançar a paz.

2.5. Da revogação da neutralidade ao reconhecimento do estado de guerra.

Os torpedeamentos de navios brasileiros, no primeiro semestre de 1917, ocasionaram a revogação da neutralidade brasileira perante a guerra. A continuação desses torpedeamentos, no segundo semestre, levou ao reconhecimento de um estado de guerra.

O navio Macau, que na verdade era de origem alemã, sendo inicialmente conhecido como Palatia, foi confiscado pelo governo do Brasil, após os torpedeamentos de navios brasileiros, e o decreto de 2 de junho, que autorizava que os navios alemães que estivessem em território brasileiro, fossem confiscados. O Macau, como foi rebatizado, foi distribuído ao Lloyd Brasileiro para atuar na linha Brasil-França²³⁴. Segundo Daróz (2016), o navio foi afundado por um submarino alemão em 18 de outubro de 1917, mas

²³² Estado do Pará, Belém, 20 de junho de 1917, p.1.

²³³ Estado do Pará, Belém, 26 de junho de 1917, p.1.

²³⁴ DARÓZ, Carlos. Op.Cit, p. 100.

todos os tripulantes conseguiram se salvar, diferente do que aconteceu no caso do Paraná. Ainda segundo este autor, a notícia do torpedeamento, no entanto, só chegou ao Brasil dias depois, em 23 de outubro²³⁵. Mas no jornal *Estado do Pará*, a notícia só foi publicada, no dia 26 de outubro, ganhando espaço significativo como destaque, ocupando grande parte da primeira página, com o título “O Brasil vae declarar guerra á Allemanha – O torpedeamento do “Macau” – O dr Wenceslau Braz envia mensagem ao congresso sobre o caso, pedindo permissão para romper as hostilidades”, seguido de mensagem telegráfica que diz “Rio, 25 (Western) – O congresso resolveu reunir-se amanhã em sessão permanente, até decidir sobre a mensagem presidencial”.²³⁶

A revogação da neutralidade, foi o primeiro passo para a entrada do Brasil no conflito. Esta ação, no entanto, não implicava ainda o reconhecimento do estado de guerra. Houve, a princípio, apenas o rompimento das relações diplomáticas entre os dois países; Brasil e Alemanha, e revogação da neutralidade Brasileira. Com o torpedeamento do Macau, já no segundo semestre de 1917, o Brasil declara o reconhecimento do Estado de Guerra, alegando que, mais uma vez a Alemanha estava se manifestando contra o país. É como explica o Estado do Pará;

Torpedeados dous vapores, protestamos e rompemos as relações.
Torpedeado o terceiro, decretamos a utilização dos vapores
allemaes, internados no Brazil.

Por fim, sinistrado o quarto navio não nos era possível fugir á medida extrema. A guerra estava indicada. Era natural. Representava o pensamento de todos. Guerra, não de atacar, o que seria positivamente impossível, mas para resistir, respondendo sempre, como de principio, a cada crime com vehementes protestos; não para assumir posições que não nos competem, mas para mostrar a todos que temos dignidade nacional e que a sabemos prezar.²³⁷

Ou seja, não houve uma declaração oficial de guerra, houve apenas o reconhecimento de um estado de guerra. A partir do Decreto de nº 3.361, publicado pelo Congresso Nacional²³⁸. O que permitia, que o Brasil reagisse a todas as agressões e ataques, realizados pelos alemães. O que era apontado como uma guerra defensiva. A notícia chega ao Pará da seguinte forma;

“S. exc. o sr. Governador do Estado recebeu hontem a seguinte comunicação official: Rio, 27 (Urgente) – Tennho a honra de comunicar a v. exc. que o Congresso Nacional decretou e o sr. Presidente da Republica acaba de sancionar a resolução reconhecendo e proclamando o estado de guerra iniciado pelo Imperio Allemão contra o Brasil e

²³⁵ Ibidem, p.101

²³⁶ Estado do Pará, Belém, 26 de outubro de 1917, p.1.

²³⁷ Estado do Pará, Belém, 27 de outubro de 1917, p.1.

²³⁸ DARÓZ, Carlos. Op.Cit, p. 102.

auctoriza o governo a tomar medidas de franca belligerancia. Cordiaes saudações – Nilo Peçanha.²³⁹

A partir de então, começa a mobilização brasileira em prol da guerra, contra a Alemanha. Mobilização, segundo o *Estado do Pará*, defensiva. É o que veremos a seguir.

2.6. O início da Mobilização Brasileira para a I Guerra Mundial.

Declarado o estado de guerra, o país precisava começar a se organizar e mobilizar seus esforços para o conflito. Apontada como primeira mobilização pelo *Estado do Pará*, temos;

“**A primeira mobilização** – Rio, 29 – (Urgente) – As primeiras providencias do Ministerio da Guerra serão: 1ª, mobilizar as regiões militares mais importantes: 5º (Districto Federal), 6ª (S. Paulo) e 7ª (Rio Grande do Sul): 2ª as estradas de ferro passarão à dependencia do Ministerio da Guerra; 3ª, será completado o efectivo dos corpos que se encontram desfalcados e que pertencem áquellas regiões; 4ª, os comandados geraes serão distribuidos convenientemente e os armamentos e munições ficarão sob a responsabilidade directa do comandante.

O exército, completamente equipado, conservar-se-á na defensiva, como é de direito, garantindo o territorio nacional.

Deve ser excluída toda e qualquer cogitação ou boatos de seguirem reforços para a frente europea.²⁴⁰

Com isso, o que se observa, é que em finais de 1917, as mobilizações começam, no país, de forma interna. O que se dizia era que precisava-se preparar para a guerra, mas, de maneira defensiva, dentro do território, para defender a nação. Naquele momento, dispensava-se inclusive a hipótese de seguirem reforços brasileiros, seja de soldados ou enfermeiras, para a frente europea. Dispensou-se a possibilidade de ida da “Cruz Vermelha” para a Europa, o que aconteceria meses depois, com uma missão médica enviada do Brasil para a Europa, como reforço. A Missão Médica, foi criada, com intuito de “[...] fundar um hospital em Paris, colaborando, assim, com a causa brasileira na Guerra, por meio da medicina”.²⁴¹ Segundo Brum (2014);

Esse pelotão médico, organizado às pressas, em meio a escândalos e percalços diversos, se faz presente em diversas partes da França, atuando com cuidados médico sobre civis e militares e, especialmente,

auxiliando no combate à *Gripe Hespânica*, epidêmica em grande parte do mundo, inclusive na Europa em conflito. Esse fato de natureza exótica, e até caricatural, aparentemente esquecido na historiografia,

²³⁹ Estado do Pará, Belém, 28 de outubro de 1917, p.1.

²⁴⁰ Estado do Pará, Belém, 30 de outubro de 1917, p.1

²⁴¹ BRUM, Cristiano Enrique de. A medicina vai à guerra: a missão médico-militar brasileira na França durante a Primeira Guerra Mundial (1918-1919). *História: Debates e Tendências* – v. 14, n. 2, jul./dez. 2014, p. 307.

chama nossa atenção: trata-se do Brasil, um país latino-americano que, a fim de se inserir no conflito mundial que acontecia na Europa, envia médicos para a França, o país da medicina.²⁴²

A missão, “[...] enviou para a França dezenas de médicos e soldados que, ao tratar de feridos e atingidos pela Hespanhola, acabou por fundar um hospital na zona de guerra”.²⁴³ Brum, diz ainda, que, as motivações do governo ao criar a Missão, iam muito além de uma tentativa de colaborar com a causa dos aliados, mas que na verdade, como aquele era um momento de afirmação de movimentos nacionalistas, “[...] ir à guerra e levar médicos ao conflito bélico significava mostrar que a ciência brasileira era capacitada. Era o Brasil construindo um hospital no país da medicina do período. A missão representava o Brasil inserindo-se na modernidade internacional pela via da saúde”.²⁴⁴ E foi assim que se constituiu a Missão, que partiu, no dia 18 de agosto de 1918, no navio *Plata*, de origem francesa, e que “[...] contava com serviços clínicos e cirúrgicos, farmácia, intendência, secretaria e enfermaria, reunindo médicos, farmacêuticos e militares em um total de 112 missionários”.²⁴⁵

Mas, naquele momento, o que se destacava no jornal *Estado do Pará*, era que os serviços da “Cruz Vermelha” realizados na França, Inglaterra, Itália e Portugal, ainda estavam suprindo as necessidades dos feridos de guerra, não sendo necessários os serviços da Cruz vermelha do Brasil. O que precisava ser feito, era cuidar da “Cruz Vermelha” (dentro do Brasil), muito necessária, assim como “[...] hospitais, as ambulancias, os serviços de transporte de cadáveres, a viação dos mutilados e offendidos [...]”, tudo isso, de vital importância, para quando houvesse o primeiro encontro de soldados brasileiros fossem atingidos por balas inimigas.²⁴⁶

A questão da mobilização, esteve presente nos jornais. Uma coluna intitulada “A mobilização geral”, aparece, no dia 1 de novembro, e diz; “Se ainda não estamos na guerra, – para ella marchamos a passo acelerado, [...] precisamos nos ir familiarizando [...]”. Por isso, “Obrigados a nos premunir, a tomar medidas repressivas de defesa contra a attitude aggressiva da Allemanha, seremos obrigados à mobilização geral, hoje ou amanhã”.²⁴⁷ Ou seja, assim como o Brasil foi havia entrado na guerra, estava sendo obrigado a uma mobilização geral e nacional, em prol da defesa Pátria. A notícia aponta

²⁴² Ibidem.

²⁴³ Ibidem, p.308.

²⁴⁴ Ibidem, p. 309.

²⁴⁵ Ibidem.

²⁴⁶ Estado do Pará, Belém, 30 de outubro de 1917, p.1.

²⁴⁷ Estado do Pará, Belém, 1 de novembro de 1917, p.1.

que, toda essa mobilização custará grandes somas de dinheiro, “dos nossos próprios recursos”, mas que isso era necessário, para o treinamento de mulheres e homens, que tinham que ser “[...] vestidos, calçados, municiados e pagos pelo Estado [...]”. Já que a partir daquele momento, as mobilizações em forma de passeatas festivas, já não eram suficiente.²⁴⁸

Apesar das mobilizações, o *Estado do Pará*, publicava nota telegráfica que dizia: “Corre oficialmente que não será decretado o estado de sítio no Brasil”.²⁴⁹ No entanto, alguns dias depois, nos deparamos com o mesmo jornal, publicando notas sobre reuniões, na Câmara do Rio de Janeiro, nas quais se discutia um projeto de lei que objetivava a declaração do “estado de sítio”, em todo o território nacional. O projeto foi então aprovado, tendo posicionamentos favoráveis e contrários a tal aprovação. Segundo notícia do dia 8 de novembro: “A Camara approva as 3 horas da manhã de hoje o projecto que declara em estado de sítio todo o territorio nacional, até 31 de dezembro de 1917. O projecto foi enviado ao Senado”.²⁵⁰

Tal questão, rendeu discussões, provavelmente por conta dos posicionamentos, que se dividiam, uns queriam a aprovação do projeto, outros não. O fato é que essas discussões chegaram ao *Estado do Pará*, que fez questão de explicar que Estado de Guerra e Estado de Sítio, não significavam a mesma coisa. Dizia o jornal, que “Não é possível identificar o “estado de guerra” com o “estado de sítio”²⁵¹, e que por isso, precisava-se de um esclarecimento. “O “status” representa a situação em que certa pessoa, physica ou moral, se encontra, creando-lhe direitos e obrigações correlatas”. Então, “Dahi a primeira e substancial distincção a fazer, quando se trate de pessoa singular (estado de solteiro, estado de filho-familias, p. ex.) ou de pessoa collectiva (estado de neutralidade, estado de guerra). Assim, “O que forma “o estado de guerra” é sempre relação internacional externa, de nação para nação. O que fórma o “estado de sítio” é sempre relação de individuo para individuo, dentro de um mesmo paiz e qualquer que lhe seja a origem”.²⁵² Com essas preocupações do periódico, a população tomava conhecimento de termos mais específicos que faziam parte do cenário de guerra e das relações que o Brasil, deixando de lado a chamada neutralidade assumia naquele contexto. Assim, podemos concluir, conforme estamos defendendo ao longo dessa dissertação que a guerra, por volta de 1917,

²⁴⁸ Ibidem.

²⁴⁹ Estado do Pará, Belém, 31 de outubro de 1917, p.1.

²⁵⁰ Estado do Pará, Belém, 8 de novembro de 1917, p.1.

²⁵¹ Estado do Pará, Belém, 11 de novembro de 1917, p.1.

²⁵² Ibidem.

cada vez mais fazia parte da vida dos brasileiros e no nosso caso específico dos moradores da cidade de Belém.

Daróz (2016) aponta que “O efetivo reconhecimento do estado de guerra contra a Alemanha não foi suficiente para arrefecer as tensões internas no Brasil”. E que crises internas, e pressões populares, continuavam, por isso “Ameaçado em sua frente doméstica, [...] Washigton Luís resolveu, em 17 de novembro decretar o estado de sítio nos estados do Sul e Sudeste”.²⁵³ Isso tudo se transformou em manchete no *Estado do Pará*, como se pode ver na imagem que segue:



Figura 17 - Manchetes que tratam da decretação do estado de sítios no Brasil, assim como do que foi gerado com tal atitude. *Estado do Pará*, Belém 18 de novembro de 1917, p.1. Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil.

Com isso, é possível observar, que muitas informações sobre a guerra, que os jornais reproduziam da capital federal, e de outros locais que inicialmente eram tratadas como que não aconteceriam, acabaram acontecendo. Assim, o Brasil rompeu a neutralidade, rompeu as relações diplomáticas, declarou estado de guerra, estado de sítio, e enviou reforços para a Europa. Com relação a estes reforços, Daróz, diz que, “Uma vez oficialmente em estado de guerra, o Brasil apressou-se em oferecer seus préstimos à causa Aliada, apesar da carência de infraestrutura e de seu pouco expressivo poder

²⁵³ DARÓZ, Carlos. Op.Cit, p. 108 e 110.

militar”.²⁵⁴ Por isso, em finais de 1917, quando ocorreu em Paris a Conferência Interaliada, “[...] o representante brasileiro, Olyntho de Magalhães, [...] ofereceu uma divisão naval para patrulhar e combater os submarinos alemães no Atlântico Sul”.²⁵⁵

2.7. A participação brasileira ao lado das forças aliadas

O ano de 1918 ficou marcado como o ano do armistício, o ano final da guerra, mas também, para a História brasileira, como o ano que o Brasil entrou, de fato, no conflito mundial, que assolava grande parte da Europa. E como este ano ficou marcado nas páginas dos jornais paraenses? É o que veremos a seguir!

Diferente do ano de 1917, que disponibilizou páginas e páginas para discussões acerca da guerra, e o destino do Brasil, no ano de 1918 a guerra volta, na maioria dos meses, a ter um caráter apenas informativo, assim como em 1914. As páginas destinadas as notícias sobre o conflito, informavam sobre os bombardeios, posicionamentos, vitórias e derrotas, e o que de fato representou esse ano para o Brasil, não obteve destaque.

Por exemplo, no dia 10 de julho, é possível encontrar uma coluna intitulada “O Brasil e a grande guerra”, em que se buscava ainda explicar as motivações para a entrada do país no conflito:

O Brasil tomou na guerra presente a unica attitude compatível com a sua dignidade, conscio das suas responsabilidades e senhor da sua soberania. Dentro dos seus recursos cumpriu o seu dever participando da lucta e dando prova de solidariedade aos Estados-Unidos e às nações alliadas; outrosim, mostrou sua alta cultura juridica respeitando em guerra aberta a propriedade estrangeira e até a propriedade privada do inimigo.²⁵⁶

Esta coluna, no entanto, não foi frequente. O jornal *Estado do Pará*, que como já dissemos recebia notícias da guerra de outras agências, abordava muito mais questões europeias, ou seja, os acontecimentos em solo europeu, do que as questões brasileiras relacionadas a guerra, assim como era comum em 1917. Os destaques, eram praticamente todos aos fatos acontecidos nos países europeus, ficando o Brasil, com pequenas notas telegráficas, vindas do Rio de Janeiro e de outros estados brasileiros.

O que sempre vemos, na historiografia, quando se trata da participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial, é que este foi o único país da América do Sul a participar ativamente da guerra. Portanto, um destaque é dado aos reforços enviados à Europa, que foram, uma missão médica e uma divisão naval. Com isso, a participação brasileira na Primeira Guerra ao lado das forças aliadas consistiu no envio de uma divisão naval,

²⁵⁴ DARÓZ, Carlos. Op.Cit, p. 112

²⁵⁵ Ibidem.

²⁵⁶ Estado do Pará, Belém, 10 de julho de 1918, p.1.

conhecida como Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG), e o envio de uma missão médica, que era a MMB, Missão Médica Brasileira.²⁵⁷

O envio desses reforços, foi discutido na Conferência Interaliada, ocorrida nos meses finais de 1917. A partir de então, é possível encontrar no jornal *Estado do Pará*, notícias nas colunas destinadas ao serviço telegráfico, que desde o mês de novembro ocupavam grande espaço na primeira página do jornal, além de estar presente na página 3 como de costume. Um exemplo disso é a manchete que destaca que o Brasil cedeu à França, 30 navios mercantes, dos 44 que foram confiscados pelo governo, portanto, navios de origem alemã.²⁵⁸



FIGURA 18 - Manchete que trata dos navios cedidos á França pelo Brasil. *Estado do Pará*, Belém 6 de dezembro de 1917, p.1.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil.

Segundo Daróz, a Divisão Naval em Operações de Guerra – DNOG foi criada em 30 de janeiro de 1918, com o objetivo de patrulhar a “[...] área marítima compreendida entre Dacar, o arquipélago de Cabo Verde e o rochedo de Gibraltar, onde a atividade dos submarinos era especialmente intensa e vinha causando expressivos prejuízos ao transporte marítimo Aliado”.²⁵⁹ No entanto, por conta de problemas estruturais, a partida da Divisão Naval só aconteceu sete meses depois, no dia 1 de agosto.

²⁵⁷ Sobre a DNOG, ver; CASTRO, Adler Homero Fonseca de. O Brasil na 1ª Guerra Mundial e a DNOG. *Revista Brasileira de História Militar*. Nº14, 2014.

²⁵⁸ *Estado do Pará*, Belém, 6 de dezembro de 1917, p.1.

²⁵⁹ DARÓZ, Carlos. *Op.Cit*, p. 154

Com isso, tanto a missão médica, como a Divisão Naval, são questões discutidas por autores, que tratam do envolvimento do Brasil na I Guerra Mundial. Contudo, pelo menos no que podemos perceber, tais questões não foram discutidas e nem ganharam destaque no jornal *Estado do Pará*. De fato, conforme Daróz, “Sem que houvesse notícia na imprensa, a partir do dia 7 de maio de 1918, os navios da Divisão brasileira começaram a zarpar do Rio de Janeiro, com destino ao Nordeste”.²⁶⁰

Por exemplo, com relação a criação da DNOG, que aconteceu no dia 30 de janeiro, temos como manchete; “A guerra civil na Rússia – Palavras do chanceler allemão – A política de guerra dos impérios centraes e a proxima Conferência geral dos aliados em Paris – Outras notas”.²⁶¹ Essa é a manchete do dia 30 de janeiro, no entanto, como as notícias não costumavam chegar no mesmo dia, nos dias seguintes temos as manchetes; Dia 31, “Toma proporções assombrosas o movimento socialista contra a guerra. – Rebentou a gréve geral em Berlim. – A Austria e os Estados Unidos: importantes declarações do Conde Czernin. – A anarchia na Russia e nos imperios centraes – Outras notas importantes”.²⁶² Dia 1 “Os allemães fazem “raids” aéreos sobre Paris, Londres, Essex e Kent. – A gréve geral propaga-se na Allemanha. – Victoria dos italianos em Ariago. – Outras informações”.²⁶³ Dia 2 “A gréve geral do trabalho vae tornando cada vez mais grave a situação interna da Allemanha. – Reenceta-se a Conferência de paz da Brest-Litovski. – As exigencias dos paredistas de Berlim. – Dois transportes ingleses a pique: centenas de mortos. – Outras notas”.²⁶⁴ Ou seja, não foi mencionada a criação da Divisão Naval. Da mesma forma, a partida desta Divisão Naval, que ocorreu no dia 1 de agosto de 1918, também não foi anunciada.

Um pouco diferente da DNOG, a Missão Médica Brasileira, ainda que não tenha obtido destaque, conseguiu algumas notas telegráficas, como por exemplo; A notícia da criação, que diz, “Rio 10 (Western) [...] – Foi assignado o decreto que cria a missão médica brasileira que irá a França²⁶⁵, além de notas sobre a formação e organização, como; “Rio, 9 – (Western) O dr. Nilo Peçanha, ministro do exterior, participou ao sr. Paul Claudel, ministro da França aqui, os nomes dos médicos que formam a missão médica prestes a partir para os hospitais de sangue da Europa”.²⁶⁶ “Rio, 11 – Segundo o decreto

²⁶⁰ Ibidem, p.158.

²⁶¹ Estado do Pará, Belém, 30 de janeiro de 1918, p.1.

²⁶² Estado do Pará, Belém, 31 de janeiro de 1918, p.1.

²⁶³ Estado do Pará, Belém, 1 de fevereiro de 1918, p.2.

²⁶⁴ Estado do Pará, Belém, 2 de fevereiro de 1918, p.3.

²⁶⁵ Estado do Pará, Belém, 11 de julho de 1918, p.1.

²⁶⁶ Estado do Pará, Belém, 10 de julho de 1918, p.1.

que criou a missão medica brasileira, o hospital em que vão servir terá capacidade para mil e quinhentas camas [...]. Os seus membros que forem funcionários públicos não perderão as regalias e vantagens dos seus cargos”.²⁶⁷ Prestes a partir, há notícia de uma missa realizada pelo bom sucesso da missão, e ainda, a notícia de que “O ministro da guerra resolveu pôr ao serviço da mesma um contingente militar, a quem, referindo-se hoje em ordem do dia, lembrou ser a primeira vez que o soldado brasileiro pisa o solo europeu”²⁶⁸. Só não foi possível encontrar notícias sobre a partida da missão, ocorrida no dia 28 de agosto. Já sendo possível encontrar, meses depois, notícia sobre o funcionamento do hospital que foi criado através da missão médica, que de acordo com “O dr. Nabuco de Gouvêa, chefe da missão médica brasileira, declarou, entrevistado, ter sido o hospital brasileiro considerado “hospital de evacuação” e por isso ter de funcionar muito tempo depois de terminada a guerra”.²⁶⁹

2.8. O armistício

Em finais de 1918, um destaque foi dado ao acordo de paz, que daria origem ao armistício. Já no início de outubro, cerca de um mês antes do armistício, vemos o surgimento de uma coluna intitulada, “A victoria dos aliados”, que trazia notas telegráficas sobre o acordo de paz entre as potências centrais e os aliados. Como por exemplo, “Washington, 7 – (Urgente) – O ministro da Suissa nesta capital entregou hoje ao presidente Wilson a proposta de paz dos Imperios Centraes, pedindo-lhe que a transmita ao governo dos demais paizes aliados”²⁷⁰. “[...] Respondendo o pedido de armisticio feito pela Allemanha, declarou o presidente Wilson que não intervirá naquele sentido junto dos seus aliados, enquanto não forem evacuados todos os territorios ocupados pelos exercitos imperiais”.²⁷¹ “Washington, 8 – A imprensa americana unanime entende que a rendição incondicional da Allemanha deve ser a unica resposta dos Estados-Unidos e dos aliados”.²⁷²

Isso, no entanto, só confirma o fato de que no ano de 1918, a guerra voltou a ter um caráter basicamente informativo, no jornal *Estado do Pará*. No dia 14 de outubro, por exemplo, vemos uma coluna intitulada “A OFFENSIVA DA PAZ”, que dizia o seguinte:

²⁶⁷ Estado do Pará, Belém, 13 de julho de 1918, p.1.

²⁶⁸ Estado do Pará, Belém, 10 de agosto de 1918, p.1.

²⁶⁹ Estado do Pará, Belém, 5 de novembro de 1918, p.1.

²⁷⁰ Estado do Pará, Belém, 9 de outubro de 1918, p.1.

²⁷¹ Estado do Pará, Belém, 10 de outubro de 1918, p.1.

²⁷² Ibidem.

Publicamos ante-hontem, na edição vespertina, um telegrama urgente do Rio de Janeiro, em que o nosso correspondente especial nos communicava saber-se lá, por notícias particulares recebidas da Europa e cuja exactidão ele podia garantir, que o governo allemão acceitará todas as condições impostas pelo presidente Wilson para os alliados darem armistício e iniciarem com o inimigo commum as negociações de paz, devendo os exercitos germanicos, austriacos e turcos iniciar dentro de vinte e quatro horas a evacuação de todos os territorios ocupados.²⁷³

E no final desta coluna, o editor festejava o fato de ter, das “negociações de paz” terem sido noticiadas pelo *Estado do Pará*, “graças à diligencia e ao zelo” do seu “correspondente” ter podido “dar em primeira mão, affixando-a em nossa taboleta, deante da qual se revesaram durante o dia inteiro massas e massas de curiosos”.²⁷⁴ Apontando o fato de o jornal estar em dia com as informações sobre o conflito, para uma população que buscava saber sobre ele. A descrição do periódico, ainda que o repórter talvez queira valorizar a importância de seu jornal na cidade, não deixa de sugerir o interesse dos moradores de Belém sobre o conflito mundial além de indicar a relevância que os jornais tinham naquele momento, como meio de informação que chegavam pelo telégrafo de outros países. Finalizando o editor concluía: “Pois bem, hoje damos a confirmação daquela notícia, em telegramma de Berna que nos forneceu a Agência Americana e que vae a seguir”:

BERNA, 12 (Urgente) – A Agencia Wolff annunciou aqui ter o imperador Guilherme communicado a noite passada ao presidente Wilson acceitar todas as condições impostas por ele, em nome dos Estados-Unidos e dos seus alliados, para concederem armistício e entrarem em negociações de paz.²⁷⁵

Percebe-se que o jornal buscava destacar que mantinha a população sempre informada, especialmente sobre os assuntos da guerra. Já no início de novembro, poucos dias antes da data oficial do armistício, a coluna “A victoria dos alliados”, traz informações sobre a assinatura do armistício por alguns países, como “foi assignado em salonica o armistício com a Turquia”, é o que diz os subtítulos da coluna, seguido de notas telegráficas que dizem, “Londres, 1 – (Urgente) Foi assignado em Salonica no dia 30 do passado, á meia-noite, o armistício com a Turquia, o qual começou a vigorar hontem , ao meio-dia”. “Paris, 1 – (Western) O governo da Austria iniciou negociações de armistício com a Italia”. “Paris, 1 – (Western) Consta que o governo allemão consentirá na ocupação

²⁷³ Estado do Pará, Belém, 14 de outubro de 1918, p.1.

²⁷⁴ Ibidem.

²⁷⁵ Ibidem.

das cidades de Colonia e Coblenza pelos exercitos aliados como garantia para a discussão do armistício”.²⁷⁶

E finalmente, quem traz informações sobre a assinatura do armistício, é a coluna “A offensiva da paz”, que desde o dia 11, data oficial do fim da Primeira Guerra Mundial, informa sobre o acontecido. A nota telegráfica que vem do Rio, diz o seguinte; “[...] O dr. Nilo Peçanha, ministro do exterior, recebeu um telegramma, em que o dr. Olyntho de Magalhães, ministro do Brasil em Paris, lhe communica ter effectivamente corrido alli a noticia de que fôra assignado o armisticio com a Allemanha”.²⁷⁷ No entanto, como a data oficial para o armistício, como mostra a historiografia, ficou marcada em 11 de novembro, e as notícias demoravam cerca de um a três dias para chegar a Belém, as notas oficiais sobre a assinatura foram publicadas no dia seguinte, em 12 de novembro, e diziam; “Rio, 11 – (Western) – Chegaram hoje notícias oficiais de Londres de ter sido assignado o armisticio com a Allemanha”, “Rio, 11 (Western) – O almirante da esquadra inglesa do Atlantico sul recebeu um telegramma, em que o Almirantado confirma a assgnatura do armisticio e a suspensão das hostilidades contra a Allemanha”.²⁷⁸ Com isso, chegaram notícias também do Rio de Janeiro, de que a cidade estava delirante, em festa, comemorando. A nota dizia;

Rio, 11 (Western) – A cidade inteira está delirante. Todas as casas commerciaes e muitas particulares embandeiraram as suas fachadas, bem assim os navios surtos no Guanabara. A avenida de Rio Branco e as principaes ruas e praças estão repletas de povo, ouvindo-se grandes aclamações ao Brasil e aos aliados. Os jornaes affixaram a notícia do armisticio em suas taboletas. A Liga dos Alliados reuniu-se em sessão solenne, tendo falado ao povo que estava defronte o sr. Rafael Pinheiro, a quem applaudiram calorosamente.²⁷⁹

Semelhante aos festejos da Capital Federal, as ruas de Belém, segundo publicou o *Estado do Pará*, comemoraram o fim da guerra e a consequente vitória dos aliados, lado ao qual o Brasil fazia parte:

Havia algumas casas commerciaes com as respectivas fachadas embandeirada. Tambem os navios surtos no porto embandeiraram. Esperava-se anciosamente a confirmação do armisticio que aliás os jornaes matutinos e em especial o ESTADO tinham dado como assignado. Pelo meio-dia chegava a confirmação official, recebida pelos consules dos paizes aliados. No bairro commercial ouviram-se innumerous disparos de pequenos canhões e os foguetes cruzavam-se no ar.²⁸⁰

²⁷⁶ Estado do Pará, Belém, 2 de novembro de 1918, p.1.

²⁷⁷ Estado do Pará, Belém, 11 de novembro de 1918, p.1.

²⁷⁸ Estado do Pará, Belém, 12 de novembro de 1918, p.1.

²⁷⁹ Ibidem.

²⁸⁰ Estado do Pará, Belém, 13 de novembro de 1918, p.1.

A notícia segue dizendo que “A cidade fremia de contente pela victoria do Direito e da Civilização contra a Força e a barbaria”, e que “As ruas apresentavam [...] movimento. Em todos os rostos notava-se alegria e satisfação”.²⁸¹ Ou seja, era o fim da guerra, fazendo se refletir na capital paraense. Uma guerra que naquele momento representava algo bárbaro e que as nações ditas civilizadas conseguiram vencer.

Naquele momento, no entanto, Belém também vivia as consequências da Gripe Espanhola, que se alastrou pelo mundo e chegou à cidade com força, causando muitas mortes. O *Estado do Pará*, tinha uma coluna bastante presente, intitulada “A Influenza”, como a gripe era conhecida, e diariamente trazia notícias sobre os males e o que era feito para que a doença fosse controlada. A coluna, inclusive, nos últimos meses de 1918, ganhou mais destaque que as próprias colunas que traziam informações sobre a guerra. O fato de a doença ter se alastrado rapidamente na capital paraense, fez com que o governo adotasse algumas medidas para controlá-la, como por exemplo, a suspensão de algumas atividades, como um campeonato de futebol, como mostra a notícia “O Serviço Sanitario do Estado officiou á directoria da Liga Paraense de Sports Terrestres, no sentido de suspender temporariamente as pungas de “football” do actual campeonato”.²⁸² Além de instruir a população a evitar aglomerações. Em uma notícia, vemos que era costume da população desta capital, em épocas de epidemias, promover romarias públicas, as quais percorriam as “[...] nossas ruas desde às primeiras horas da noite, prolongando-se muitas vezes até muito tarde”, e que essas procissões conduziam sempre “[...] imagens de santos advogados da peste e às mesmas comparecem famílias, foliões, e grande número de populares, que aos poucos, vão se reunindo”, e “Essas romarias reapareceram antehontem em diferentes bairros da capital, particularmente no da Cidade Velha e do Umarizal [...]”. No entanto, a notícia indicava que essas manifestações fossem evitadas pelo risco de mais contaminações pela gripe.²⁸³

Declarado o armistício, no entanto, e a cidade festejando, o *Estado do Pará*, frisava que naquele momento “Já ninguém falava de gripe. A cidade ficou completamente engalanada”. Assim, o dia do armistício foi tornando-se um feriado na capital paraense pois “[...] a maior parte das casas commerciaes, logo após a divulgação official fecharam e pelas cinco horas já todo o commercio estava paralyzado”. Além disso, “Os jornaes da tarde eram disputadissimos pelos transeuntes ávidos de notícias”. Os festejos, segundo

²⁸¹ Ibidem.

²⁸² Estado do Pará, Belém, 26 de outubro de 1918, p.1.

²⁸³ Ibidem.

descreveu o jornal, entraram pela noite, e “[...] algumas casas illuminaram as suas fachadas e o povo satisfeito percorria as ruas da cidade a pé e em automóveis, dando vivas aos paizes alliados”.²⁸⁴

As festas não pararam por aí, nessa mesma notícia, falava-se em uma reunião que aconteceu na sede da Assembleia Paraense, envolvendo os cônsules das nações aliadas, e “[...] de todos os cavalheiros que nela quizerem tomar parte, a fim de se resolver sobre uma grande manifestação pro-alliados”.²⁸⁵

Então, depois de reuniões e decisões do que seria feito em comemoração ao armistício e vitória dos aliados, houve em Belém, uma missa “[...] rezada, à praça da República [...] por s. exc. revdma. o arcebispo do Pará, dom Santino Coutinho, orando ao Evangelho o brilhante orador sacro padre Enéas Lima”. Nas notícias lembrou-se também aos leitores que após o ato religioso percorreria as ruas da cidade um imponente cortejo com “Banda de clarins, carro do triumpho, banda de música da cavallaria, carro do Comité, reserva naval, carro da Servia, sócios da Artística Paraense com seu estandarte [...]”.²⁸⁶

Essa celebração festiva, cívica e religiosa ganhou destaque no dia seguinte, e o jornal *Estado do Pará* reservou a primeira página toda para mostrar como a cidade esteve radiante no dia 1 de dezembro de 1918 com as comemorações em prol dos aliados. As notícias desse dia dizem “Belém offereceu hontem, no decorrer manhã, de todo o dia e de uma parte da noite, um aspecto imponente, risonho, encantador”, se contrapondo assim à cidade que sofria com a pandemia da gripe espanhola. Sugeria-se que “as festas realizadas para solenizar o armisticio, precursor da paz, não tiveram ainda precedentes no Pará, ultrapassando em esplendor, ordem e grandeza, as retumbantes procissões cívicas com que a antiga Provincia [...]” comemorava o dia 15 de agosto, que marca o advento da Independência do Brasil. Assim, o jornal exagerando destacava, que toda a cidade esteve em festa, e que a alegria invadiu todos os lares, e toda a população fremiu de entusiasmo, “[...] num verdadeiro delírio apotheotico à Paz e a Liberdade, ao Direito e à Civilização”.²⁸⁷

²⁸⁴ Estado do Pará, Belém, 13 de novembro de 1918, p.1.

²⁸⁵ Ibidem.

²⁸⁶ Estado do Pará, Belém, 1 de dezembro de 1918, p.1.

²⁸⁷ Estado do Pará, Belém, 2 de dezembro de 1918, p.1.



FIGURA 19 – A primeira página do jornal, toda reservada às notícias sobre as comemorações em Belém, em virtude do armistício e vitória dos aliados. Estado do Pará, Belém 2 de dezembro de 1918, p.1.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil.

Embora esses festejos tenham ganhado grande destaque no jornal, não foi possível encontrar nestes periódicos, imagens sobre o ocorrido. No entanto, na revista *O Record*, que circulou em Belém no período da Guerra, há imagens de carros alegóricos que compuseram os desfiles para a comemoração do armistício. Nelas, é possível ver como os festejos foram intensos, como mostra o jornal.



FIGURA 19 - Carro alegórico do Sport-Club, representando o Brasil.²⁸⁸ Revista O Record, Belém, dezembro de 1918, p. 10, V.1, n.10.
Acervo digital de obras raras do CENTUR.

²⁸⁸ O carro allegorico do Sport-Club, representando o Brazil, cujo pavilhão era conduzido pela intelligente menina Vida Tocantins, dilecta filha do sr. Alippio Tocantins, distincto e activo gerente da casa bancaria Cortez, Coelho & C^a. (Legenda da imagem). Revista O Record, V.1, n.10 dezembro de 1918, p. 10.



FIGURA 20 - Carro alegórico da Tuna, representando Portugal.²⁸⁹ Revista O Record, Belém, dezembro de 1918, p. 15, V.1, n.1.

Acervo digital de obras raras do CENTUR.

Assim, foi desta forma que a Primeira Guerra Mundial foi representada a partir de 1917, dois anos depois de ter iniciado o conflito, e o ano em que o Brasil rompeu com a neutralidade e aderiu a causa aliada. Até os primeiros meses de 1917, o discurso era o da estrita neutralidade, sendo a guerra algo que deveria ser evitado, a fim de que o país mantivesse a civilização e proteção da sua pátria, além de não se envolver em questões que prejudicassem a economia com os parceiros comerciais, que estavam em lados opostos no conflito.

Mas segundo as pesquisas nos jornais, o afundamento de navios mercantes brasileiros, e a pressão popular, foram o estopim para que o Brasil passasse de um país

²⁸⁹ O carro alegórico com que a Tuna representou Portugal, o heroico Portugal, nas manifestações do armistício em Belém, e em que tomaram parte todas as nações aliadas. (Legenda da imagem). Revista O Record, V.1, n.1 dezembro de 1918, p. 15.

neutro, para um país em estado de guerra. Fazendo assim com que esta guerra fosse representada de maneira diferente a partir de então. Se em 1914, o discurso era o de evitar a guerra para manter a civilização e proteção da nação, em 1917, o discurso era o de entrar na guerra para o mesmo fim, proteger a nação e civilização.

CAPÍTULO III - REFLEXOS DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL EM BELÉM DO PARÁ: CIDADE E COTIDIANO

3.1 O contexto da cidade de Belém durante a Primeira Guerra Mundial

É notório que a Primeira Guerra Mundial, marcou a vida de diversas populações, assim como a história de muitos países. O nome, Guerra Mundial, já nos remete à ideia de um evento cujos desdobramentos estenderam-se por vários lugares, atingindo praticamente o mundo todo. Ainda que as batalhas tivessem sido iniciadas em pleno alvorecer do século XX, na Europa, seus reflexos atravessaram continentes, chegando à América do Sul. As cidades brasileiras, tomavam conhecimento do desenrolar das ações de guerra desde o seu começo. Já em 1914, primeiro ano de guerra, os jornais publicavam notícias dos acontecimentos dos países em conflito. Assim, foi certamente pelos jornais que se soube em 1915, que uma Liga²⁹⁰ em prol dos países aliados foi criada; e que finalmente, em 1917, o Brasil revogava a neutralidade²⁹¹, que era arrastada desde 1914, e, finalmente, a entra na guerra, ao lado dos países aliados.

Nesse momento, a Amazônia não deixava de vivenciar os efeitos daqueles tempos beligerantes, conforme já citado. Por isso, busca-se neste capítulo, reflexos desse conflito na capital paraense. Isto é, compreender em que medida tal evento expressou-se no cotidiano belenense, influenciando, ou não, a vida da população desta cidade. De inícios, surgiram alguns questionamentos, como por exemplo, como uma guerra que se desenvolveu em outro continente, traria reflexos para a cidade de Belém, que está a cerca de 8.485 km da Europa? Esse questionamento, hoje, seria mais fácil de ser entendido, já que as rotas se tornaram mais fáceis, e a distância, se tornou menos demorada, no entanto, em 1914, o único meio de transporte, que fazia o deslocamento de gêneros e pessoas, do continente europeu, para a cidade de Belém, era o navio, e como já foi mostrado, o comércio entre a Europa, e a América do Sul, naquele contexto, era bastante intenso. E, considerando mais ainda, que a Primeira Guerra Mundial, como também já mencionado,

²⁹⁰ Estado do Pará, Belém 17 de março de 1915, p.3.

²⁹¹ Estado do Pará, Belém 2 de junho de 1917, p.1.

no primeiro capítulo desta dissertação, foi uma guerra de caráter imperialista, não é descabido imaginar, que seus reflexos atravessariam continentes, como é possível observar, em cada parte deste trabalho. Para essa dissertação, como já mencionado, trabalha-se com o corte cronológico dos anos de 1914 a 1918, por corresponder ao período em que ocorreu o referido evento. Com essa periodização, consideramos que é possível de um lado, pensar o espaço da cidade de Belém, e de outro lado entender como esse evento foi representado nos jornais paraenses, conectando Belém com o contexto mais amplo da própria guerra.

Assim, na apresentação deste capítulo, será feita uma abordagem que permita ao leitor, compreender, tanto por meio da historiografia, quanto dos jornais, aspectos do que foi a I Guerra Mundial e igualmente o contexto experimentado na capital paraense, marcado por exemplo, pela diminuição das exportações do látex e os desdobramentos disso. Na verdade, no contexto da I Guerra Mundial, capitais amazônicas como Belém e Manaus vivenciavam um drástico problema econômico motivado pela crise da borracha.

A década de 1910, é marcada pelo início do declínio do comércio internacional da borracha na Amazônia. Esse decréscimo abalou a economia da região, que até então era baseada em maior escala pela exportação desse produto. Santos (1980) aponta que este “[...] colapso sofrido às vésperas da Primeira Grande Guerra resultou da concorrência da borracha asiática”, e que “o próprio crescimento continuado dos preços, que sempre marcou a vida comercial dessa matéria-prima, estimulou o surgimento da competição”.²⁹² E esta competição econômica com a borracha asiática é apontada por Roberto Santos como um dos fatores que contribuíram para o colapso da economia da borracha na Amazônia. Segundo este autor “Thomas Hancock, cognominado “pai” da indústria britânica de borracha e êmulo da Goodyer na descoberta da vulcanização, havia sugerido ao governo inglês a agricultura de gomíferas”.²⁹³ Desse modo, a partir de acordos entre empresas asiáticas e europeias foram enviadas para a Europa mudas de alguns países, como o Brasil. A tarefa do transporte das mudas foi atribuída a Henry Wickham, “[...] um homem que se dedicava a aventuras, mas que parecia convicto das possibilidades da heveicultura”. Segundo Roberto Santos, pesou “[...] contra Wickham, e consequentemente contra as autoridades britânicas [...] a acusação de fraude ou

²⁹² SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. “Capítulo 9 – O Grande colapso”. In: História econômica da Amazônia: 1800-1920. São Paulo: T.A.Queiroz, 1980, p. 229.

²⁹³ Ibidem.

contrabando ao se apropriar das valiosas sementes e transportá-las sem o consentimento do governo brasileiro”.²⁹⁴

Para Santos, o sucesso das plantações de látex no Oriente, foi um dos fatores que ocasionaram o colapso da borracha amazônica, no entanto, não foi o único, “Na verdade, o colapso se explica por uma constelação inteira de fatores [...]”, já que “entre a remessa de Wickham, em 1876, e a plena atividade dos seringais do Oriente transcorreu um quartel de século”, sendo assim “nesse meio tempo, poderiam, por exemplo, as autoridades brasileiras ter realizado experiências próprias com o plantio da seringueira, preparando o país para o futuro”.²⁹⁵

Com isso, Weinstein (1993) aponta o primeiro ano do século XX, como o “mais desolador para Belém, anterior ao colapso final do mercado da borracha silvestre”²⁹⁶, por conta de uma lei, sancionada em dezembro de 1900, pelo legislativo amazonense, que estabelecia que “[...] toda a borracha produzida no Amazonas devia ser inspecionada, acondicionada e exportada diretamente por Manaus”²⁹⁷. Segundo esta autora, “Em fins de 1901, a parte das exportações de borracha que coube ao Pará havia caído das 17.871 toneladas para apenas 12.900 (de 64% para 43%) [...]”.²⁹⁸

A crise, desse modo, vinha se arrastando, e como podemos ver, os motivos eram variados, e parece que uma coisa ia puxando a outra. A rivalidade entre Belém e Manaus acerca das exportações de borracha²⁹⁹ para o Brasil e os países estrangeiros, como aponta Barbara Weinstein, também foi um dos fatores que gerou a instabilidade da economia paraense, agravando a crise. Segundo a autora, a perda do negócio amazonense era um sério golpe.³⁰⁰ Assim, “O impacto das diversas crises que afetaram a comunidade mercantil do Pará foi repentino e doloroso. Muitos pequenos negócios e inúmeras casas comerciais abriram falência [...]”. Com isso, “O estado desolador do setor financeiro de

²⁹⁴ Ibidem, p.230.

²⁹⁵ Ibidem, p.232.

²⁹⁶ WEINTEINS, Barbara. “Pará versus Amazônia”. In: *A Borracha na Amazônia: expansão e decadência (185-1920)*. São Paulo: Hunitec/EdUSP, 1993 p. 228.

²⁹⁷ Ibidem.

²⁹⁸ Ibidem p. 229.

²⁹⁹ Manaus, segundo Weinstein, foi uma cidade construída em cima dos lucros da economia gomífera, nos períodos áureos de exportação. Sendo assim, era uma grande exportadora de borracha, mas que no início, por conta de sua localização geográfica, a exportação deste produto, precisava passar antes por Belém. O que causou o descontentamento da elite e amazonense, e a rivalidade entre os estados do Pará e Amazonas. Sobre isso, ver: WEINTEINS, Barbara. Op. Cit.

³⁰⁰ Ibidem, p.229.

Belém refletia a gravidade da crise comercial local, bem como os sérios problemas monetários que afligiam o país como um todo”.³⁰¹ Ainda segundo Weinstein, no entanto;

A competição entre o Pará e o Amazonas, que tanta atenção e energia absorveu durante a última década da expansão da borracha, realmente mostrou ser um dos menores problemas da Amazônia. A intromissão estrangeira, o esgotamento das árvores nos mais antigos municípios produtores de borracha, a desintegração do comércio de rio acima, e as graves quedas de preço em 1900-1901 e, de novo, em 1906-7, todas essas coisas constituíram sérias ameaças às bases econômicas da elite regional. A despeito de a produção e os preços da borracha amazônica terem atingido novos picos entre 1900 e 1910, esses anos foram de adversidade, tanto quanto de prosperidade. Contudo a elite da borracha mostrou-se suficientemente flexível para vencer cada uma das crises com um mínimo de baixas e com um mínimo de mudança ou de inovação.³⁰²

Em 05 agosto de 1914, poucos dias depois, dos primeiros conflitos da grande guerra, iniciarem-se na Europa, em Belém os jornais apontavam uma situação difícil para a economia da região, que já se arrastava havia alguns anos. Desse modo, a *Folha do Norte* alertava que continuava a “[...] influir deveras nas transações do nosso “ouro negro” a situação que atravessa a Europa”. Segundo registrava o periódico, “A paralyzação das negociações desse produto, hontem em nossa praça, foi completa, nada se fazendo devido a falta de cambiaes”. O articulista destacava que “O movimento” era “tão crítico” que, segundo ouvira de uma “[...] fonte insuspeita, várias casas exportadoras vão fechar até que as cousas se normalizem”.³⁰³ Por meio dessas afirmações observamos com clareza, algo que buscamos rastrear ao longo dessa dissertação de mestrado, que é justamente as influências da I grande guerra na capital paraense. Assim, vemos como a guerra aliada ao declínio das exportações de borracha davam a tônica dos problemas enfrentados no estado do Pará.

Ao compararmos alguns valores da borracha exportada pelo estado do Pará, no ano de 1911, período anterior ao início dos confrontos internacionais, com os valores de 1915, que foi o segundo ano de guerra, nota-se a diferença de preços do produto. Em 1911, por exemplo, analisando a coluna intitulada “NOTAS COMERCIAES”, do jornal *Estado do Pará*, temos, então, os seguintes valores aos quais a borracha era comercializada, a título de exemplo:

³⁰¹ Ibidem, p.230.

³⁰² Ibidem, p.238.

³⁰³ Folha do Norte, Belém 5 de agosto de 1914, p.5.

ANO 1911
PRODUTO
Borracha fina das ilhas, 5\$400, 5\$500, 5\$600, 5\$700 e 5\$800.
Sernanby das ilhas; 2\$400, 2\$500.
Sertão – Fina; 7\$500, 7\$600 e 7\$800
ANO 1915
PRODUTO
Borracha Fina das Ilhas – 2\$400, 2\$500.
Sernamby das Ilhas – 1\$200 e 1\$250.
Sertão – Fina, Sem ofertas

Fonte: Estado do Pará. Belém, 10 de abril de 1911, p.3. Estado do Pará. Belém, 16 de janeiro de 1915, p.5.

Assim, percebe-se uma grande diminuição no valor do produto, que pode ser explicada tanto pela concorrência dos mercados asiáticos, mas também, pela própria guerra. Com isso, vemos que Belém, com este evento, associado à crise da borracha, e também à chegada de muitos migrantes de regiões do Nordeste, movidos pela grande seca de 1915, tornava-se uma cidade com muitos problemas sociais como mendicância e falta de trabalho. Apesar disso, segundo Lacerda, “[...] ocorreram várias manifestações de ajuda aos migrantes”, e até mesmo a ligas solidárias para a ajuda aos retirantes.³⁰⁴ Um exemplo disso foi Assistência aos flagelados pela seca, fundada em 17 de julho de 1915.³⁰⁵

Muitos migrantes vindos do Nordeste que desembarcavam em Belém passaram a ser alvo do governo, no que diz respeito a tentativas de sua incorporação ao mundo do trabalho em “[...] atividades produtivas na agricultura ou na extração do látex, que mesmo em menor escala ainda representava uma parte significativa das exportações paraenses”.³⁰⁶ Assim, não sem razão, em fevereiro de 1916, o periódico *Estado do Pará*, alertava: “Como é sabido, a crise da borracha e a guerra européa collocaram o Governo do Pará numa situação crítica [...]”.³⁰⁷

Além disso, de acordo com Cancela (2011), “Belém constituía-se num porto privilegiado por sua posição geográfica, servindo de entreposto aos navios que chegavam

³⁰⁴ LACERDA, Franciane Gama. Op. Cit., 1995, p. 215.

³⁰⁵ Ibidem, p.226.

³⁰⁶ Ibidem, p.228.

³⁰⁷ Estado do Pará, Belém 9 de fevereiro de 1916, p.1.

ou saíam da região amazônica, transportando mercadorias e pessoas”. Exatamente por conta disso, “durante muito tempo, a borracha produzida no Amazonas e no Acre, saía do Brasil pelas águas do porto belenense”, e “mesmo após a diminuição da produção da borracha em terras paraenses, a capital continuou com um volume alto de negócios em seu porto, particularmente em função das partidas de borracha advindas do Acre”.³⁰⁸

Sendo o principal e mais rentável produto de exportações e comercialização do Pará, informações sobre a borracha estiveram muito presentes nas páginas das gazetas que circularam pela Amazônia naquele contexto. Assim, em 12 de julho de 1914, antes do início propriamente dito dos conflitos na Europa, é possível encontrar informações sobre o mercado desse gênero. As notas sobre esses negócios, apareciam geralmente na página 5 do jornal *Estado do Pará*, por exemplo, em uma sessão intitulada “Comercio e Navegação”, que tratava das notícias referentes a transações econômicas paraenses. Na coluna “Borracha”, podemos ver que naquele momento, o mercado desse produto aparecia em baixa, como pode-se observar no trecho que segue: “O nosso mercado esteve ontem muito pouco movimentado, ainda por falta de entradas, tendo sido negociadas somente 5 toneladas de qualidades das Ilhas, Cametá e Caviana”.³⁰⁹

Sabe-se que mesmo com a crise, o que houve foi a diminuição dessas exportações, sendo assim, o comercio da borracha continuou existindo, ainda que em menor escala. Desse modo, alguns dias depois, o mesmo *Estado do Pará* afirmava, pelo menos para o dia anterior, certa melhora para o comércio da goma elástica: “Esteve hontem bastante movimentado e regularmente animado este nosso mercado, tendo sido negociadas cerca de 60 toneladas de qualidades das Ilhas, Cametá, Anapú, [...]”.³¹⁰ No cenário de guerra, ao lado, do látex, com a crise que foi gerada após o ano de 1910, ainda de acordo com Cancela, “o comércio dos produtos agrícolas e da extração de castanha asseguraram a renda da província, embora em menor escala do que a goma elástica garantia nos tempos de expansão”.³¹¹

O fato, é que a crise da borracha, coincidiu com todos os anos da I Guerra, como destacam as notícias dos jornais. No entanto, conseguimos identificar, que apesar de menores, as exportações da goma elástica continuavam a ser importantes para a economia do Pará. Vemos em 1918, último ano de guerra, notas da imprensa, com certo tom

³⁰⁸ CANCELA, Cristina Donza. Casamento e família em uma capital amazônica (Belém 1870-1920). Belém: Açaí, 2011 – “População e Cidade”, p.32, 33.

³⁰⁹ Estado do Pará. Belém, 12 de julho de 1914, p.5.

³¹⁰ Estado do Pará. Belém, 16 de julho de 1914, p.6.

³¹¹ CANCELA, Cristina. Op. Cit., p.33.

animador, como a que segue, que visavam demonstrar uma pequena alta no valor deste produto. Contudo, isso não se revelou permanente, pelo contrário, asseverou-se ainda mais nos anos seguintes.

Apesar das dificuldades de transportes e firmeza inexplicada do câmbio, a posição do mercado de borracha firma-se, se bem que lentamente. (...) Após muitos dias de posição estacionaria, alcançou hontem uma alta de 50 réis a borracha fina das Ilhas. Tendo os exportadores aberto o mercado a 2\$400, offereceu o banco do Brasil 2\$450 [...].³¹²

Com o declínio da economia da borracha, justamente no contexto da I Grande Guerra, uma preocupação que sempre fez parte dos discursos dos Presidentes de Província e depois dos governadores do Pará, foi a questão da agricultura, que aparece em muitos pronunciamentos de autoridades. Ao lado disso acreditava-se no seu desenvolvimento por meio do ensino agrícola, uma vez que o Pará, dada a suas possibilidades de produção poderia se tornar “o celeiro da Amazônia”.³¹³

No jornal *Estado do Pará*, podemos ver que há uma preocupação com a questão da agricultura, e o incentivo por parte do Estado de que a população passasse a ver a “natureza” e as terras como um bem que geraria frutos importantíssimos para a sobrevivência humana. Afirmando que, a baixa da borracha, acabou por ensinar que era preciso voltar para a terra, os cuidados que a indústria extrativa havia dispensado por largo tempo.³¹⁴

Desse modo, houve um incentivo a criação de um ensino agrícola, conforme destacado, por Lacerda e Vieira. Com o advento da República, havia uma certa preocupação com o que era considerado arcaico, o que estava em evidência, tanto nos pronunciamentos dos poderes públicos como na imprensa paraense. Por isso, “Diante desses anseios de modernidade, ganhava força na fala dos poderes públicos a ideia de que a lavoura desenvolvida no Pará era “atrasadíssima”, ou “estacionária nos tempos coloniais”. Sendo assim, segundo as autoridades paraenses, esse problema só seria resolvido, com o ensino agrícola, que “[...] com bases científicas, prepararia o agricultor acostumado a “bronca rotina”, para uma produção a partir de métodos mais modernos”.³¹⁵

³¹² Estado do Pará, Belém 5 de janeiro de 1918, p.1.

³¹³ Sobre isso, ver: LACERDA, Franciane Gama; VIEIRA, Elis Regina Corrêa. O celeiro da Amazônia: agricultura e natureza no Pará na virada do século XIX para o XX. Topoi (Online): revista de História, v. 16, p. 157-181, 2015.

³¹⁴ Estado do Pará. Belém, 12 de janeiro de 1916, p.1.

³¹⁵ LACERDA, Franciane Gama; VIEIRA, Elis Regina Corrêa. Op. Cit., p.163.

De fato, estas questões estavam presentes constantemente no jornal *Estado do Pará*, que em 1916, mantinha colunas que tratavam da agricultura e do ensino agrícola, como podemos ver na notícia que segue, intitulada “O que já pede o fomento da nossa agricultura”;

Precisamos de duas providencias urgentes emanadas da administração publica si desejava de incentivar o trabalho rural productivo, de facto, mais próprio a combater esse “pauperismo” crescente, das nossas cidades, a usar assim no bem geral e a conduzir melhor as energias sociaes entibiadas ou anuladas pela falta de applicação devida e utilitária; precisamos do ensino profissional agrícola, nas duas modalidades mais convinhaveis, já, á feição mental do nosso proprietario rural e á condição desfavorável do trabalhador agricola actual: Ensino ambulante , essencialmente pratico, a demonstrar, de propriedade em propriedade, o valor das praticas ora mais necessarias á melhor defesa e ao maior aperfeiçoamento das culturas e a multiplicar as qualidades d’estas e os resultados economicos e ensino elementar agricola em todos os grupos do interior e da capital e numa escola de trabalhadores ruraes mantida annexa ao actual Campo de Cultura Experimental do Estado.³¹⁶

No início do ano de 1918, quando a guerra continuava nas trincheiras europeias, é possível perceber, que o discurso sobre a agricultura perpassava sobre a relevância do ensino agrícola e da cultura do solo. Tais experiências de trabalho eram apontadas no jornal como necessárias para a subsistência da população. Além de estarem associadas também ao amor à pátria. O *Estado do Pará*, trouxe uma notícia que fala sobre a dualidade entre campo e cidade, e dizia que a vida agitada dos grandes centros, era marcada por hipocrisia e ambição, que era muito diversa da vida colonial, a qual, o homem, em contato com a terra, “[...] apprecia calmo e sereno o resultado prodigioso do esforço [...] na sua mais sublime obra: A obtenção de tudo quanto carece para a sua subsistencia”.³¹⁷ Tem-se aqui, quem sabe motivado pelo momento de guerra que se vivenciava, e pelos problemas decorrentes da diminuição das exportações de borracha, uma idealização do interior do estado do Pará em oposição aos problemas urbanos.³¹⁸ Igualmente, tem-se a ideia de que a produção agrícola – em tempos de guerra, em que o medo da fome e do desabastecimento se fazia muito presente – seria a solução para tal problema.

O *Estado do Pará*, menciona ainda, que “A “Salvação” do estado estaria no seu “proprio solo uberrimo e inculto, e na rectidão energica do seu honrado governo”.³¹⁹ Com

³¹⁶ Estado do Pará. Belém, 12 de abril de 1916, p.5.

³¹⁷ Estado do Pará, Belém 19 de janeiro de 1918, p.1.

³¹⁸ Ainda que referindo-se a outro espaço e contexto as contribuições de Raymond Williams no livro *O Campo e a Cidade*, ajudam a entender essas idealizações do mundo campestre. Cf. WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

³¹⁹ Estado do Pará, Belém 19 de janeiro de 1918, p.1.

isso, fazendo uma analogia entre a agricultura como salvação para uma população que vivia tempos difíceis por conta da crise e déficit na economia, o jornal, dizia o seguinte;

Olhemos um pouco para a dolorosa e horrível modificação que se opera no grandioso quadro da Europa civilizada, vendo substituídos os símbolos divinos da Paz, do Progresso e do Trabalho, pelos negros phantasmas da Dor, da Miséria e da Ambição, em uma guerra desumana, aguardando infelizmente e com atenção o momento de nella compartilharem com o nosso sangue na defesa do Direito e da Justiça, e abaninemos de vez com esses sentimentos vaidosos e mesquinhos. Cumpramos sem embargos e sem delongas tudo quanto nos dictou o nosso patriótico governo, e empreguemos o nosso esforço e a nossa acção no cultivo do solo amado, que vem a ser o fornecedor inexgotável dos elementos de nossa vida e dos nossos semelhantes!³²⁰

Nesse momento da I Guerra o apelo ao amanhã da terra parecia representar um desejo de mudanças. Lacerda e Vieira refletindo sobre a importância que se dava à produção agrícola nesse momento apontam que, no “estado do Pará, marcado pelo extrativismo de produtos florestais e pela queda nas exportações de borracha, este seria um apelo importante das autoridades e da imprensa para entusiasmar os lavradores [...]”, que eram vistos por estas autoridades, “[...] como nem sempre afeitos ao trabalho na terra [...]”.³²¹ Se questões como agricultura, crise e extrativismo da borracha fizerem parte desse contexto de guerra no espaço urbano na capital paraense, conforme apontamos até aqui, a guerra não deixou de se expressar no cotidiano da população conforme veremos a seguir.

3.2. Consumo cotidiano: alimentos, e outros produtos.

Entender, portanto, o contexto da cidade de Belém nesse período é fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. O período anterior à I Grande Guerra, marcou Belém por mudanças em algumas áreas de seu espaço urbano. Nesse período, conhecido por *belle époque amazônica*, a cidade passou por um processo de modernização possibilitado pelos lucros obtidos com as exportações da economia da borracha, vivenciando algumas mudanças como, o alargamento de ruas e ajardinamento de praças de alguns poucos espaços, por influência dos padrões europeus. De fato, conforme argumenta Sarges (2000), na introdução de seu livro *Belém: Riquezas produzindo a belle époque (1870-1912)*, “pensar o processo de urbanização que atingiu a cidade de Belém do século XIX e início do século XX, pressupõe entender a dialética da modernidade e a economia que possibilitou a materialização desse triunfo modernista [...]”.³²²

³²⁰ Estado do Pará, Belém 19 de janeiro de 1918, p.1.

³²¹ LACERDA, Franciane Gama; VIEIRA, Elis Regina Corrêa. Op. Cit., p. 170.

³²² SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912). Belém: Paka-Tatu, 2000, p.15.

Na verdade, entre os fins do século XIX e o início do XX, transformações do urbano, se expressaram com maior nitidez em vários países, e se deram em grandes capitais mundiais, a exemplo da capital da francesa. O filósofo Walter Benjamin explica o processo de modernização pelo qual passou Paris. No texto “Paris, a capital do século XIX”, o autor fala sobre a inclusão do uso do vidro e do ferro nas construções, como símbolos da modernidade, bem como das contradições desse processo.³²³

Tem-se aqui também as chamadas Exposições Universais, nas quais mercadorias eram apresentadas. O Pará, esteve inclusive, em exposições, na Europa, para expor seus produtos, que eram símbolo da produção paraense. Segundo Sarges, “[...] o Pará se fez presente através de suas indústrias que lá expuseram seus produtos considerados de boa qualidade, tanto que algumas delas foram agraciadas com medalhas e menções honrosas como (...), a Fábrica Bitar e a Fábrica Palmeira”.³²⁴

Belém do século XIX já era uma cidade cosmopolita, na qual chegavam embarcações, pessoas e produtos de várias partes do mundo, como foi possível observar nos jornais paraenses. Algumas lojas, dentre elas a Paris N’américa, ainda hoje existente em Belém, eram responsáveis pela venda de produtos europeus. A Paris N’américa estava presente constantemente nas páginas dos jornais pesquisados, anunciando seus artigos de luxo vindos diretamente de Paris para a população belenense. Propagandas de chapéus, de enfeites, e tecidos, que compunham a *vêtements* das mulheres com maior poder aquisitivo, eram publicadas, e tais produtos eram apontados como o que havia de mais chique e mais moderno para ser usado pelas senhoritas e senhoras de Belém daquele período. Assim, em agosto de 1914, quando havia menos de um mês, que a guerra tinha sido deflagrada na Europa, podia-se observar os anúncios, como por exemplo; “Enfeites para Chapeus- o que ha de mais chic e moderno em aigrellees plumas – Recebeu a Paris N’américa”.³²⁵

E mesmo depois de iniciada a guerra, esses produtos continuaram a ser consumidos em terras paraenses, como podemos ver, no anúncio a seguir de 1915, segundo ano de conflagração: “Do Paris N’america a casa onde o chic parisiense e a elegancia “raffinée” imperam por excellencia, teremos uma lindissima sombrinha de linho branco e punho de

³²³ BENJAMIN, W. “Paris, capital do século XIX” (exposé de 1935) In: BENJAMIN, W. Passagens. Belo Horizonte, Editora UFMG e São Paulo, Imprensa Oficial, 2007. p. 39-52.

³²⁴ SARGES, Op. Cit., 2000, p.26. Sobre a participação do Pará nas exposições universais ver: CASTRO, Anna Raquel de Matos. Ciência, Política e Propaganda: a representação paraense na Exposição das Indústrias e do Trabalho em Turim (1911). 2020. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós - Graduação em História Social da Universidade Federal do Pará.

³²⁵Folha do Norte, Belém 1 de agosto de 1914 p.2.

marfim, derradeira criação da moda feminina”. Ainda que não tenhamos meio para saber a procedência da sombrinha de linho e marfim, isto é, se se tratava de produto importado de outros países, de outros estados ou até mesmo produzido em Belém. A referida propaganda permite pensar que apesar da guerra e da crise da borracha o comércio na capital paraense buscava se movimentar.³²⁶ Segundo Martins Júnior (2010) “[...] inúmeros são os anúncios, [...] em que o anunciante afirmava tratar-se de uma verdadeira liquidação [...]”. De acordo com o autor “[...] em tempos de crise estes anúncios chamavam a atenção do leitor com o sugestivo nome “saldos de balanço” a fim de manter o consumo em tempos de contração econômica”.³²⁷

Nesse contexto, em agosto de 1914, os jornais da cidade apontam, que, com a eclosão da Guerra na Europa, surgiram algumas inquietações em determinados grupos da população de Belém. Dentre eles está o grupo dos comerciantes, que passaram a aumentar o preço de produtos, que eram vendidos, no comércio da cidade. Tal aumento era justificado, por estes negociantes, pelo fato de que com o início da Guerra, seria mais difícil a chegada de produtos estrangeiros às terras paraenses. O que, no entanto, também pode estar ligado a questão da comercialização de borracha, que como vimos, a pesar de, naquele momento, ainda existente, e com um volume alto de exportações, tinha diminuído, e esse aumento no preço dos produtos, provavelmente movimentaria o comércio da cidade. Diante disso, conforme veremos na notícia que segue, a *Folha do Norte*, em tom alarmista, publica o relato de um comerciante, que afirmava que o estado atual da praça de Belém, era crítico, por conta dos acontecimentos que estavam se desenrolando na Europa, e se o rumo das coisas não mudasse, em pouco tempo, a população belenense iria passar fome.

A Guerra austro-servia

Belém na iminência da fome. ---A FOLHA ouviu um comerciante da praça, em condições de se manifestar sobre o assumpto e o que elle diz é profundamente alarmante

O estado actual da nossa praça, em face dos acontecimentos que se estão desenrolando na Europa, é critico. Quem, como nós, percorresse, antehontem, o bairro comercial e se quisesse informar do estado geral da praça, ficaria devéras surpreendido com a alta de preço dos generos de primeira necessidade, preços que de momento a momento se elevam, chegando a cotar-se mercadorias com 50% de augmento sobre o preço comum.

E devéras interessante conhecer-se a opinião de um antigo comerciante que, de bom grado, nol-aexpoz com clareza e sem reburços.

³²⁶ Estado do Pará, Belém 10 de dezembro de 1915, p.5.

³²⁷ MARTINS JÚNIOR, Rui Jorge Moraes. Visto, logo existo: moda, sociabilidade feminina e consumo em Belém no limiar do século XX. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2010, p. 44-45.

---Se dentro de dois mezes as cousas não tomarem novo rumo, ver-nos-emos a braços com a fome [...] ³²⁸

Com isso, é possível observar, a partir do dia 4 de agosto de 1914, no jornal *Estado do Pará*, uma notícia sobre os efeitos da guerra no Brasil, que tratava da “supressão do fornecimento de gêneros de primeira necessidade” que até aquele momento era feito, “em grande em grande parte, pelo continente europeu”. Segundo o redator, “ainda que fosse total” a vinda de produtos de outros países, isso “não seria motivo para alarma”, já que outras partes do mundo poderiam realizar o provimento dos gêneros, percebe-se que nos dias seguintes, os preços de alguns produtos começaram a subir. O articulista da *Folha do Norte*, mesmo não explicando aos seus leitores, a fonte de suas informações, acreditava que:

Felizmente há outras partes do mundo habilitadas a suprirem os mercados. Nada impede que os mercados sejam fornecidos pela produção da America do Norte, das Republicas do Prata e do Pacifico e Australia. Estas regiões, por uma questão de latitude geographica, têm produção agrícola similar a produção européa.

[...]

Estes paizes, em guerra neste momento, com os mares ocupados militarmente e portos fechados, cessam a importação para viverem das reservas previdentemente acumuladas.

[...]

Este exemplo é apenas para argumentar, no sentido de darmos uma prova material de que a conflagração européa, o mais que poderá provocar nesta ordem de idéas, será, apenas, um deslocamento e novas accommodações do commercio internacional.

Não há razão, portanto, para alarma, antes, ao contrario, cremos não errar affirmando que está chegado o momento histórico do advento do Brazil agrícola. ³²⁹

Ao nos voltarmos para as questões que a notícia traz, vemos uma série de problemas que permeavam a economia e o dia a dia da população paraense. Podemos perceber desse modo um constante medo da falta de gêneros alimentícios, ao mesmo tempo a possibilidade de que a conflagração europeia e suas consequências em termos de exportação de produtos pudesse ser suprida pela abertura de novos mercados comerciais com América do Norte, as Repúblicas do Prata e do Pacífico e até mesmo da distante Austrália. Um aspecto que também chama a atenção é a ideia de que tal conflito poderia ser favorável ao advento da agricultura no Brasil.

Com isso, é possível perceber um embate entre os moradores da cidade, que possuíam posicionamentos diferentes com relação à eclosão da guerra, e o aumento dos preços dos produtos. Este aumento, não deixou de incomodar e causou espanto e até

³²⁸Folha do Norte. Belém 3 de agosto de 1914, p.1.

³²⁹ Estado do Pará, Belém 4 de agosto de 1914, p.2.

mesmo revolta em parte da população, que criticava o posicionamento dos comerciantes. Como por exemplo, Ophyr de Loyola³³⁰, conhecido médico da cidade de Belém, que afirmava em uma notícia do jornal *Estado do Pará*, que a perspectiva da fome era “coisa tão irrealizável, como é a quadratura do círculo”.³³¹ Ophyr de Loyola, falava das riquezas naturais do Pará, e visando fortalecer seus argumentos ele afirmava; “A fome só baterá a porta do Pará quando secar a última gota d’água do Amazonas e seus afluentes”. E diante disso perguntava aos seus leitores: “Então, será possível que o pedaço do mundo mais rico, a porção de terra mais bem aquinhada por Deus, estivesse à beira da fome?”. A tal indagação, o próprio Dr. Ophyr respondia em tom positivo e animador: “O Pará não passará nunca fome!”.³³² Assim, é possível perceber que à guerra foram dados significados e representações diferentes por moradores diferentes de uma mesma cidade³³³, e também pelo próprio jornal, que hora publicava o posicionamento dos comerciantes, que diziam que a população passaria fome, e hora o posicionamento de um médico, e morador, que afirmava o contrário.

Nesse sentido, o medo da fome se inseria também nas reclamações diárias que eram feitas por conta do aumento de preços dos gêneros. O jornal *Estado do Pará* apontava como um exagero a ideia da fome na capital paraense, já que a região amazônica era detentora de ricos rios e produtos alimentares tanto naturais, em maior escala, quanto industriais, mesmo que em menor quantidade. Para o articulista, o fato de a população naquele momento estar privada de importar produtos europeus, pela incerteza da navegação e proibição da saída destes gêneros dos países europeus que estavam em luta, não era motivo e nem autorizava que os comerciantes aumentassem os preços das mercadorias. Para isso, uma lista de produtos foi apontada como forma de substituição dos produtos europeus. Com isso, foi possível perceber que produtos existiam para consumo naquele período. Os gêneros apontados por Ophyr de Loyola eram assim descritos: “O milho substitui com vantagem o trigo”. Desse modo, se não havia o pão, era possível se fazer o “cusuz de milho”, que era muito mais substancial, segundo Ophyr

³³⁰ Ophir Pinto de Loyola (1886-1934), médico maranhense formado no Rio de Janeiro e radicado em Belém[...]. MIRANDA, Aristóteles Guilliod de ; ABREU JUNIOR, José Maria De Castro . Razões do esquecimento: em busca dos vestígios do Sindicato Médico Paraense. Revista Pan-Amazônica de Saúde (Online), v. 6, p. 11-21, 2015, p.12.

³³¹ Estado do Pará. Belém 8 de agosto de 1914, p. 2.

³³² Estado do Pará, Belém 8 de agosto de 1914, p. 2.

³³³ Sobre isso, podemos analisar Belém a partir de Richard Morse e seu conceito de cidades periféricas como Arenas Culturais, para Morse, as cidades são lugares de embates, experimentos, germinação, criação, por isso a denominação de Arenas Culturais. Sobre esta questão ver o texto: MORSE, Richard. “As cidades ‘periféricas’ como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina”. Estudos Históricos, vol8, no. 16, 1995, p. 205-225.

Loyola. Igualmente ele falava sobre a batata doce, o cará e o inhame, que substituiriam a batata europeia. Do mesmo modo, Dr. Ophyr, certamente pelos seus conhecimentos médicos, considerava que a farinha de mandioca e a tapioca eram produtos de grande poder nutritivo. Além disso, Loyola falava sobre o bacalhau e sua substituição pelo pirarucu, dizendo que “O bacalhau só constitui alimento necessário aos que nunca souberam que existe o rio Amazonas, maior e mais poderoso do mundo e que desconhecem a existência do maior e mais saboroso peixe de escama—o pirarucu”.³³⁴

Podemos perceber com isso, que havia, por parte da população, uma valorização dos produtos que vinham da Europa, já que estes gêneros, apontados no jornal, ainda que não fossem, como sendo de primeira necessidade, eram importados de países europeus. Macêdo (2009) mostra que determinados produtos, “constituíam e simbolizavam poder e luxo”, e ressalta que os hábitos alimentares da população foram modificados bastante com o período do Boom da borracha.³³⁵ A parcela da população que consumia os produtos estrangeiros era composta certamente em maior escala, pela elite local, detentora de maior poder aquisitivo, e que, portanto, consumia tais gêneros alimentícios em maiores proporções, como “[...] uma estratégia de diferenciação social, com o objetivo de reforçar a sua posição ocupada na hierarquia social da época”.³³⁶

Essa elite local é apontada por Batista (2009) como a “branca”, que era a parte da população que consumia mais comumente os produtos importados. Já os “índios e negros”, segundo Batista, teriam como principais tipos de alimentos, a farinha de mandioca, o arroz, o peixe de água salgada, o açaí, além da banana, laranja e pimentão”.³³⁷ De acordo com a autora esses “[...] tipos de gêneros constituíam praticamente toda a alimentação de boa parte da população da cidade”.³³⁸ O que permite dizer que “havia distinções nas características da alimentação dos habitantes de Belém pertencentes a grupos sociais diferentes”.³³⁹ Segundo Sarges (2000), os produtos importados, eram:

[...] biscoitos e champanha Franceses, vinagre português, azeitonas portuguesas, vinhos portugueses, franceses e espanhóis, manteiga inglesa, sabão americano e até chá de Pequim e uma série de produtos considerados

³³⁴ Estado do Pará, Belém 8 de agosto de 1914, p. 2.

³³⁵ MACÊDO, Sídiana da Consolação Ferreira de. Daquilo que se come: uma história do abastecimento e da alimentação em Belém (1850-1900). Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia. Belém/Pará, Universidade Federal do Pará, 2009, p. 116.

³³⁶ BATISTA, Luciana Marinho. “As formas de acumulação e a economia da borracha no Grão-Pará, 1840-1870”. In: FIGUEIREDO, Aldrin Moura de & ALVES, Moema Bacelar (orgs.). Tesouros da memória: história e patrimônio no Grão-Pará. Belém: Ministério da Fazenda – Gerência de administração no Pará/Museu de Arte de Belém, 2009, p. 131.

³³⁷ Ibidem.

³³⁸ Ibidem.

³³⁹ Ibidem.

supérfluos numa cidade em que a maior parte da população não podia sequer comprar o peixe da região.³⁴⁰

No entanto, não era apenas a elite local que consumia tais produtos. Conforme sugere Macêdo e “não se deve pensar que o grupo da população consumidora de produtos importados na capital era restrita somente a classe dos que detinham o poder e riqueza [...]”.³⁴¹ Os produtos estrangeiros, mesmo que em menores quantidades, também eram consumidos pelas camadas da população com menor poder aquisitivo. Segundo a autora, as camadas médias e urbanas da população belenense, que eram funcionários públicos e profissionais liberais, também usufruíam dos gêneros importados, que eram considerados importantes. Pode-se dizer que essas pessoas se reconheciam, “como parte de um determinado grupo seleta”.³⁴²

Assim, o embate entre alguns comerciantes e parte da população, parecia sinalizar dificuldades que a população viveria no que dizia respeito às necessidades de produtos, seus valores e, a oferta destes nos mercados da capital paraense. Desse modo, a coluna “A carestia dos gêneros” passou a informar sobre a situação. Afirmava-se, que o aumento do preço de alguns alimentos era, na verdade, apenas a ganância dos donos de estabelecimentos. Por esse motivo providencias foram tomadas por parte do governo do Estado, para garantir o abastecimento, mantendo assim, a abundância dos gêneros no Estado. Algo importante nesta notícia, é que ela contradiz o posicionamento do comerciante que apontou os produtos estrangeiros como sendo de primeira necessidade. Nesta notícia, o articulista aponta que a carne verde, seria mantida entre os gêneros vendidos no comercio com o preço inalterável, já que constituía a “principal de nossa alimentação”.³⁴³

Com isso, o articulista segue dizendo, que “Os próprios altistas de gêneros estrangeiros têm recuado, sendo em geral estes gêneros vendidos hoje ao preço antigo ou com pouco mais...”. A sugestão então, era que a população, não comprasse com estes comerciantes, mas procurasse mercearias que mantivessem os preços antigos. Essa preferência, tinha ainda o mérito de “[...] animar os nossos lavradores e de não deixar sair do Estado o dinheiro com que íamos comprar fora gêneros de inferior qualidade ao que produz a nossa terra”. A notícia finaliza, apontando que em Belém, não faltavam os gêneros de primeira necessidade, no “Ver. o. Peso”, e no Porto do Sal.³⁴⁴

³⁴⁰SARGES, Maria de Nazaré. Op. Cit, p. 160.

³⁴¹MACÊDO, Sidiana da Consolação Ferreira de, 2009. Op. Cit., p. 119.

³⁴²Ibidem.

³⁴³ Estado do Pará, Belém 12 de agosto de 1914, p. 1.

³⁴⁴ Ibidem.

Com relação aos gêneros de primeira necessidade, para a população paraense, Macêdo (2014), aponta que eram estes, “[...] carne verde, farinha, peixe seco ou fresco e outros que chegavam aos portos (Ver-O-Peso, Sal, Doca)”. Sendo, o porto do Pará, “[...]o mais importante e movimentado da Amazônia”. De acordo com a autora pode-se dizer “que o movimento comercial do porto foi um dos responsáveis pelo crescimento que a cidade conheceu, sendo que nele circulavam mercadorias e pessoas de todos os lugares e tipos”.³⁴⁵

A questão da carestia de vida, e do abastecimento prejudicado, dos gêneros, em Belém, se arrastou por todo o período da guerra. Em 1917, o jornal *Estado do Pará*, aponta que, “A guerra na Europa já nos trouxera como consequência a carestia da vida [...]”.³⁴⁶ E desde 1914, podemos perceber, neste mesmo jornal, uma certa tendência a se opor ao aumento dos gêneros. Tem-se até mesmo um tom de denúncia e repulsa aos comerciantes que aumentavam o preço dos produtos, de necessidade básica da população. Foi assim em 1914, quando Ophir de Loyola mostrou sua indignação ao aumento do preço dos gêneros, e a fala de comerciantes que afirmaram que com a guerra, em pouco tempo a população de Belém passaria fome. Da mesma forma, encontramos colunas em 1917, que demonstram a indignação por conta da carestia de vida gerada pelo aumento exagerado dos preços dos produtos. O *Estado do Pará* declarava: “Nota-se, com amargura, que há tendência pronunciada para a alta dos gêneros de primeira necessidade”.³⁴⁷

O artigo intitulado “Carestia”, compreendia que os tempos de guerra, até podiam justificar alguma subida de preços, mas “não o aumento excessivo, sem proporcionalidade alguma [...]”. O articulista da notícia, fala sobre o período que vivia Belém, apontando-o como uma época de sacrifícios que devem ser gerais, “[...] não só para os que adquirem, como também para os que vendem [...]”. Citava o caso dos aluguéis que já diminuía consideravelmente e que os salários dos funcionários tiveram dois abatimentos sucessivos³⁴⁸. Ora, não se pode esquecer que parte desses problemas, conforme já comentado, em outras passagens dessa dissertação, se dava também em decorrência de um outro enfrentado pelas autoridades paraenses, que era a diminuição

³⁴⁵ MACÊDO, Sídiana da Consolação Ferreira de. Do que se come: uma história do abastecimento e da alimentação em Belém, 1850-1900- 1. ed. São Paulo: Alameda, 2014, p.40, 41.

³⁴⁶ Estado do Pará, Belém 8 de fevereiro de 1917, p. 2.

³⁴⁷ Estado do Pará, Belém 11 de fevereiro de 1917, p. 1.

³⁴⁸ Ibidem.

das exportações de borracha, e a conseqüente diminuição dos impostos para os cofres públicos do Pará.

Juntava-se a crise da borracha com a guerra. Nesse sentido, em tom de denúncia, o redator afirmava que a população paraense sofria, “consideravelmente”:

[...] e que o seu sofrimento ameaça duplicar, se os interessados na mercancia daqueles generos, sem os quaes ninguem vive, não comprehenderem quanto lhes fica mal, na hora que decorre, lançar ao desepero da fome milhares e milhares de pessôas.³⁴⁹

Assim, o periodista queria demonstrar aos seus leitores que a carestia, dos alimentos de primeira necessidade, não era gerada, unicamente por conta da guerra, como abordou um comerciante no jornal *Estado do Pará*, em 1914. Pelo contrário, o fator maior, causador dessa subida de preços, era justamente a ganância destes mesmos comerciantes, que aumentavam exageradamente o valor das mercadorias, quando não se tinha razão para isso. Com isso, podemos notar um certo proveito por parte dos comerciantes, justificando este aumento por conta da guerra, identificando assim, mais um reflexo desta guerra, agora nas ações dos comerciantes da cidade de Belém.

Um exemplo disso é a “carne verde”, que segundo Macêdo (2014), configurava um importante elemento para a composição do quadro alimentar de Belém. Era, portanto, “[...] um dos mais importantes e necessários itens à capital, já que ela estava entre os gêneros de primeira precisão”.³⁵⁰ Desse modo, a autora aponta que, em épocas de crise, aumentava-se a procura de carne, e por conta disso, “[...] ocorriam os inúmeros contratos para que fosse o mercado abastecido de tal produto e que os preços não fossem tão abusivos”.³⁵¹ De fato, já em 1913, antes da I Guerra, mas em um período em que a crise da borracha já estava em evidência, encontramos notícias de que moradores da cidade iam à ruas, protestar contra o aumento do preço da carne, como por exemplo, a intitulada “Meeting de protesto contra a elevação do preço da carne – Falam diversos oradores – Na residencia do coronel Marcos Nunes [...]”, que diz o seguinte; “O povo [...] hontem, á tarde, junto ao monumento da Republica, lançou o seu protesto formal contra a elevação da carne verde para 1\$300”.³⁵² Dizia ainda, o jornal, que “Um dia vendem o kilogramma

³⁴⁹ Ibidem.

³⁵⁰ MACÊDO, Sidiana da Consolação Ferreira de. Op. Cit., 2014, p.57.

³⁵¹ Ibidem, p.63.

³⁵² Estado do Pará, Belém 13 de janeiro de 1913, p. 1.

a 1\$000 e noutra a 1\$300 réis, de modo que vivemos todos em sobressaltos, prevendo que, num bello dia, os marchantes³⁵³ a elevem para 1\$500 ou a 2\$500 réis”.³⁵⁴

Sendo que em 1917, a pauta sobre o aumento da carne verde continua a ser discutida no jornal *Estado do Pará*, quando, mostra que em fevereiro, é dito que “De hoje em diante, segundo nos diz uma comissão de marchantes, vae ser elevado de 1\$00 para 1\$300 o preço da carne verde”. O que gerou revolta, e como dizia o articulista, “[...] somos forçados a discordar de semelhante medida, que vem crear maiores difficuldades de vida para as classes menos favorecidas”.³⁵⁵ Consoante Macêdo (2014), a carne verde era um dos gêneros de primeira necessidade e que abastecia grande parcela da população. De fato, o próprio *Estado do Pará*, declarava:

A carne verde, que em outros logares onde o gado rareia constitue o alimento accessivel aos lares mais abastados, em Belém, por circunstancias varias, tornou-se o gênero preferido das classes pobres, dos que não podem alimentar-se de pescado ou de mariscos, cuja aquisição, além de difficil, é relativamente cara, sobretudo na estação invernosa.³⁵⁶

Assim, o jornal não deixava de mencionar sua repulsa à essa atitude, por parte dos marchantes, que aumentavam exageradamente, o preço de um produto essencial para a alimentação da população belenense, cuja aquisição nos chamados períodos de inverno, na região quando havia mais chuvas, tornava o produto mais caro. Posicionando-se contrário a alta dos preços o redator afirmava em fevereiro de 1917, período em que os índices pluviométricos tradicionalmente são grandes no Pará:

É de lastimar, por isso, a resolução dos nossos marchantes no tocante à brusca elevação de quase 30% do preço da carne em cada kilogramma, sobretudo quando a prudencia, a par de um pouco mais de interesse pela causa publica, aconselharia a adopção de medida menos rigorosa e mais consentanea com a crise que nos assoberba.³⁵⁷

Já em 1918, último ano de guerra, a questão da carestia de vida em Belém, fica bem evidente, em uma notícia intitulada justamente “A Carestia de Vida”. Na mesma é abordada a situação da população de baixa renda, que vivia em Belém, uma vez que se mencionava que “Dia a dia a vida se vae se tornando mais difícil, para quem tem como

³⁵³ Sidiana Macêdo, aponta que, Em Belém, até a carne chegar à mesa dos consumidores, ela passava por algumas etapas. Primeiramente, após o desembarque, o gado era levado para ser abatido geralmente no curro público. Alguns senhores negociantes da capital tinham o monopólio deste carregamento e eram os chamados marchantes. MACÊDO, Sidiana da Consolação Ferreira de. Op. Cit., 2014, p. 63.

³⁵⁴ Estado do Pará, Belém 8 de março de 1913, p. 1.

³⁵⁵ Estado do Pará, Belém 17 de fevereiro de 1917, p. 1.

³⁵⁶ Ibidem.

³⁵⁷ Ibidem.

único meio de subsistência o pão de cada dia”. Mais uma vez, associa-se as dificuldades decorrentes do aumento de preços à “conflagração europeia”. A notícia diz que a situação “[...] ainda mais se agrava devido a ganância dos açambarcadores sem escrúpulos”.³⁵⁸

Práticas semelhantes às que foram tomadas pelos comerciantes, no início do conflito, não foram incomuns no comércio da capital paraense, até o último ano da Guerra, que também foi o ano da “Gripe Espanhola”, que se alastrou na cidade de Belém. Os comerciantes valendo-se do medo da doença aumentavam o preço de medicamentos e até mesmo de produtos como o limão, muito consumido como lenitivo naquele contexto. De acordo com Maria José Martins, na pandemia da gripe, além de outros problemas, em Belém “ocorreu o aumento de preço dos remédios, o que contribuía para agravar o medo da epidemia. O grande número de doentes concorreu para especulação comercial”. Ainda segundo Martins, o “mesmo se deu com preço do limão, muito utilizado no combate a gripe, indicado por médicos e populares em diversas receitas veiculadas nos periódicos de então. Foi o produto que mais inflacionou neste período”.³⁵⁹

A alimentação e o consumo de variados produtos alimentícios no contexto da I Grande Guerra tornaram-se um problema importante, também na capital paraense e que permeava a vida de seus moradores. Isso deve-se ao fato de que, conforme destacou Macêdo “[...] a alimentação não é apenas algo restrito à necessidade física, mas o reconhecimento de que é um ato de socialização entre os diversos segmentos e setores da sociedade, reafirmando hierarquias sociais ou não (...)”.³⁶⁰ Para além alimentação e do medo da fome e da carestia dos produtos a guerra refletiu-se também por meio de práticas urbanas de diversão a exemplo do cinema que veremos a seguir.

3.3. A guerra nos cinemas de Belém

Carneiro (2011), ao analisar o cinema no Pará, considera que “a cidade de Belém, no início da década de 1920, amargava uma crise que se arrastava desde a década anterior”.³⁶¹ O que gerou problemas econômicos, desempregos, problemas de urbanização e saneamento. E assim, a população da cidade, que era diversa, e ao mesmo tempo frequentadora das salas de cinema, convivia com esses problemas estruturais, que

³⁵⁸ Estado do Pará, Belém 31 de janeiro de 1918, p. 3.

³⁵⁹ MARTINS, Maria José Moraes. A Gripe Espanhola em Belém, 1918: Cidade, cotidiano e medicina. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História. Belém/Pará, Universidade Federal do Pará, 2016, p.82.

³⁶⁰ MACÊDO, Sidiana da Consolação Ferreira de, 2014. Op. Cit, p. 15,16.

³⁶¹ CARNEIRO, Eva Dayna Felix. Belém entre filmes e fitas: a experiência do cinema, do cotidiano das salas às representações sociais nos anos de 1920. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Belém, 2011, p.21.

muitas vezes, implicavam diretamente na ida aos cinemas, seja por falta de dinheiro, em decorrência do desemprego, ou até mesmo por alagamentos causados pelas chuvas, que impediam a população de transitar pela cidade³⁶².

Com relação aos frequentadores das salas, a autora aborda que, havia uma diversidade de salas e frequentadores, o que era refletido nas propagandas dos jornais. Em Belém os cinemas estavam localizados, em sua maioria, nas áreas centrais da cidade, mas na década de 1930, foram inaugurados dois, intitulados cine Fuzaca, e Cine Royal, o primeiro, nas proximidades de São Braz, nos arrabaldes da cidade, e o segundo localizado no bairro do Reduto, que era considerado um bairro operário. Os espaços eram então diferenciados e divulgados como diferentes, enquanto uns esbanjam luxos, outros eram apontados como mais populares. Assim, segundo Carneiro, “Para além da questão espacial, existiam também relações de apadrinhamento, amizades e afetos que poderiam interferir no ingresso a determinadas salas”. Por isso, “o fato de o cinema Olympia ser considerado um cinema elitizado, [...] não significava que fosse proibido o ingresso de pessoas de outros grupos sociais naquele estabelecimento”.³⁶³

A crise da borracha, contudo, parece não ter afetado “o crescimento das salas de projeções e da quantidade de filmes que eram exibidos [...]”.³⁶⁴ Conforme Coelho Neto (2015), “de dezembro de 1896 até o fim da primeira guerra mundial foram criadas várias salas de exibição de filmes” na capital paraense.³⁶⁵ De acordo com o autor, “o público que frequentava as salas, de projeção nas primeiras décadas do século XX era formado por inúmeros rostos e histórias individuais distintas”. Por isso, “tanto as donzelas da alta sociedade, quanto prostitutas e coronéis, poderiam sentar-se lado a lado naqueles espaços”. O fato é que, cada um, dos diversos sujeitos, atribuía significados diferentes ao que assistia, o que conseqüentemente, repercutia de maneiras diferentes na vida de cada um. Consoante Coelho Neto “[...] o cinema colaborou para a construção de novas formas de se perceber o papel social das mulheres, homens, família, entre outros”.³⁶⁶

³⁶² Eva Carneiro aponta que é inegável a importância da queda da economia gomífera para a formação de um quadro caótico na capital, mas, mostra também que outros fatores tiveram contribuição para esse cenário de crise, como por exemplo, o processo de remodelamento da urbe nos áureos dias da borracha, que causou diversos problemas tais como; o surgimento de pântanos, que contribuíram para a proliferação de diversas doenças e também de ratos, que contribuíam mais ainda para a insalubridade da cidade. CARNEIRO, Eva Dayna Felix. Op. Cit. p.26.

³⁶³ Ibidem, p.40.

³⁶⁴ COELHO NETO, Francisco da Silva. Entre fitas e palcos: Um panorama do cinema belenense (1917-1920). XXVIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis 2015, p. 2.

³⁶⁵ Ibidem, p.3.

³⁶⁶ Ibidem, p. 5.

Nesse contexto identificamos nos jornais anúncios de filmes exibidos em Belém. O cinema “aparece como um importante instrumento de veiculação de informações sobre a guerra seja através de cinejornais ou de filmes produzidos exclusivamente com o viés de propaganda para a primeira guerra mundial [...]”.³⁶⁷

De fato, desde 1914, é possível encontrar nos jornais de Belém, propagandas de filmes e documentários que retratavam os acontecimentos europeus, que envolviam a Primeira Guerra Mundial. No dia 1 de outubro, apareceu a propaganda de um filme, intitulado “No Paiz da Morte”, tanto na coluna do jornal *Folha do Norte*, intitulada *Fitas e Palcos*, quanto na coluna do jornal *Estado do Pará*, intitulada *Theatros e Cinemas*. Essas colunas eram responsáveis por divulgar os filmes, cinejornais, curtas, etc., que eram veiculados nos cinemas de Belém. Assim, os leitores da *Folha do Norte*, recebiam a divulgação: “segunda e última exibição do ultra-sensacional drama em quatro partes “No paiz da morte”, série de Yvette Andreyor – Episódio da guerra balcânica”, apontado como um grande sucesso.³⁶⁸ Já, o *Estado do Pará*, abordava que o filme seria reprisado pela segunda e última vez, devido ao grande sucesso na sua estreia. Ainda segundo o jornal, por conta do sucesso do filme;

No paiz da morte, que fez parte da série especial da grande artista parisiense Yvette Andreyor, a empresa resolveu passal-o, hoje, em segunda e última exibição, de modo a satisfazer, ainda, varios pedidos que, nesse sentido, lhe têm sido feitos. Repetir-se á, portanto, o merecido triumpho desta bella e ultrasensacional peça dramatica, cuja ação se desenvolve nos campos de batalha da recente guerra dos Balkans, através de um sentimental romance de amor, cheio de lances heroicos e arrojados, de dedicação e sacrificio.³⁶⁹

Com isso, vemos que os filmes que retratavam a guerra, não necessariamente eram documentários ou propagandas dela. Mas peças de caráter ficcional romanceadas, como é possível ver na notícia, cujo filme abordava um romance, que se passava nos campos de batalha da então guerra balcânica, que precedeu a Primeira Guerra Mundial. Ou seja, por ter um cunho romântico, a esse filme, certamente, foram dados significados diferentes, pelo público heterogêneo que o assistia. Afinal, como também abordava o jornal, o filme trazia romance, lances heroicos e arrojados, além de dedicação e sacrifício. Os filmes, nesse caso, possivelmente poderiam influenciar de alguma maneira, as pessoas que os assistiam. Esse é mais um dos reflexos causados pela Guerra na cidade de Belém, assim como a questão do abastecimento, já mencionada.

³⁶⁷ Ibidem, p.2.

³⁶⁸ *Folha do Norte*. Belém, 01 de outubro de 1914, p.2.

³⁶⁹ *Estado do Pará*. Belém, 01 de outubro de 1914, p. 4.

Ainda segundo Coelho Neto “[...] o início de 1915 é marcado pela proliferação nos cinemas de Belém de vários cinejornais com o foco na primeira guerra mundial”. Assim, “o cinejornal teve papel fundamental na transmissão de imagens sobre o conflito e no seu uso para influenciar o público”.³⁷⁰ De fato em janeiro de 1915, encontramos no jornal *Estado do Pará*, propagandas em quadros com letras chamativas, possivelmente com o intuito de chamar a atenção do público, que estampava a temática do filme, que era a conflagração europeia.



FIGURA 21 - Propaganda de filmes exibidos no cinema Odeon. *Estado do Pará*. Belém, 17 de janeiro de 1915, p.4.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil.

Sobre o filme, declarava o jornal, que seriam “[...] mimoseados os frequentadores do Odeon com dois belos *films* de grande valor”. Um deles, era exatamente o que se intitulava “A conflagração européa”, que segundo a descrição, revelava para o expectador “a vida movimentada, o entusiasmo do povo francez” ao mesmo tempo que mostrava “a partida dos regimentos por entre as aclamações delirantes desse povo heroico e grandioso”. Além disso, a nota mostra ainda que, na sessão, seria mostrada, a movimentação austríaca na fronteira Sérvia, e o ataque a Belgrado, que seriam revelados com a fiel presteza do cinema”.³⁷¹

³⁷⁰ COELHO NETO. Op. Cit. p.7.

³⁷¹ Estado do Pará. Belém, 17 de janeiro de 1915, p.5.

Com isso, pode-se perceber, que as informações sobre os confrontos na Europa, não vinham apenas através de jornais ou revistas. O cinema, nesse sentido, tornava-se também um importante veiculador de notícias sobre a guerra, e mais do que isso, apresentava o conflito, possivelmente causando emoções e sentimentos diferenciados em quem o assistia. Além do que, cada filme possuía um país de origem diferente, este acima apresentado, era de origem francesa, e como aponta o jornal, mostraria a vida movimentada do heroico e grandioso povo francês, provavelmente com o intuito de alimentar a simpatia do público com a França. É como mostra Coelho Neto (2015), “as produtoras francesas *Pathé Freres* procuravam exaltar o patriotismo e o heroísmo dos países aliados, a produtora alemã procurava demonstrar a força do império [...]”.³⁷²

O tema da guerra fazia-se de fato presente nos cinemas de Belém. Segundo Eva Carneiro, os cinejornais eram filmes periódicos, geralmente semanais, com a focalização de assuntos de grande repercussão na imprensa³⁷³. O cinema, como nos permite inferir, o jornal *Estado do Pará*, era utilizado também, como uma forma de distração e divertimento para as pessoas, em épocas de crise, como bem aborda uma propaganda de 1915, que diz o seguinte:

O genero comico é também para apreciar agora que as tristezas são grandes. A Velha Europa degladia-se ferozmente, o Brasil, debate-se numa crise angustiosa que as consequencias da guerra mais salientam ainda e o Pará soffre todas estas consequencias que o exhaurem e debilitam, esperançado, contudo, no futuro ridente que, decerto, se não fará esperar. Para esquecer os inconvenientes apontados um fino e delicioso vaudeville será projectado no écran do Odeon, sob o titulo ultra comico e não menos ultra sensacional de – “Empresta-me tua mulher” [...]”³⁷⁴

Com isso, entende-se que a guerra era pauta presente na cidade, pois ainda que não estivesse sendo veiculada no cinema, dela se falava, por meio de propaganda de filme, considerado cômico pelo escritor da propaganda, e provavelmente para os telespectadores que assistiriam, que falava sobre o gênero cômico do cinema, que servia para trazer distração às pessoas, que atravessavam aqueles momentos de crise.

As sessões abordavam a vida cotidiana e apresentavam ao público, como era viver a guerra. No ano de 1916, por exemplo, é possível encontrar propaganda de filmes e documentários que retratavam, inclusive, as trincheiras.

³⁷² COELHO NETO. Op. Cit. p.7.

³⁷³ CARNEIRO, Eva Dayna Felix. Op. Cit. p. 30,31.

³⁷⁴ Estado do Pará. Belém, 27 de setembro de 1915, p.4.



Figura 22 - Propaganda de documentários a serem exibidos no cinema Odeon. *Estado do Pará*. Belém, 13 de janeiro de 1916, p.2.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil.

O cine Olympia lembrava ao público que “Os horrores da Guerra prosseguem seu curso na atroz carnificina que a vem caracterizando desde o seu início como testemunho degradante do egoísmo humano”, então “[...] no propósito de bem informar os seus espectadores do que vae pelos arraiais em guerra, mostra-nos hoje uma dessas páginas de verdade e de angústia que confrangem os corações sensíveis”. O filme que foi exibido por esse cinema, era intitulado “A Guerra Austro-Servia”, e segundo a descrição, era um “*Film* panorâmico e documentário dessa guerra que deu origem a grande guerra, demonstra-nos as várias características dos povos em lucta, na qual se salienta de parte a parte o acendrado amor pátrio”.³⁷⁵ Ou seja, era como se a sociedade, de alguma maneira, vivenciasse aquele conflito pelos cinemas, assim como acontecia nos jornais. No entanto, nos cinemas, presenciando as imagens, talvez sentissem como uma realidade mais próxima. Segundo o *Estado do Pará*, “nos quadros que se succedem numa eloquencia macabra e tetrica aprenderemos a julgar os homens e as cousas da actualidade com a côr propria da realidade”³⁷⁶. Assim, por essas exhibições o expectador do cinema em Belém do Pará, entrou em contato com a difícil realidade da guerra.

³⁷⁵ Estado do Pará. Belém, 13 de janeiro de 1916, p.4.

³⁷⁶ Ibidem.

Em 1917, houve inclusive, no cine Olympia, um evento com palestra e documentação cinematográfica. A notícia, estampada na primeira página do *Estado do Pará*, informava aos leitores que o Dr. E. S. Davila, que recentemente havia chegado a Belém, faria “[...] às 5 horas da tarde, no salão de exposições do cinema Olympia, uma conferência sobre assumptos da actual guerra, relativos ao serviço sanitário na frente e nos hospitais de guerra[...]”. Visando tal objetivo, foram apresentados, na ocasião, copiosa documentação fotográfica dos fatos narrados. Possivelmente exagerando, o periódico queria fazer crer aos seus leitores que esta seria “[...] a primeira vez que, sobre tão palpitante assumpto, se diz alguma coisa em público, no Pará, apoiada pela irrefutabilidade da prova cinematográfica [...]”. Por isso, esperava-se que fosse “[...] grande a affluencia publica, não obstante a distribuição de convites pelo sr. consul francez, para que não seja excedida a lotação da sala”.³⁷⁷

Os filmes reproduzidos nos cinemas de Belém, vinham de vários países. Não se deve pensar que vinham apenas da França e Alemanha. Em 1917, Portugal, assim como o Brasil, entra na guerra, com isso passou a recrutar homens portugueses para a formação do exército a ser enviado aos campos de batalha. Isso, se transformou em um filme oficial do governo português, e adentrou as telas de cinema, tanto de Lisboa quanto de outros países, chegou ao Brasil, primeiro no Rio de Janeiro, provavelmente depois em outras capitais, como por exemplo Belém. O filme, intitulado “Portugal na Guerra”, é assim descrito:

[...] trabalho estupendo em 8 partes, contendo entre os muitos quadros de sensação a memorável parada dos primeiros 20.000 soldados portugueses que foram combater em França [...], foi ainda segundo o jornal, “[...] tanto em Lisboa, onde foi exhibido durante quinze dias seguidos no Colyseu dos Recreios como no Rio de Janeiro, alcançou um sucesso extraordinário arrancando sempre os mais entusiasticos aplausos da assistência.”³⁷⁸

O cinema, dessa forma, foi um importante meio de comunicação e propaganda durante a guerra. “Na primeira metade do século XX, em termos mundiais, vários governos utilizaram os meios de comunicação, a educação e a produção cultural como instrumentos de propaganda para difundir a ideologia[...]” da guerra, e assim, “[...] conquistar o apoio das massas ao poder instaurado e justificar o envolvimento do Conflito”.³⁷⁹ Assim, “foi [...] a partir da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) que os

³⁷⁷ Estado do Pará. Belém, 12 de fevereiro de 1917, p.1.

³⁷⁸ Estado do Pará. Belém, 4 de agosto de 1917, p.5.

³⁷⁹ ALMEIDA, Ana Paula. O cinema português durante a Primeira Guerra Mundial. II Encontro Cinema e Território: Um lugar de poder. Universidade da Madeira, Funchal, 2014, p. 36. Disponível em: <https://ct->

líderes políticos descobriram a grande influência que este meio de comunicação exercia sobre as massas [...]”³⁸⁰

Desse modo, percebe-se que nesse contexto da I Guerra, o cinema ganha importância. Isso se deve ao fato de que este seria um meio de comunicação pelo qual, de forma mais contundente, o espectador tomava contato com a força de cenários da guerra. Nesse sentido, podemos dizer que distante do *front*, os frequentadores e frequentadoras dos cinemas da capital paraense, talvez assistiram extasiados a guerra diante de seus olhos. Temos aí algo que comporá as memórias sobre todas as guerras que se seguiram após esse conflito, a presença da imagem cinematográfica.

3.4 Festas em tempo de guerra: As comemorações na cidade de Belém, durante a I Guerra Mundial.

Neste último tópico, abordaremos algumas festas que ocorreram, na cidade de Belém, no período pesquisado (1914-1918). Percebemos que festejos, como o Ano Novo, o Carnaval, o Círio de Nazaré e o Natal e, não deixaram de ser comemorados por conta da Guerra. Pode-se perguntar por que deixariam, se o conflito aconteceu na Europa? É exatamente o que buscamos nessa dissertação, os reflexos desta conflagração na capital paraense, conforme vimos até aqui. Se a I Guerra pôde ser vista nos cinemas da cidade de Belém, influenciando certamente aqueles que assistiam tais películas, no caso de diversões, este conflito, ainda que de forma sutil, aparecia em algumas notícias relacionadas aos festejos da cidade. De fato, tomando como referência os jornais pesquisados observamos as festas continuaram acontecendo no período da I Guerra, como mostram as notícias dos jornais.

CÍRIO DE NAZARÉ

Começamos então, com o Círio³⁸¹, já que a guerra teve início em julho de 1914, ou seja, a próxima festa que aconteceria em Belém, era a destinada à “Nossa Senhora de

journal.uma.pt/wp-content/uploads/2016/04/4-ANA-PAULA-ALMEIDA-34-40.pdf. Acesso em: 27/04/2021, às 15h 31.

³⁸⁰ Ibidem.

³⁸¹ O Círio de Nazaré, é uma importante manifestação religiosa, para grande parte do povo Paraense, por isso, “Todos os anos, a partir do segundo domingo de outubro, realiza-se a Festa do Círio de Nazaré, [...] um “complexo ritual”, pois reúne não só várias procissões, mas completa-se com o arraial (originalmente uma grande feira) e o almoço do Círio”. É, “[...] uma festividade em louvor a Nossa Senhora de Nazaré, de evidente origem portuguesa, está, no entanto, impregnada dos significados e das formas particularmente expressivas do mundo paraense e amazônico. ALVES, Isidoro. A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré. Estudos Avançados 19 (54), 2005, p.315, 316.

Nazareth”³⁸². Sendo essa procissão religiosa de grande devoção – para muitos paraenses, tanto da capital como do interior do estado do Pará, não é descabido imaginarmos que os medos da guerra tenham estado presentes nas orações à Virgem de Nazareth.

Em 1914, o *Estado do Pará*, deixou claro, que apesar da crise que assolava Belém, o Círio aconteceria. E por crise, podemos entender, tanto os problemas do comércio da borracha, como os momentos de crise causados pela guerra, seja na questão psicológica³⁸³, ou de abastecimento. Então em notícia do *Estado do Pará*, de outubro de 1914, temos o seguinte:

Festa de Nazareth – A grandiosa romaria de amanhã. Inicia-se amanhã, com pompa e ruído de todos os annos, a tradicional festividade em honra da Virgem de Nazareth. Apesar da immensa crise que atravessamos, a cidade está em movimento constante[...].³⁸⁴

E isso, foi abordado, em todos os anos do período da guerra, que a festa religiosa, seria realizada com a grande pompa de todos os anos. O Círio, como conhecemos hoje, continua sendo uma grande festa religiosa que é seguida do tradicional arraial, que fica ao lado da Basílica de Nazaré, onde temos a presença de alguns brinquedos que geram a diversão dos frequentadores. Ao analisar as notícias que abordavam o Círio, no contexto da I Guerra, vemos que também era um importante e, grandioso evento que acontecia na cidade. Era acompanhado de muitas diversões, incluindo o cinema, que transmitia filmes sobre o Círio, e o teatro, que era responsável por divertidas peças para a população, inclusive, com a presença de acrobatas. Belém ficava totalmente movimentada, com pessoas de vários lugares, como por exemplo artistas, que vinham se apresentar, como veremos a seguir.

Notícias variadas de comerciantes anunciando seus produtos, para que a população pudesse aproveitar a festa com pompa e boas vestimentas, eram constantes. Assim um anúncio de cervejas de outubro de 1915, veiculado no jornal *Estado do Pará*, recomendava, “aos proprietários de botequins no arraial da Festa de Nazareth que se

³⁸² “A expressão Círio de Nazaré pode ser tomada em sentido amplo, para encompassar todo um conjunto de eventos e celebrações que constituem a Festa de Nazaré, que começa bem antes do cortejo principal, no segundo domingo de outubro, e se prolonga por vários dias após essa celebração. Nela estão presentes todos os elementos fundamentais de uma identidade regional amazônica, mas é no cortejo principal, que congrega uma multidão, ultimamente (e talvez exageradamente), estimada em torno de dois milhões de pessoas, que esses elementos se condensam e aparecem de forma muito evidente”. PANTOJA, Vanda. MAUÉS, Raymundo Herald. O Círio de Nazaré na Constituição e Expressão de uma Identidade Regional Amazônica. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, N. 24, P. 57-68, JUL./DEZ. DE 2008, p. 61.

³⁸³ Não temos notícias específicas relacionadas aos anseios e temores da população, exceto as relacionadas ao medo da fome, da qual já falamos. Contudo, em tempos de crise como aquela ocasionada pelos problemas econômicos com a borracha, além da I Guerra podemos supor que tenha havido algum tipo de abalo emocional por parte de alguns moradores da cidade.

³⁸⁴ Estado do Pará. Belém, 10 de outubro de 1914, p.4.

forneçam com grande quantidade de cerveja das afamadas marcas Antarctica e Hamburguesa – As melhores de todas”.³⁸⁵

Em 1916, quando ainda não se esperava o fim do conflito mundial, muitos saíram às ruas da capital paraense em mais um Círio dos tempos de guerra, caminhando da Igreja da Sé à Igreja de Nazareth, em outubro. Assim, com orgulho o articulista do *Estado do Pará* afirmava:

A festa de Nazareth, aliás, já transpôs os limites d’este Estado e é conhecida, pela inenarrável manifestação de crença popular que evoca e manifesta, não só no Brasil, como também na Europa, principalmente no paiz irmão, Portugal. Com a festa da Penha, do Rio e a do Senhor do Bomfim. Da Bahia, a de N. S. de Nazareth, do Pará, forma a maior trilogia das festas religiosas populares do Brasil.³⁸⁶

Do mesmo modo, ainda em 1916, o jornal *Estado do Pará*, deixa claro, sua estrita posição, de que essa grande festa religiosa, apesar da guerra, que se desenrolava na Europa, não deixaria de acontecer, na cidade de Belém. E que isso, de certa forma, acabou movimentando ainda mais o Círio, uma vez que, segundo o periódico, artistas de outras parte do mundo em guerra acabaram por se apresentar no arraial de Nazareth. Conforme o articulista muitos desses artistas, que animavam tanto a cidade de Belém, haviam se retirado do continente europeu, por conta da guerra. Dessa forma o jornal descrevia essas apresentações de artistas no arraial de Nazareth como consequência da conflagração mundial: “A guerra, escorraçou de muito longe essa arte ligeira, galante e expedita, que diverte em minutos e sucessivamente renova, nos teatrinhos da grande feira, há ávida curiosidade da mesma multidão”³⁸⁷.

O periódico reforçava dessa forma, a presença de artistas variados na capital paraense, exibindo seus números “no velho arraial”. Com referências a elementos da cultura regional que faziam sentido para o leitor paraense afirmava: “O que temos ahi (...) não é mais uma enchente: é uma piracema de artistas de todo feitio e para todos os paladares”. Ainda segundo registrou o jornal, naquele 1916, em função da própria guerra, podia-se ver circulando pelo largo de Nazareth intérpretes de várias artes populares e circenses “[...] de toda parte, falando quasi todas as linguas, requebrando-se em todas as danças, exhibindo-se em todas as “pulutricas””. Então, o *Estado do Pará* lista a presença: “dos dançarinos, dos excentricos, dos ventrilocos, dos cançonetistas, dos revisteiros, é considerável e edificante”.

³⁸⁵ Estado do Pará. Belém, 2 de outubro de 1915, p.2.

³⁸⁶ Estado do Pará. Belém, 5 de outubro de 1916, p.4.

³⁸⁷ Estado do Pará. Belém, 8 de outubro de 1916, p.1.

Segundo escreveu o articulista, “não há memória de ter afluído tanta perna, tanta garganta, tanto cômico, tanto mágico, tanto imitador, em nenhum tempo à festa nazarena”.³⁸⁸

Essa efervescência de artistas, a fazerem suas apresentações no “arraial de Nazareth”, nos apontam um outro reflexo da conflagração mundial, que nos parece pouco estudado, que é o da circulação de pessoas nesse contexto de guerra. Ora, quem diria que em um tempo em que os meios de transporte para se chegar ao Pará se limitavam aos vapores, em um tempo em que havia o temor do afundamento de navios, tantos artistas itinerantes, com seus espetáculos, chegassem à capital paraense. Provavelmente, encantaram seus expectadores quando Belém sofria com a derrocada de parte do comércio da borracha amazônica. Isso nos sugere que se de um lado a I Guerra limitou as viagens levando, por exemplo, até mesmo à falta de produtos, de outro lado, a busca de sobrevivência de muitos artistas os levou a se aventurarem em outras plagas, Belém, foi um desses espaços.

O mesmo aconteceu em 1917, as comemorações não deixaram de ocorrer. Como vemos, em notícia, que divulga os preparativos da grande festa, e que diz; “Desde hontem que estão expostos numa das vitrinas da Formosa Paraense, à rua Conselheiro João Alfredo, os vestuários dos anjos que irão incorporar-se ao Círio da gloriosa N. S. de Nazareth”. Assim como, teria também, no sábado, à noite, “a importante romaria da trasladação”.³⁸⁹ E do mesmo modo, a cidade encontrava-se enfeitada, como mostra a notícia: “A praça Justo Chermont, transformada em arraial, recebeu artística decoração de bandeiras e escudos e vistosa iluminação de milhares de lâmpadas multicores, destacando-se o arco à entrada da praça, o pavilhão de Vesta e a fachada da igreja”.³⁹⁰

E finalmente em 1918, último ano de guerra, que coincide com o aparecimento da pandemia de gripe espanhola, notamos, nos jornais, que mesmo com a crise da borracha, a guerra, e a gripe, o Círio não deixou de ser comemorado em Belém. *O Estado do Pará*, aponta que a cada ano, a festa religiosa ia aumentando, em uma crescente demonstração de fé. E assim, neste ano, cerca de 50 mil pessoas renderam “[...] culto à gloriosa Virgem de Nazareth”.³⁹¹

³⁸⁸ Estado do Pará. Belém, 8 de outubro de 1916, p.1.

³⁸⁹ Estado do Pará. Belém, 10 de outubro de 1917, p.1.

³⁹⁰ Estado do Pará. Belém, 12 de outubro de 1917, p.1.

³⁹¹ Estado do Pará. Belém, 14 de outubro de 1918, p.1.

Em outubro de 1918, os festejos da quadra nazarena na capital paraense que envolviam a procissão o arraial, teatros e cinemas, não deixaram de ocorrer. No entanto, Abreu Jr, em sua tese de doutorado sobre a gripe espanhola, aponta que “(...) tudo transcorria dentro de uma certa normalidade”. Porém, “as muito frequentadas barracas do arraial, pontos de venda de bebida e comidas típicas, começaram a fechar por falta de pessoal, para ali trabalhar, pois muitos começaram a adoecer”.³⁹²

FESTAS DE FIM DE ANO – Natal e Ano Novo

E do mesmo modo aconteceu com as festas de fim de ano, que foram realizadas, apesar das crises. Vale lembrar, que em 1914, ano de eclosão do conflito, a ideia que era propagada, era a de que a guerra não duraria até o Natal daquele ano. Contudo, naquele período, de dezembro, o conflito, esteve em evidência, nos jornais, ainda que não em notícias que retratassem as festas e o conflito. A temática da guerra envolvendo o Natal, aparece, no entanto, em notas telegráficas do Rio de Janeiro, que foram telegrafadas de Londres, mostrando como estava a situação na Europa. Com isso, o público leitor belenense, de alguma maneira, pode ter relacionado a guerra aos festejos de Natal, e Ano Novo. A notícia dizia; “As festas do Natal deram azo a discussões em favor da paz; mas o que parece persistir imutável é a idéia de manter a guerra”.³⁹³

No ano de 1915, as festas de fim de ano também foram mais festejadas, graças ao tricentenário da cidade. Ao que apontava o *Estado do Pará*, suas comemorações iniciaram-se justamente no dia 24 de dezembro, véspera de Natal. O jornal dizia; “Pelo que temos visto, pelo que temos ouvido, pelo que temos compreendido, todas as classes se empenham em contribuir para o brilho máximo d’essa gloriosa comemoração [...]”.³⁹⁴ Ou seja, o que a notícia nos permite imaginar, é que, naquele momento, era como se as crises, em que vivia a cidade, seja por conta da borracha, ou pela guerra, tivessem sido deixadas de lado, ou até mesmo esquecidas, com a animação com que as pessoas se organizavam para os eventos de fins daquele ano e dos trezentos anos da cidade de Belém.

Tomando como parâmetro as impressões do *Estado do Pará*, parece-nos que a cidade de Belém se encontrava bastante movimentada, pela circulação de pessoas animadas com a decoração e iluminação dos “[...] prédios situados nas ruas por onde tem de passar a romaria da trasladação do cruzeiro, na noite de 24, e o grande curso a 31 [...]”.

³⁹² DE CASTRO ABREU JR, José Maria. O vírus e a cidade: Rastros da gripe espanhola no cotidiano da cidade de Belém (1918). Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em História (PPGH), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018, p. 107.

³⁹³ Estado do Pará. Belém, 31 de dezembro de 1914, p.2.

³⁹⁴ Estado do Pará. Belém, 22 de dezembro de 1915, p.1.

O bairro comercial apresentava um aspecto verdadeiramente deslumbrante, segundo o periódico.³⁹⁵

E era assim descrito, o aspecto da cidade, em notícia do dia 25 de dezembro de 1915:

É sobremodo deslumbrante o aspecto da cidade, especialmente à noite, quando da fachada dos predios milhares de projectores derramam nas ruas a luz viva da iluminação electrica.

A praça da Republica, de onde partiu hontem a grandiosa romaria do Cruzeiro, oferecia uma perspectiva impressionante bella, toda iluminada em grande trecho, por onde o povo passeava contente e despreocupado, a gosar as delicias da noite.

Innumeras casas particulares, estabelecimentos commerciaes, bancos e associações embandeiraram e illuminaram suas fachadas, em signal de jubilo.³⁹⁶

Em 1916, já no terceiro ano consecutivo de guerra, e consequentemente, o terceiro natal comemorado, apesar da guerra, o *Estado do Pará*, ao falar sobre a realização do Natal, dizia que a data se aproximava, e que era o dia que todo o universo celebrava o nascimento de Cristo. Por isso, até mesmo nas trincheiras e nos *fronts*, este dia não foi esquecido, mesmo com as incertezas e “[...] agruras do instante que atravessam os paizes em lucha”. Expressa-se por essa afirmação uma conexão da guerra com a festa cristã do Natal. Assim, pudemos evidenciar que para o articulista, os sentidos do Natal não eram esquecidos nem mesmo com as dores do conflito.

Sendo assim, o jornal afirmava que, em Belém a quadra natalina teria “o mesmo brilho das anteriores”. Nos dias que antecediam as comemorações já começava “a movimentar-se, principalmente os seus grupos pastoris e presépios”.³⁹⁷

Em outro texto, em tom de narrativa e diálogo entre duas pessoas, e que aparece no dia 24, véspera de Natal, fala-se sobre a cidade de Paris, e de como ela estava devido à Grande Guerra. Intitulada a “A hora da Ceia”, começava-se fazendo uma comparação entre um peru e um faisão parisiense:

– Não sei por que, aquelle Perú é esquisito. E’ um Perú phenomenal. As suas gambias rigidias, appetitosas e roliças desafiam menos a gula, que todas estas iguarias me despertam, do que um canto de lume, vendo lá fóra rolar a neve e ouvindo através da bruma os bordões da Nôtre Dame...

– Compreendo. Esse Perú lembra-te um faisão de Natal parisiense, no Paillard ou Astoria...

– Ha dois annos, com effeito, antes d’essa estúpida guerra...

³⁹⁵ Estado do Pará. Belém, 23 de dezembro de 1915, p.1.

³⁹⁶ Estado do Pará. Belém, 25 de dezembro de 1915, p.1.

³⁹⁷ Estado do Pará. Belém, 20 de dezembro de 1916, p.4.

– A guerra é a sangria fulminante da Civilização. E’ a incisão na plethora. Paris, que tu amas com uma exaltação de fanático, como Seneca amava os terebintos de Cesar a cujasombra a philosophia propiciava o enlevo e a investigação será infinitamente melhor quando findar a catastrophe.

– Possível, se tu o desejas. Mas Paris só tem uma feição. Não a abalam crises. Não a transformam cataclysmos. Era a mesma quando lhe usurparam o fastigio os esplendores de Versalhes.

[...]

A mesma, agora, sob essa coallisão titanica, que ahi está sangrando... As cidades não mudam. As cidades são o espirito intangível das civilizações altanadas ás supremas culturas. Ainda hoje, quando os francezes se batem em Verdun e no Somme, tu encontrarias o teu faisão de Natal, o teu canto tépido os teus bordões da Nôtre Dame, o teu “réveillon”.³⁹⁸

O que temos acima então, é uma narrativa que fala sobre a cidade de Paris, e mostra duas pessoas apontando seus pontos de vista em relação à cidade devido a guerra. Uma das pessoas, teceu comentários sobre as feições da cidade, e como ela pode estar abalada devido ao conflito, tanto que no final da narrativa, esta mesma pessoa fala o seguinte; “– A que te sabe este champagne? – Ao sangue das trincheiras, ao incêndio de Reims, à carnificina da Argonne... – Terrível guerra! – Maldição aos que a fizeram! – Maldição! Maldição”.³⁹⁹ A outra pessoa, defende a cidade, falando que apesar da guerra, Paris continua deslumbrante, e que nenhuma crise é capaz de abalá-la.

Com a guerra sendo refletida, a cidade continuou com suas comemorações de final de ano. Como nos anos anteriores, o Natal foi comemorado, e assim descrito, quase como oração, em 1916, pelo jornal *Estado do Pará*:

Enquanto povos se trucidam em combates sangrentos e horríveis, o aniversario de Christo passa, como uma ironia bendita de mansidão e carinho, assim como um soluço de dor incontida e amargurada! “Perdoa-lhes, Pae; elles não sabem o que fazem!”⁴⁰⁰

Aos festejos de final de ano, de 1917, se juntaram festivais, em benefício da “Cruz Vermelha” de países como o Brasil e a Inglaterra. Ou seja, a cidade que todos os anos se achava movimentada, como pudemos ver acima, somou aos seus festejos, a uma ajuda para os afligidos pela guerra europeia.

A arrecadação de fundos em prol para a “Cruz Vermelha” dos países europeus, começou em Belém, ainda em 1914, primeiro ano de guerra. A partir dos jornais,

³⁹⁸ Estado do Pará. Belém, 24 de dezembro de 1916, p.1.

³⁹⁹ Ibidem.

⁴⁰⁰ Ibidem, p.3.

podemos ver que em 1914, houve uma reunião, convocada pelo cônsul de Portugal, e por todas as sociedades lusitanas com sede em Belém, tendo sido realizada no grêmio literário português. O *Estado do Pará*, diz que; “O assumpto a tratar n’essa reunião é incontestavelmente digno do concurso de todos os portugueses, pois trata-se de obter recursos destinados à philantropica e humanitaria agremiação que é a Cruz Vermelha”.⁴⁰¹ Começando então com a arrecadação destinada aos portugueses, essas ações, como é possível concluir a partir dos jornais, passaram a ser mais frequentes, abrangendo então outros países. Em 1915, foi possível encontrar notícias que tratam da arrecadação para a Cruz Vermelha da Bélgica. Naquele momento, a pedido do Dr. Abel Chermont, cônsul deste país, “os rapazes da Associação dos Empregados no Commercio do Pará, promoveram por ocasião do ‘corso’ realizado na noite de 31 de dezembro último uma collecta em favor da Cruz Vermelha Belga”.⁴⁰²

Manifestações dessa natureza ocorreram com maior frequência, nos meses de janeiro e dezembro, e com mais assiduidade ainda, no ano de 1917. Provavelmente, isso se deu em virtude da entrada do Brasil, no conflito mundial. Por isso, em dezembro de 1917, várias ações foram realizadas, a fim de angariar fundos para os países em conflito. Por isso, como veremos a seguir, as festas de final de ano, ao que mostram os jornais, foram bastante animadas em 1917.

Sobre essas ações que ligavam o Pará à Europa, Sarges e Gomes, referem-se aos portugueses envolvidos em outubro de 1917 com a “Comissão Patriótica de Belém, em apoio à Obra de Proteção aos Órfãos de Guerra” que foi uma “instituição fundada no Rio de Janeiro, mas que foi assumida pelas colônias portuguesas residentes em várias capitais brasileiras”. A Obra tinha a “função de apoiar empreendimentos, por meio dos quais se pudesse manifestar sentimentos filantrópicos e cívicos nos portugueses”, algo certamente importante naquele contexto da I Guerra. Para tal, dentre outros eventos era inaugurado em Belém o suntuoso “Bar Portugal”. Esse havia sido construído “para funcionar por quinze dias” representando sentimentos patrióticos, sendo uma “oportunidade de reacender no espírito luso da colônia residente em Belém o sentimento nacionalista [...]”. O “Bar Portugal” ainda representava o sentimento humanitário visto que “os resultados das vendas”, somados às “subscrições nacionais arrecadadas” deveriam ser “enviadas ao

⁴⁰¹ Estado do Pará. Belém, 6 de fevereiro de 1915, p.2.

⁴⁰² Estado do Pará. Belém, 6 de fevereiro de 1915, p.2.

governo português, na Europa, para ajudar crianças órfãs, filhas de soldados portugueses mortos em combate durante a Primeira Guerra Mundial.”⁴⁰³

Ações humanitárias em prol dos atingidos pela conflagração europeia se efetivaram também em Belém, em prol da Cruz Vermelha britânica:

Conforme a publicação inserta na sexta pagina deste jornal, realizar-se-á no salão nobre do Theatro da Paz, na noite de 22 [...] do corrente uma grandiosa kermesse em prol da humanitaria associação cujo nome encima estas linhas.

Estes festejos que aguramos terão o acolhimento benevolo que o publico desta terra sempre dispensa a actos humanitarios tem o patrocínio do altruistico Governador do Estado. s. exc. o sr. dr. Lauro Sodré e sua exma esposa, dona Theodora Sodré.⁴⁰⁴

Este festival, foi bastante divulgado, pelo *Estado do Pará*, e era composto de numerosas atrações, mostrando mais ainda, o quanto as festas de fim de ano de 1917 foram bastante movimentadas, como se pode ver na imagem que segue.



FIGURA 23 - Propaganda de quermesse, realizada em Belém, no ano de 1917, em prol da cruz vermelha britânica. Estado do Pará. Belém, 15 de dezembro de 1917, p.2.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil.

As comemorações, vinculadas a atividades altruísticas em prol dos países em guerra neste ano, foram muitas e com a entrada do Brasil no conflito, realizou-se em Belém festivais agora em favor da Cruz Vermelha brasileira. Segue a imagem, que ocupava uma

⁴⁰³ SARGES, Maria de Nazaré e GOMES, João Arnaldo. “Um Bar, Uma República e Uma Guerra: Festas Republicanas Portuguesas em Belém do Pará”. In: SARGES, Maria de Nazaré, FIGUEIREDO, Aldrin Moura, AMORIM, Maria Adalina (Orgs.). O imenso Portugal: estudos luso-amazônicos. Belém: UFPA, Cátedra João Lúcio de Azevedo, 2019, p. 374

⁴⁰⁴ Estado do Pará. Belém, 15 de dezembro de 1917, p.2.

grande parte da primeira página do jornal *Estado do Pará*, veiculada no domingo, 16 de dezembro de 1917:



FIGURA 24 – Imagem que retrata um festival, realizado em prol da cruz vermelha brasileira. *Estado do Pará*, Belém, 16 de dezembro de 1917, p.1. Fonte:

Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil.

A imagem, é acompanhada de um texto que informava ao público os organizadores e as motivações para o evento: “Realiza-se hoje, rodeado dos melhores auspícios, o chá dançante e kermesse que em benefício da Cruz Vermelha Brasileira promovem gentis senhoritas e senhoras da sociedade paraense”. Para tanto, foram vendidos convites, e “a comissão (...) não teve mãos a medir com os inumeros pedidos para o comparecimento a este grandioso e surpreendente festival, que irá marcar nota excepcional nos annaes das

nossas festas patricias”.⁴⁰⁵ Com isso, em notícia intitulada “Festas Natalinas”, o jornal enfatizava que dentre as festas que se realizavam “em favor da caridosa corporação da Cruz Vermelha, avultará de certo aquella a ser efectuada, em vários dias, por entre a magia verdejante do nosso grandioso Bosque Rodrigues Alves”. O articulista afirmava que “sabendo-se da maneira incommum e altamente requintada”, com que estavam “sendo feitos os programmas para as festas”, estas “incontestavelmente”, haveriam de “ficar memoraveis nos annaes de nossa sociedade”. O programa que era feito de “maneira a agradar todos os espectadores”, teria início no dia de Natal sendo dividido em 3 partes para cada dia:

A primeira, que é a parte civica, contará de uma apotheose patriotica ás nações homenageadas, cantos guerreiros, etc.

Depois começará a parte sportivo – humoristica, despertando esta, pela proficiencia de seus organizadores, os mais completos applausos.

Desta sessão das Natalinas fará parte um acto, magnifico de graça, desempenhado pelo appreciado Bobby, o artista que fazia parte da Companhia Bell e que della se desligou para alegrar as festas do Bosque.

Em seguida teremos a parte propriamente de kermese.

[...]

As barracas espalhadas pelo bosque e originalmente ornamentadas por firmas commerciaes de nossa praça, que patrioticamente se offereceram para esse desiderato, serão servidas por distinctas senhoritas trajadas de damas de Cruz Vermelha.⁴⁰⁶

O chá dançante, ocorreu com pompa, como mostrou o jornal. A quermesse que aconteceria depois, no entanto, não ocorreu, segundo o jornal, por conta da chuva, “[...] ficando, pois, as artísticas barraquinhas armadas na terrasse do Sport Club sem serventia alguma”.⁴⁰⁷ As festas com fins caritativos iam dia a dia sendo anunciadas na imprensa. Faltando alguns dias para o festival o *Estado do Pará*, assim lembrava aos seus leitores: “Aproxima-se, ansiosamente esperado o dia inicial das radiosas festas no Bosque Rodrigues Alves em favor da nossa Cruz Vermelha.” Desse modo, segundo o registrou-se no periódico “A comissão promotora do Festival muito se tem esforçado seriamente para que o intento de tornar as Natalinas únicas no gênero se transforme na mais linda realidade”.⁴⁰⁸ Segue então, algumas das atividades realizadas no primeiro dia das comemorações:

⁴⁰⁵ Estado do Pará. Belém, 16 de dezembro de 1917, p.1.

⁴⁰⁶ Ibidem.

⁴⁰⁷ Estado do Pará. Belém, 17 de dezembro de 1917, p.1

⁴⁰⁸ Estado do Pará. Belém, 21 de dezembro de 1917, p.1.

1 – Cabo de guerra. esplendida lueta de tracção entre creanças dos dois sexos “sufragistas e pesados), por doze inteligentes e robustas creanças.

b) – “Révanche”, por 8 senhorinhas e quatro rapazes do nosso meio social damas da Cruz Vermelha e atiradores em folga.

2 – Gyncana de automoveis, por quatro possantes machinas de fabricas afamadas e internacionaes.

3 – Corrida mixta, esplendida prova cyclica e pedestre, simultaneamente, por quatro campeões internacionaes.

O festival terminará oficialmente, ao meio-dia.

A entrada é franca às pessoas decentemente vestidas.⁴⁰⁹

E assim, foram as comemorações de final de ano de 1917, que tiveram reflexos da guerra, incorporadas nelas. 1918, foi o ano do armistício, que tinha sido assinado no mês de novembro. Com isso, é natural imaginarmos, que as comemorações de Natal deste ano, seriam deslumbrantes, que a cidade estaria radiante, festejando o fim da guerra, festejando a paz, a paz que tanto se falava que o Natal trazia. No entanto, foi possível notar que esses festejos, não foram tão divulgados nos jornais, como nos anos anteriores, quando as notícias acerca de Belém, era que a cidade estava radiante, iluminada, enfeitada. Possivelmente isso se deu porque em 1918, também foi o ano da epidemia da gripe espanhola, que também se abateu sobre a capital paraense, trazendo muitas mortes. Esse problema de saúde trouxe consequências para a circulação de pessoas na cidade. A esses festejos de final de ano, se incorporou o arraial e as comemorações do Círio, que ficaram inacabados por conta da pandemia⁴¹⁰. Assim, o *Estado do Pará*; noticiou que no domingo, 22 de dezembro de 1918, teria “prosseguimento a festa de N. S. de Nazareth, que foi interrompida em novembro último por motivo da recente epidemia”.⁴¹¹

Também foi possível encontrar notícias relacionadas ao Natal, a partir do dia 24 de dezembro de 1918, quando se propagandeava uma ceia de Natal, que estaria disponível em um bar, que ficava em frente à Basílica. O anúncio informou que no “Aurora Bar” preparou-se “uma supimpa ceia de Natal para a qual se organizou um fino e escolhido cardápio, assim como uma deliciosa e completa bacalhoadá portuguesa, regada com escolhido vinho verde”.⁴¹²

Já no dia 25, as ações que seriam realizadas neste mesmo dia, foram listadas, dizendo o jornal que, “Nesta capital a comemoração do Natal é feita com tocantes actos

⁴⁰⁹ Estado do Pará. Belém, 24 de dezembro de 1917, p.1.

⁴¹⁰ A gripe espanhola era apontada nos jornais como uma epidemia, ainda que tenha atingido vários países de todo o mundo, por conta disto, a citei no corpo do texto como epidemia, e não como pandemia.

⁴¹¹ Estado do Pará. Belém, 19 de dezembro de 1918, p.2.

⁴¹² Estado do Pará. Belém, 24 de dezembro de 1918, p.4.

religiosos, pastorinhas, presépios, que relembram o humilde berço de Jesus[...]”. “Eis em synthese os festejos natalinos da noite de hoje⁴¹³. Os festejos então seriam:

ACTOS RELIGIOSOS – Na igreja do Rosario da Campina haverá missa”.

“Grupos pastoris e presepios”.

“SPORT CLUB DO PARÁ – A pirralhada que frequenta as aulas de educação physica neste Club, terá a sua festa hoje, em regozijo ao Natal”.

“SOCIEDADE DE S. VICENTE DE PAULO – Esta caridosa instituição pretende, como nos demais annos: festejar piedosamente a passagem do velho para o novo anno [...]”⁴¹⁴

Carnaval

Não podemos deixar de falar, sobre o carnaval. Comemoração bastante presente no Brasil como um todo. No carnaval de 1915, ano posterior a eclosão do conflito, temos as notícias que tratam dessa festa na cidade de Belém, mostrando que era bastante presente, e que movimentava a cidade. E já em janeiro, as notícias apontavam isto, como por exemplo “Teve regular animação a entrada do carnaval. Pelas ruas foi grande o movimento de gente, tendo-se travado à praça da República, renhidas escaramuças⁴¹⁵ de confetti e lança-perfumes”⁴¹⁶.

Com isso, nos deparamos com uma notícia bastante sugestiva, no jornal *Estado do Pará*, que nos permite perceber a relação envolvendo as duas situações de que tratam este tópico, (guerra x festejos em Belém). A guerra, de fato, parecia sempre estar presente nas discussões e na vida da população. De alguma maneira, sempre se falava dela. Já vimos que as festas não foram adiadas ou deixaram de acontecer por conta do conflito, como foi o caso do Círio, das festas de fim de ano, e agora, vemos as comemorações de carnaval. A notícia então, nos chama bastante a atenção ao dizer, que; “Entre as diversões carnavalescas marcadas para hoje, destaca-se o sumptuoso baile que vae realizar-se no salão do Bar Paraense, para o qual reina grande animação”⁴¹⁷. E para tal festa houve:

⁴¹³ Estado do Pará. Belém, 25 de dezembro de 1918, p.1.

⁴¹⁴ Ibidem.

⁴¹⁵ Escaramuça, de acordo com o dicionário online, significa, hoje; 1. Combate de menor importância. 2. Breve luta durante investida militar ou entre pequenos grupos de soldados. Sendo assim, em 1915, provavelmente possuía o mesmo significado. O que indica a questão de o carnaval, ser uma festa baseada em disputas. O significado da palavra, está disponível em: https://www.google.com/search?q=escaramu%C3%A7a&rlz=1C1SQJL_pt-BRBR920BR920&oq=escaramu&aqs=chrome.1.69i57j69i59j0l4j46j0l3.4106j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso em: 16/03/2021 às 13h30.

⁴¹⁶ Estado do Pará. Belém, 25 de janeiro de 1915, p.2.

⁴¹⁷ Estado do Pará. Belém, 6 de fevereiro de 1915, p.2.

“[...] dois grupos de distintos rapazes do nosso meio, formarão dois blocos bem “mobilizados” do que resultará uma “conflagração” carnavalesca, pois para isso vão elles “armados” até aos dentes de cofetti, lança-perfumes, e “foguetões de serpentinas prompts para formarem uma grande batalha nesse theatro. Parece-nos que o actor Luna, lançará do palco um desafio aos destemidos guerreiros. – Amanhã, os rapazes que constituem o alegre grupo dos “Temíveis” sahirão à rua, em automovel, tomando parte no corso que, á tarde, se realiza na praça República”.⁴¹⁸

Ou seja, vemos, que de fato, a guerra estava presente na notícia, quando se fala, em “conflagração”, “armas”, “mobilização”, “batalha”. Termos utilizados em tempos de guerra. Esta alusão, nos mostra, portanto, a presença desta guerra, no cotidiano dos moradores da cidade, até mesmo nas festas.

O carnaval era então, uma importante festa, que assim como as outras, apesar da guerra e do momento de crise pelo qual passava a Belém, não deixou de ser comemorado. Levando a alegria e movimentando a cidade e seus moradores. Em janeiro de 1916, assim se descrevia o início dos festejos, “Approxima-se a quadra da Folia [...] desde já se preparam os foliões, se movimentam os clubs carnavalescos para a comemoração [...]”.⁴¹⁹ Dias depois, publicava o jornal *Estado do Pará*, que “O Carnaval entra triumphalmente na capital paraense, encontrando uma população feliz e alegre, prompta a participar-lhe das loucuras desculpaveis e delicias”.⁴²⁰ Desse modo, para as comemorações que ocorriam nas ruas e salões da cidade, as lojas anunciavam constantemente, a venda de artigos. Como podemos ver na imagem abaixo:



FIGURA 25 – Anúncio de venda de artigos para o carnaval de 1916, Estado do Pará, Belém, 13 de fevereiro de 1916, p.4.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital Brasil.

⁴¹⁸ Ibidem.

⁴¹⁹ Estado do Pará. Belém, 16 de janeiro de 1916, p.1.

⁴²⁰ Estado do Pará. Belém, 22 de janeiro de 1916, p.3.

O carnaval foi assim como o Círio, e o Natal, no período aqui estudado, um evento que se caracterizou por várias comemorações. Vemos nos jornais a presença de blocos de rua, bailes, como por exemplo; “uma festa carnavalesca muito *chic*, onde as senhoritas darão uma nota de fina elegância, será o esplendido sarau promovido esta noite [...]”.⁴²¹ As comemorações eram tantas, que o *Estado do Pará*, deixava claro que “Não é somente com saraus que se festeja o carnaval: a gente se diverte também rindo a fartar às troças de uma peça *theatral* de espírito”.⁴²²

Além disso, possivelmente pelos problemas decorrentes da crise de exportações de borracha, o jornal falava sobre o carnaval do ano de 1917, como sendo triste e diferente dos anos anteriores, conforme pode-se perceber na notícia que segue:

Não há o mesmo amor, a borbulhante ternura emocional, engaste das almas todas por este tempo de *sympathia* mútua. Antes dir-se-ia o povo mais amavel, mais dôle, mais *commedido*. Hoje não há mais o entusiasmo, o suave deleite de hontem”. É ainda dito pelo jornal, que “O cidadão não vem à rua para divertir-se, vem para enfeiar-se”.⁴²³

A crítica se estendia ainda aos gêneros alimentícios vendidos na cidade, da seguinte forma;

Por isto, neste humido e pardacento mez de chuvas impenitentes, aos domingos, á tarde, o povo apressado, às vezes, mal-comido, porque os generos estão pela hora da morte, tudo se paramenta bem ou mesmo grotescamente e vem para a avenida, *afflicto*, olhar os outros mais abonados, envoltos que vão naqueles – mais de appetites fortes, violentos, – *incommensuraveis*.

Os automoveis passam e repassam cheios de gente alegre, de olhos inflamados pelo ether *aggressivos* dos combatentes que, *luctam*, venturosamente, numa *promiscuidade* cosmopolita, fraternal, de povo civilizado.⁴²⁴

Já no carnaval de 1918, essas questões políticas, surgiram novamente, mas com um cunho contrário, a notícia, por sua vez, diz que, por um momento, (período do carnaval), a guerra e a crise precisam ser deixadas de lado, para que se possa ter momentos de felicidade, e comemorar a festa realizada ao deus da alegria. O jornal, assim se referia às festas naqueles dias da conflagração mundial:

Bailes aqui, *maxixadas* acolá [...] tudo em honra do deus da *pandega*, que nada sabe de guerra, nem de crise, nem de política, que não é

⁴²¹ Estado do Pará. Belém, 26 de fevereiro de 1916, p.2.

⁴²² *Ibidem*.

⁴²³ *Ibidem*.

⁴²⁴ *Ibidem*.

candidato a cousa alguma que é apenas Momo, Momo somente, deus pagão de todos os credos [...] e das almas alegres.⁴²⁵

Vale lembrar que o Brasil entrou na guerra, em 1917. No entanto, foi após o carnaval. Então, no ano de 1918, nessa mesma notícia citada anteriormente, apareceu uma marchinha de carnaval⁴²⁶ que dizia:

A guerra estourou,
 Veio o Carnavá,
 Vamos p'ra guerra,
 Vamos briga.
 Côro
 Viva o Brasil,
 viva o Pará,
 a guerra estourou
 vamos briga.
 Te alista rapaziada
 No 47;
 Com nós ninguém se mete...
 No Brasil ninguém tem medo,
 Oia o torpedo!
 Elle vem do á,
 Elle vem do má, [...]

A letra da música fazia uma alusão tanto ao carnaval, quanto à guerra, sugerindo a presença do conflito no cotidiano e no imaginário dos paraenses, do contrário os versos da marchinha não fariam sentido.

As alegrias do carnaval, porém, não deixaram de ser, alvo de críticas, publicadas no *Estado do Pará*, no ano de 1917. Segundo o jornal toda a animação, todas as comemorações, eram insensatas, em uma época em que a cidade estava assolada por uma crise. Assim dizia a notícia “Estamos em plena época de carnaval. Pela cidade, de par com a repressão suave e acertada do jogo, há júbilo e expansão: de tudo surge essa volúpia de alegria suavizadora da nossa velha crise dessoradora”.⁴²⁷ Com isso, “Há um gozo

⁴²⁵ Estado do Pará. Belém, 27 de janeiro de 1918, p.3.

⁴²⁶ Ibidem.

⁴²⁷ Estado do Pará. Belém, 18 de fevereiro de 1917, p.1.

momentaneo: a bondosa sociedade ri ou finge achar bonito, e todos, louvando a Deus!⁴²⁸ são felizes por estes momentos de expansão colectiva”.⁴²⁹ Ou seja, era como se a crise e os problemas aos quais a cidade enfrentava, ficassem mascarados em épocas de carnaval.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Primeira Guerra Mundial, teve reflexos na cidade de Belém, dado seu caráter imperialista. Segundo Hobsbawm (2019), a Era dos Impérios, gerou uma era de guerras mundiais sem paralelo.⁴³⁰ Contudo, sendo a capital paraense muito distante da Europa, ao longo da dissertação constatamos, que sem deixar de lado o cenário de guerra, que envolvia a cidade pelos jornais, pelas revistas e pelo cinema, a cidade continuava a receber migrantes, e mantinha seu movimento comercial com a exportação de látex, com as pessoas comemorando e consumindo, apesar, da guerra e da crise.

No período da guerra, que diz respeito ao corte cronológico proposto, observou-se por meio dos jornais pesquisados que foram tempos de dificuldades, vividos em cerca de quatro anos do século XX, isto é, de 1914 até 1918. I Grande Guerra, a primeira pandemia do século XX, a Gripe Espanhola (1918), e uma grave crise que mudou os rumos da economia da Amazônia, isto é a Crise da Borracha, foram eventos que se entrelaçaram dando a tônica do cotidiano da capital paraense.

Com isso, finalizamos essa dissertação, compreendendo que em vários momentos a guerra foi se refletindo na cidade de Belém, que já convivia com a crise da borracha. Seja com relação ao aumento de preço dos gêneros, por parte dos comerciantes, logo no início do conflito, com a justificativa de que a população passaria fome, seja com relação aos cinemas e teatros da cidade, que passaram a exhibir respectivamente filmes e peças, que retrataram o conflito, e seja também, como vimos nestes últimos tópicos, com relação a algumas festas que ocorriam na cidade, que não deixaram de existir por conta do conflito.

Belém foi uma cidade que anos antes, viveu momentos prósperos e teve uma parte de seu espaço urbanizada, com a crise da borracha, a seca e 1915-1916, a guerra e a pandemia de gripe, novas preocupações passaram a fazer parte da vida de muitos moradores da cidade, que diante dessas crises, conforme vimos não deixaram de criar ações filantrópicas e humanitárias tanto para, por exemplo os flagelados pelas estiagens

⁴²⁸ O carnaval, no período estudado, ao que se pode notar, através do jornal, é uma festa pagã, que é destinada a homenagear o Deus Momo.

⁴²⁹ Estado do Pará. Belém, 18 de fevereiro de 1917, p.1.

⁴³⁰ HOBBSAWM, Eric J. Op. Cit., 2019, p.25.

do Ceará, que chegavam à capital paraense, como para pessoas que viviam na Europa e que eram diretamente atingidas pela Guerra. As ajudas à Cruz Vermelha de países envolvidos na guerra refletem isso.

Assim, os reflexos dessa guerra chegaram em uma cidade com sérios problemas financeiros. Isso, no entanto, como vimos nas fontes, não foi suficiente, para que a cidade, deixasse de viver momentos de alegria, com as comemorações, que apesar destas questões, não deixaram de existir. Ainda que com duras críticas, justamente por conta dos problemas financeiros, como vimos no carnaval de 1918. Por isso, com a periodização apresentada na dissertação, isto é 1914 a 1918 consideramos que foi possível de um lado, pensar o espaço da cidade de Belém, e de outro lado entender como esse evento foi mostrado nos jornais paraenses, conectando assim Belém com o contexto mais amplo da própria guerra e igualmente o contexto experimentado na capital paraense.

Consideramos que esses fragmentos do passado que chegaram até nós na atualidade, só foram possíveis por meio da imprensa periódica que diariamente alcançava as ruas e as casas dos moradores de Belém trazendo as dores da guerra, a crise da borracha, o medo da fome, as mortes dos soldados, os posicionamentos dos governo brasileiro sobre o conflito, as opiniões de pessoas variadas, mas também as alegrias do carnaval, o prazer de ir ao cinema, ainda que os filmes fossem de guerra, e as esperanças de tempos melhores.

Em um cenário como o que vivemos hoje em que uma pandemia que nos entristece e nos ameaça, essas histórias da guerra tão perto de nós, podem servir para nos ensinar que dias melhores sempre chegam.

FONTES

JORNAIS

Folha do Norte – 1914, 1915, 1916, 1917, 1918.

Estado do Pará – 1914, 1915, 1916, 1917, 1918.

A Palavra - 1916

REVISTAS

Revista do Ensino, v.2, n.10, 15 de junho de 1912.

Revista O Malho, Rio de Janeiro, ed. 30 de Janeiro de 1915.

Revista O Record, Belém, dezembro de 1918, V.1, n.10.

Revista “Pará Médico”, Belém, 1915.

LITERATURA

REMARQUE, Erich M. *Nada de novo no front.* – Porto Alegre [RS]: L&PM, 2018.

REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, Ana Paula. O cinema português durante a Primeira Guerra Mundial. II Encontro Cinema e Território: Um lugar de poder. Universidade da Madeira, Funchal, 2014.
- ALMEIDA, Carlos Roberto de Melo. A Grande Guerra (1914-1918) e os Boletins Semanais de Júlio Mesquita. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2017.
- ALVES, Isidoro. A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré. Estudos Avançados 19 (54), 2005.
- BACCA, Renzo Ramírez. “Estudios sobre la Primera Guerra Mundial en America Latina. Una mirada comparada”, Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura 42.2. 2015.
- BARBOSA, Marialva Carlos. Formas de fazer jornal: história das práticas e processos jornalísticos. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, Ano 13 n.13, p. 55-70, jan/dez. 2009.
- BATISTA, Luciana Marinho. “As formas de acumulação e a economia da borracha no Grão-Pará, 1840-1870”. In: FIGUEIREDO, Aldrin Moura de & ALVES, Moema Bacelar (orgs.). Tesouros da memória: história e patrimônio no Grão-Pará. Belém: Ministério da Fazenda – Gerência de administração no Pará/ Museu de Arte de Belém, 2009.
- BENJAMIN, W. “Paris, capital do século XIX” (exposé de 1935) In: BENJAMIN, W. Passagens. Belo Horizonte, Editora UFMG e São Paulo, Imprensa Oficial, 2007.
- Biblioteca Pública do Pará. Jornais PARAoaras: Catálogo. – Belém: Secretaria de Estado e Cultura.1985.
- BENEDETTI, D. V. L. As consequências da Primeira Guerra Mundial nas atividades da Societé Musicale Indépendante – SMI Revista Música Hodie, Goiânia, V.18 - n.2, 2018.
- BONOW, Stefan Chamorro. Revista Mundos do Trabalho, vol. 2, n. 4, 2010.
- BRUM, Cristiano Enrique de. A medicina vai à guerra: a missão médico-militar brasileira na França durante a Primeira Guerra Mundial (1918-1919). História: Debates e Tendências – v. 14, n. 2, jul./dez. 2014.
- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. Fotografia e Jornalismo: da prata ao pixel – discussões sobre o real. Líbero – Ano X – nº 20 – Dezembro, 2007.
- CANCELA, Cristina Donza. Casamento e família em uma capital amazônica (Belém 1870-1920). Belém: Açaí, 2011.

CARDOSO, Wanessa Carla Rodrigues. Arautos da Civilização: Circuito de Livros de História Pátria no Pará (1890- 1920). Tese de Doutorado Defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará, 2020.

CARNEIRO, Eva Dayna Felix. Belém entre filmes e fitas: a experiência do cinema, do cotidiano das salas às representações sociais nos anos de 1920. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Belém, 2011.

CARVALHO, Samantha Viana Castelo Branco Rocha. As Agências de Notícias e o Fluxo Internacional de Informação. PASSAGENS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará v. 11, n. 1, jan./jun. 2020.

CASTRO, Adler Homero Fonseca de. O Brasil na 1ª Guerra Mundial e a DNOG. Revista Brasileira de História Militar. Nº14, 2014.

CASTRO, Anna Raquel de Matos. Ciência, Política e Propaganda: a representação paraense na Exposição das Indústrias e do Trabalho em Turim (1911). 2020. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós - Graduação em História Social da Universidade Federal do Pará.

CHARTIER, Roger. História Cultural – Entre práticas e representações. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

COELHO, Geraldo Mártires. O jornal O Paraense e as ideias liberais no Pará de 1822. Seminário Internacional Independências nas Américas – 190 anos da Independência do Brasil na Bahia. Fundação Pedro Calmon, 2014.

COELHO NETO, Francisco da Silva. Entre fitas e palcos: Um panorama do cinema belenense (1917-1920). XXVIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis 2015.

COMPAGNOM, Oliver. O adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra/Tradução de Carlos Nougué. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

CORREIA, Sílvia Adriana Barbosa. Cem anos de historiografia da Primeira Guerra Mundial: entre história transnacional e política nacional. Revista Topoi, Rio de Janeiro, v. 15, n. 29, p. 650-673, jul./dez. 2014.

DARÓZ, Carlos. O Brasil na Primeira Guerra Mundial: a longa travessia. São Paulo: Contexto, 2016.

DE CASTRO ABREU JR, José Maria. O vírus e a cidade: Rastros da gripe espanhola no cotidiano da cidade de Belém (1918). Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em História (PPGH), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

- FARIAS, William Gaia. A construção da República no Pará (1886-1897). Belém: Açai, 2016.
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura Figueiredo. Páginas antigas: uma introdução à leitura dos jornais paraenses, 1822-1922. Margens (UFPA), Abaetetuba, PA, v. 2, n. 3, p. 245-266, 2005
- GARAMBONE, Sidney. A Primeira Guerra Mundial e a Imprensa Brasileira. Rio de Janeiro: Maudad, 2003.
- HALL, Stuart. (1980). Codificar y Decodificar En: Culture, media y lenguaje, London, Hutchinson, 1980. Pág. 129-139 Traducción: Carlos Rusconi y Ariadana Cantú. Dpto. de Cs. De la Comunicación, Universidad Nacional de Río Cuarto.
- HASTINGS, Max. Catástrofe - 1914: a Europa vai à guerra. Tradução Berilo Vargas. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- HOBBSAWM, Eric J. A Era dos Impérios – 1875-1914 – 26ª ed – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- HOBBSAWM, Eric J. Era dos Extremos: O breve século XX – 1914- 1991. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LACERDA, Franciane Gama. Migrantes Cearenses no Pará: Faces da sobrevivência (1889-1916). Belém: Ed. Açai/Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA)/ Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010.
- LACERDA, Franciane Gama; VIEIRA, Elis Regina Corrêa. O celeiro da Amazônia: agricultura e natureza no Pará na virada do século XIX para o XX. Topoi (Online): revista de História, v. 16, p. 157-181, 2015.
- LIMA, Bezerra Marcos. Uma Roda-Gigante do Poder: Disputas Políticas Entre os Jornais o Estado do Pará e Folha do Norte no Contexto do Movimento de 1930 em Belém do Pará. XVI Encontro Estadual de História Anpuh-RS, 2022.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos In. PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) Fontes Históricas, São Paulo: contexto, 2006.
- MACÊDO, Sidiana da Consolação Ferreira de. Daquilo que se come: uma história do abastecimento e da alimentação em Belém (1850-1900). Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia. Belém/Pará, Universidade Federal do Pará, 2009.
- MACÊDO, Sidiana da Consolação Ferreira de. Do que se come: uma história do abastecimento e da alimentação em Belém, 1850-1900- 1. ed. São Paulo: Alameda, 2014.

MARTINS, Maria José Moraes. A Gripe Espanhola em Belém, 1918: Cidade, cotidiano e medicina. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História. Belém/Pará, Universidade Federal do Pará, 2016.

MARTINS JÚNIOR, Rui Jorge Moraes. Visto, logo existo: moda, sociabilidade feminina e consumo em Belém no limiar do século XX. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2010.

MATOS, Maria Izilda S, de. Por uma possível História do Sorriso: institucionalização, ações e representações. São Paulo: Hucitec, 2018.

MIRANDA, Aristóteles Guilliod de ; ABREU JUNIOR, José Maria De Castro . Razões do esquecimento: em busca dos vestígios do Sindicato Médico Paraense. Revista Pan-Amazônica de Saúde (Online), v. 6, p. 11-21, 2015.

MORSE, Richard. “As cidades ‘periféricas’ como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina”. Estudos Históricos, vol8, no. 16, 1995.

NOGUEIRA, Yasmin Carina Nunes e LACERDA, Franciane Gama; 'Uma Aparência Sã e Florescente': representações da saúde feminina nos jornais paraenses (1910-1920). Gênero na Amazônia, Belém, v. 16-18, 2020.

PANTOJA, Vanda. MAUÉS, Raymundo Heraldo. O Círio de Nazaré na Constituição e Expressão de uma Identidade Regional Amazônica. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, N. 24, P. 57-68, JUL./DEZ. DE 2008.

PEREIRA, Pablo Nunes. A Marinha de Guerra na Amazônia: Segurança e Modernização (1890-1918). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará, 2017.

PEREIRA, Pablo Nunes; FARIAS, William Gaia. A Marinha do Brasil e a Primeira Guerra Mundial: reverberações do Conflito Internacional na Amazônia (1914-1917) Revista da Escola Superior de Guerra, v. 35, 2020.

PEREIRA, Pablo Nunes. Os almirantes dos rios: relações sociais, poder e combate fluvial na Amazônia (1868-1924). Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará, 2021.

PIRES, Livia Claro. A Liga Brasileira pelos Aliados e o Brasil na Primeira Guerra Mundial. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo, julho 2011

- PIRES, Livia Claro. Os inimigos da Nação: A Liga Brasileira Pelos Aliados e os Discursos Sobre o “Perigo Alemão” Durante a Grande Guerra (1915-1919). *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 8, n. 1, jan./jun. 2015.
- REMARQUE, Erich M. Nada de novo no front. – Porto Alegre [RS]: L&PM, 2018.
- REVAH, Mario Ojeda. América Latina y la Gran Guerra. Un acercamiento a la cuestión Política y Cultura, Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Xochimilco Distrito Federal, México. Núm. 42, 2014.
- RODRIGUES, Luiz César Barreto. A Primeira Guerra Mundial. 4. Ed - São Paulo: Atual: Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.
- SANTOS, Ana Lúcia Prado Reis dos. *Imprensa Brasileira no Ocaso da Belle Époque: a Primeira Guerra Mundial sob o Olhar dos Jornais Paraenses*. Tese (Doutorado em Ciências da Informação) - Universidade Fernando Pessoa, 2016.
- SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. “Capítulo 9 – O Grande colapso”. In: *História econômica da Amazônia: 1800-1920*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.
- SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2000.
- SARGES, Maria de Nazaré e GOMES, João Arnaldo. “Um Bar, Uma República e Uma Guerra: Festas Republicanas Portuguesas em Belém do Pará”. In: SARGES, Maria de Nazaré, FIGUEIREDO, Aldrin Moura, AMORIM, Maria Adelina (Orgs.). *O imenso Portugal: estudos luso-amazônicos*. Belém: UFPA, Cátedra João Lúcio de Azevedo, 2019.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, André Felipe Cândido da. Nas trincheiras do front intelectual. Henrique da Rocha Lima e a Primeira Guerra Mundial no *Jornal do Commercio*. *Varia História*, v. 31, 2015.
- SILVA, Suellen Cordovil da; SILVA, Alan Victor Flor da; VIDAL, Claudia Valeria França (Orgs.). *Literatura e Artes da Amazônia Paraense: registros e investigações [recurso eletrônico]* / Suellen Cordovil da Silva; Alan Victor Flor da Silva; Claudia Valeria França Vidal (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.
- SKRZTEK, Wojciech. De Marne 1914 a Marne 1918: as grandes batalhas da Primeira Guerra Mundial *História: Debates e Tendências*, vol. 14, núm. 2, julio-diciembre, Universidade de Passo Fundo, 2014.
- SONDHAUS, Lawrence. *A Primeira Guerra Mundial*. Tradutor Roberto Cataldo. - São Paulo: Contexto, 2013.

VIEIRA, Elis Regina Corrêa. Manchete do dia: imprensa paraense e saneamento rural (1917- 1924). Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2016.

WEINTEINS, Barbara. "Pará versus Amazônia". In: A Borracha na Amazônia: expansão e decadência (185-1920). São Paulo: Hunatec/EdUSP, 1993.

WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.